



**Anais do II Colóquio Museus, Arquivos: Lugares de Memória
no/do Espaço Urbano /II Jornada de Estudos do Discurso no
Paraná: língua, história e memória**

09 a 11 de abril de 2019

**Campus Santa Cruz
UNICENTRO
Guarapuava-PR**

Realização:

**LABELL – LABORATÓRIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E
LITERÁRIOS**

Programa de Pós-Graduação em Letras

UNICENTRO, UFPR, UNIOESTE, UFSM, UNICAMP e Universidade de Cádiz

**Guarapuava,
2019**



ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS

GUILHERME BERALDO DE ANDRADE

MARIA CLECI VENTURINI

TATIANA BARBOSA DE SOUSA

Ressalva: Os resumos contidos neste volume são de responsabilidade dos seus respectivos autores quanto ao teor, conteúdo e revisão textual.

REVISÃO E EDITORAÇÃO

GUILHERME BERALDO DE ANDRADE

TATIANA BARBOSA DE SOUSA

Programa de Pós-Graduação em Letras

Gestão 2019- 2020

Coordenação: Maria Cleci Venturini

Vice-coordenação: Adenize Aparecida Franco

Comissão Científica	Equipe Técnica
Adenize Aparecida Franco Amanda Scherer Andreia Daltoé Célia Bassuma Fernandes Cibele Krause Lemke Claudio José De Almeida Mello Cristiane Dias Cristiane Malinoski Pianaro Angelo Denise Gabriel Witzel Edson Santos Silva Guilherme Beraldo De Andrade Lidia Stutz Loremi Loregian Penkal Luciane Baretta Luciane Trennephol Da Costa Maria Cleci Venturini Nadia Neckel, Nilcéia Valdati Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira Raquel Terezinha Rodrigues Renata Adriana De Souza Solange Gallo, Solange Mittman, Tatiana Barbosa De Sousa Verli Petri	Andrei Ribeiro Genivaldo Jardel Trajano Heloisa Baldissarell Katielli Chaves Antunes Marcia Costai Mariana Diltert Rafael Ricardo De Oliveira Scarlaty Horrarah Ferreira Taynara Leszczynski Walquiria De Lima

ISSN 2526-0685



COORDENAÇÃO GERAL

**MARIA CLECI VENTURINI
GESUALDA DOS SANTOS RASIA**

COMISSÃO ORGANIZADORA

Maria Cleci Venturini – UNICENTRO (PR) - Coordenadora

Gesualda dos Santos Rasia (UFPR) - Coordenadora

Dantielli Garcia (UNIOESTE)

Verli Petri da Silveira (UFSM)

Amanda Eloina Scherer (UFSM)

Cristiane Pereira Dias (UNICAMP)

Juan Manuel López Muñoz (Cádiz- Espanha)

ISSN 2526-0685



INDICE DE TÍTULOS

NEGRO E SOCIEDADE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

GUIMARÃES, Ângela; TULLIO, Claudia Maris

O DISCURSO PUBLICITÁRIO DO E SOBRE O TABAGISMO

TOMALAKI, Célia Luiza; TEIXEIRA, Maria Claudia

O MOVIMENTO/PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO: REFLEXÕES A PARTIR DO PL 246/2019

FERRARI, Dener Gabriel; SANTOS, Márcia Andrea dos

DISCURSO, SUJEITO E MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO/SIGNIFICAÇÃO DA ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA

TAFURI, Leandro

OS CONCEITOS DE NAÇÃO E DE POVO NO DICIONÁRIO DE POLÍTICA

MIRANDA, Luana Micheli; VENTURINI, Maria Cleci.

CINEMA, ENCARCERAMENTO E INTERPRETAÇÃO: A DERIVA DOS SENTIDOS

RAGIEVICZ, Matheus França

EDUCAÇÃO, DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO DO SER: ANÁLISE DO FILME “O SUBSTITUTO”

ROSA, Micheli; ROSA, Marieli; TULLIO, Claudia Maris

MUSEU VISCONDE DE GUARAPUAVA: SUJEITOS E FILIAÇÕES

OLIVEIRA, Rodrigo da Silva; VENTURINI, Maria Cleci

AS PRODUÇÕES DE SENTIDOS NO/DO CORPO-DISCURSO DE TALLES DE OLIVEIRA: UM GESTO DE LEITURA SOB O OLHAR DA ANÁLISE DE DISCURSO

BATISTA, Adilson Carlos

REFLEXÕES ACERCA DO TRILINGUISMO EM ESTUDOS ACADÊMICOS

SOCOLOSKI, Adriana; PUH, Milan

OS FATORES DE MANUTENÇÃO E DE SUBSTITUIÇÃO DA LÍNGUA POLONESA NA COLÔNIA DOM PEDRO II (PR)

FERREIRA, Alicja G.; MENON, Odete P. S.

REMEMORAÇÃO, INFÂNCIA E EXPERIÊNCIA: UMA LEITURA DO CONTO “DENTIÇÕES, DE MIGUEL SANCHES NETO1

CHRISTO, Alzira Fabiana de.

AMAR: A EXPERIÊNCIA DA INFÂNCIA EM *ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO?* (1987), DE ABBAS KIAROSTAMI

CHRISTO, Alzira Fabiana de; TULLIO, Claudia Maris.



OS DISCURSOS SOBRE O SUJEITO CAIÇARA NO AMBIENTE ESCOLAR

SILVA, Ana Maria da

**MARIELLE, PRESENTE: O GRAFITE PRODUZIDO POR MULHERES COMO
FORMA DE RESISTÊNCIA**

BORTOLIN, Andrielle de Chaves; GARCIA, Dantielli Assumpção

**ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DA SENTENÇA DE UMA AÇÃO DE
IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA**

TULLIO, Cláudia Maris

**ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO
DOCUMENTÁRIO *SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO***

KRÜMMEL, Elivélton Assis

DEZESCREVENDO O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BORTOLOTTI, Fernanda Seidel; KRAUSE-LEMKE, Cibele; PUH, Milan

**A RETORICIDADE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM UM *CAMPUS*
NO INTERIOR**

ANDRADE, Guilherme Beraldo de; VENTURINI, Maria Cleci

**UMA ENTREVISTA SOBRE ORGULHO HETEROSSEXUAL E HETEROFOBIA:
EFEITO DE SILENCIAMENTO DAS CONQUISTAS DA COMUNIDADE LGBT1**

LAU, Héilton Diego; RASIA, Gesualda de Lourdes dos Santos

**ESPAÇO URBANO DE GUARAPUAVA: COLONIZAÇÃO, POVOAÇÃO E
URBANIZAÇÃO**

CANALLI, Maria Lucimar; VENTURINI, Maria Cleci

**DO TRONCO AO POSTE: IMAGENS EM MOVIMENTOS – A
(DES)NATURALIZAÇÃO DE UMA RELAÇÃO CONSTITUTIVA CIDADE E
VIOLÊNCIA**

LACHOVSKI, Marilda Aparecida; KRÜMMEL, Elivélton Assis

**SABE DE NADA, INOCENTE: EFEITOS DE SENTIDO NA/EM REDE SOBRE A
MULHER**

OLIVEIRA, Rafael Ricardo de; FERNANDES, Célia Bassuma

**O FUNCIONAMENTO DO IMAGINÁRIO SOBRE LÍNGUA E ENSINO DE
LÍNGUA NAS FALAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA (LP)1**

KESSLER Kist, Rafaela

**A REPRODUÇÃO DO DISCURSO DE ÓDIO COMO LIBERDADE DE
EXPRESSÃO: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA SOBRE O CASO MARIELLE
FRANCO**

FERREIRA, Scarlaty Horrarah



O BOLERO'S BAR, NÃO FALEI E CABO DE GUERRA: REELABORAÇÃO DA MEMÓRIA DA DITADURA NO BRASIL NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

ACHRE, Simone Pinheiro; FIUZA, Adriana Aparecida de Figueiredo

INSTITUTO INHOTIM: O ESPAÇO-MUSEU E O DISCURSO MUSEOLÓGICO

SOUSA, Tatiana Barbosa de; VENTURINI, Maria Cleci



Anais do II Colóquio Museus, Arquivos: Lugares de Memória no/do Espaço Urbano /II Jornada de Estudos do Discurso no Paraná: língua, história e memória

APRESENTAÇÃO

Os eventos II Colóquio Museus, Arquivos: Lugares de Memória no/do Espaço Urbano /II Jornada de Estudos do Discurso no Paraná: língua, história e memória visam a dar continuidade aos projetos sobre museus como lugares de memória e àqueles projetos que tomam a língua em sua articulação com o discurso. Também pretendem aprofundar as parcerias já existentes entre UNICENTRO, UFPR, UNIOESTE, UFSM, UNICAMP e Universidade de Cádiz a partir de discussões em torno da relação Análise do Discurso e História das Ideias, bem como da História e da Memória, propiciando espaço para trocas teóricas, bem como para sedimentação na formação dos estudantes da Pós-Graduação e de pesquisadores de Iniciação Científica das respectivas instituições.

O 2º. Colóquio Internacional Museu e Lugares de memória no/do espaço urbano é proposto em sua segunda edição, tendo em vista o potencial apresentado pela primeira edição (<https://anais.unicentro.br/coloquiomuseus/>), que representou a culminância do projeto “Museus e arquivos: lugares de memória do/no espaço urbano”, financiado pela SETI – Universidade Sem Fronteiras – e do projeto produtividade da Fundação Araucária “Museus e Arquivos Históricos: memória e imaginários no/do espaço urbano”.

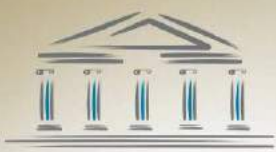
Os palestrantes vieram de diferentes estados brasileiros e de Cádiz (Espanha) e possuem produção em torno dessa temática, trazendo, por isso, muitas contribuições teóricas para os dois projetos e para a comunidade acadêmica. Essas contribuições foram disseminadas em livro publicado pela Pontes Editores, em 2017, intitulado “Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso, organizado por Maria Cleci Venturini. Vale destacar que o evento foi uma realização conjunta com o Laboratório Corpus – UFSM, coordenado pelas docentes Amanda Scherer e Verli Petri da Silveira, dando continuidade a parcerias interinstitucionais, que envolvem o Laboratório Corpus e o Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários – LABELL; com a UFPR, aprofundando parceria com a pós-graduação e com o grupo de pesquisa Interinstitucional “Estudos do Texto e do



Discurso: entrelaçamentos teóricos e analíticos – GPTD”, Alexandre Ferrari (UNIOESTE), também membro do Grupo de Pesquisa e Cristiane Dias (LABEURB) e Juan Manuel López-Muñoz, da Universidade de Cádiz – UCA e pesquisadores do Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação da Unicentro, quais sejam, Adenize Aparecida, Célia Bassuma Fernandes, Nilcéia Valdati, Maria Salete Borba, Maria Cláudia Teixeira.

A II Jornada de Estudos do Discurso: língua, história e memória apresentou-se como gesto de sedimentação do diálogo entre os estudos dos pesquisadores de Análise do Discurso no Estado do Paraná, que ocorreu no ano de 2017, em sua 1ª. edição, na Universidade Federal do Paraná, promoção do GPTD (Grupo de pesquisa Interinstitucional “Estudos do Texto e do Discurso Estudos do Texto e do Discurso: entrelaçamentos teóricos e analíticos) - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5974749838628574>, do qual a UNICENTRO, instituição agora proponente e sede do evento, é membro integrante. Na ocasião, o evento, realizado apenas com subsídios da verba PROAP, reuniu perto de 100 participantes e congregou palestrantes dos três estados do sul do país (<http://www.prppg.ufpr.br/pgletras/index.php/2017/10/24/evento-i-jornada-de-estudos-do-discurs-o-relacoes-entre-lingua-e-sentido>). O GPTD, que existe formalmente desde 2015, nasceu da necessidade de estudos teórico-metodológicos de parte dos estudantes da Pós-Graduação e bolsistas de IC da graduação com seus orientadores.

Essa etapa inicial evoluiu para o âmbito das trocas entre os pares, a da produção científica e consequente publicização em eventos científicos. No estágio atual, seus integrantes sentem-se movidos pela necessidade de criar e sedimentar um lócus próprio para o fórum de discussões, no qual possam pautar horizontalmente suas reflexões, colocando-as na perspectiva de outras produções trazidas por parceiros do estado do Paraná e mesmo de outros estados e países. Com isso, entende-se estar construindo um caminho de amadurecimento e solidificação das pesquisas. Na perspectiva dessa irradiação, propõe-se a realização bianual da Jornada, com alternância das instituições-sede, distribuídas entre diferentes integrantes do grupo de estudos e pesquisas.



NEGRO E SOCIEDADE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

GUIMARÃES, Angela Jocelia. (UNICENTRO)¹
TULLIO, Claudia Maris. (UNICENTRO)²

Resumo: A partir da perspectiva social em estudos culturais e questão de identidade, analisaremos a figura do negro no filme *Get out* “Corra” de Jordan Peele (2017), com base nos estudos de Hall (2006); Moscovici (2009) que nos mostra como se dá essas representações sociais; observar o papel imposto ao negro e como acontece essa imposição; Bauman (2005) por meio da sociologia apresenta a Identidade em uma construção e suas transformações; e Duarte (2002) a fim de observarmos e compreender um filme e quais representações estão sendo enfatizadas. A pesquisa encontra-se em andamento, porém é possível reiterar o posicionamento de Hall ao enfatizar que a construção da identidade se dá pela diferença.

Palavra-chave: O negro; Cinema; Identidade.

¹ Aluna do curso de Graduação em Letras – UNICENTRO, 36angelajogui@gmail.com.

² Professora Orientadora, Doutora em Estudos da Linguagem, Curso de Letras – UNICENTRO, claudiatullio31@yahoo.com.br.



2º COLÓQUIO
INTERNACIONAL
MUSEUS, ARQUIVOS:
LUGARES DE MEMÓRIA
NO/DO ESPAÇO URBANO

II Jornada de Estudos do Discurso no
Paraná: Língua, História e Memória

09 a 11 de Abril 2019

O DISCURSO PUBLICITÁRIO DO E SOBRE O TABAGISMO

TOMALAKI, Célia Luiza ¹
TEIXEIRA, Maria Cláudia ²

Embasado na Análise de Discurso francesa, conforme preconiza Michel Pêcheux na França, bem como expansão dos conceitos teóricos e materialidades de análise, empreendidos por Eni Orlandi, no Brasil e outros estudiosos, este trabalho toma como *corpus* propagandas de cigarro veiculadas pelas mídias impressas, televisivas e digitais do século XX e início do século XXI com o objetivo de compreender os modos como o cigarro/tabaco/tabagismo foi discursivizado e os efeitos de sentido para e por sujeitos. O presente trabalho está em sua fase inicial de pesquisa e o que propomos é apresentar nossa proposta que, metodologicamente, se inicia pela construção de um arquivo com as propagandas de cigarro veiculadas por mídias digitais e impressas buscando por regularidades e rupturas sobre o cigarro e o sujeito fumante. Mesmo em fase inicial de pesquisa, percebemos um imaginário social em torno da prática do tabagismo em que o cigarro e o sujeito fumante eram significados, no discurso publicitário, pela força, pela liberdade, pela irreverência e alegria, o que produzia a ilusão de *status* e fonte de poder. Entretanto, em dado momento histórico e social, as imagens transmitidas na mídia rompem com esse imaginário de força, poder e liberdade e, na própria embalagem de cigarros, o discurso é outro: e a imagem do sujeito fumante é significada pela fraqueza, pela doença e pelo vício. Assim, buscamos dar visibilidade aos discursos que sustentam essa prática social que passou de um sentido de força e liberdade para um sentido de fraqueza e dependência.

Palavras-Chave: Discurso; Sentido; Sujeito.

1 Aluna do curso de Graduação em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa – UNICENTRO Campus de Coronel Vivida-PR, e-mail. Celia.tomalaki@gmail.com.

2 Orientadora. Professora Ms. Em Letras UNICENTRO. e-mail. m_teixeira5@yahoo.com.br.



O MOVIMENTO/PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO: REFLEXÕES A PARTIR DO PL 246/2019

Dener Gabriel FERRARI¹
Márcia Andrea dos SANTOS²

RESUMO: Embora tenha sido fundado no ano de 2004, o Escola Sem Partido (ESP) apenas começou a ganhar força no ano de 2014, a partir da proposição, no Congresso Nacional, do PL 7180/2014 de autoria de Erivelton Santana (PSC/BA). Desde então, 116 projetos, de acordo com os números disponíveis, já foram propostos em diversas esferas de poder e vêm suscitando à sociedade brasileira um intenso debate. Basicamente, esses projetos partem do pressuposto de que dentro das salas de aula brasileiras estaria ocorrendo um sistemático processo de doutrinação, no qual os professores abusam da liberdade de ensinar e buscam transformar seus alunos em uma cópia ideológica de si mesmos. O PL 7180/2014 e demais pensados tramitaram e acabaram arquivados no final da 55ª legislatura. No entanto, no início de 2019, a deputada Bia Kicis (PSL/DF) propôs o PL 246/2019, que, por também tentar implementar o programa ESP, acabou desarquivando todos os demais. Assim, por esse motivo e por ser um dos últimos textos propostos, consideramos esse último como de extrema importância e o tomamos como objeto de análise desta comunicação. A análise se dará acerca de alguns artigos que nos chamaram particular atenção, bem como de alguns pontos da justificativa do projeto. O aporte teórico mobilizado englobará conceitos da Análise de Discurso proposta por Pêcheux (2014 [1975]) e revisitada por Orlandi (2006; 2013), do espaço escolar (ALTHUSSER, 1985; CHAUI, 2016; ORLANDI, 2011) e das formas do silêncio (ORLANDI, 2007). Os resultados preliminares fazem ressoar outras análises sobre o ESP (SILVEIRA, 2018; MARTINS; et. al., 2018), na medida em que também o compreendemos como um projeto que busca silenciar o professor dentro de sala de aula.

Palavras-chave: Escola Sem Partido; Discurso Pedagógico; Análise de Discurso.

Simpósio: Ensino e discurso: os atravessamentos da/na língua materializados nos lugares de ensino.

¹ Graduando em Letras – Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Linguagem (GEPEL). ferraridenergabriel@gmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Departamento Acadêmico de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), atuando no Curso de Letras e no Mestrado em Letras. marsan@utfpr.edu.br.



2º COLÓQUIO
INTERNACIONAL
MUSEUS, ARQUIVOS:
LUGARES DE MEMÓRIA
NO/DO ESPAÇO URBANO

II Jornada de Estudos do Discurso no
Paraná: Língua, História e Memória

09 a 11 de Abril 2019

DISCURSO, SUJEITO E MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO/SIGNIFICAÇÃO DA ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA

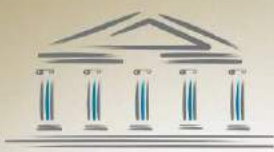
IAFURI, Leandro¹

Resumo

Esse texto constitui-se numa relação de interface Língua/Jornalismo, na qual tomamos como objeto de estudo o discurso sobre a violência no cenário urbano. O objetivo principal é analisar os discursos sobre a morte como espetáculo, a partir de reportagens que trazem como foco principal notícias acerca de crimes que chocaram e despertaram o interesse da sociedade, notícias que foram espetacularizadas pela mídia e que entraram no centro das discussões. Para isso, recortamos os crimes representados na mídia como eventos, buscando pela discursivização os modos como esses discursos rompem com a normalidade pela “norma identificadora”. Evidenciou-se neste trabalho que as redes parafrásticas sustentam e atualizam o espetáculo discursivo sobre a morte nas revistas semanais brasileiras.

Palavras-Chave: Espetacularização; Crimes; Mdrasta.

¹ Professor da Faculdade Guairacá e do Colégio Guairacá – Guarapuava/PR. Professor QPM – SEED/PR. professortafuri@gmail.com.



OS CONCEITOS DE NAÇÃO E DE POVO NO DICIONÁRIO DE POLÍTICA

MIRANDA, Luana Micheli¹
VENTURINI, Maria Cleci²

Resumo

Esse trabalho tem como corpus de pesquisa o *Dicionário de Política* dos organizadores Norberto Bobbio, Nicola Metteucci e Gianfranco Pasquino, da editora Universidade de Brasília: 13ª edição, 4ª reimpressão de 2010. A perspectiva teórica é a da Análise do Discurso de linha francesa, aliada ao campo da História das Idéias Linguísticas. Pelo dicionário político buscamos recortar os conceitos de povo e de nação com vistas a verificar quais as redes parafrásticas constituídas a partir deles e por quais mecanismos se constituem essas redes. Para finalizar, como o projeto está em andamento podemos perceber que as palavras 'povo' e 'nação' dão visibilidade ao modo como os sujeitos europeus 'se significam' e como significam a sua pátria, diferente do nosso continente Americano.

Palavras-Chave: Dicionário político; nação; povo.

¹ Aluna do Curso de Letras Português e Literatura da UNICENTRO, bolsista CAPES, e-mail: luamiranda259@gmail.com.

² Professora Orientadora, Doutora em Estudos da Linguagem, Curso de Letras Português, e-mail: mariacleciventurini@gmail.com.

CINEMA, ENCARCERAMENTO E INTERPRETAÇÃO: A DERIVA DOS SENTIDOS¹

RAGIEVICZ, Matheus França²

Resumo

Inscrevendo-nos na Análise de Discurso, doravante AD, de matriz pecheuxiana, refletimos sobre o papel do cinema na coleta de *atos de linguagem* que constituiu a pesquisa “Leitura e interpretação: olhares sobre adolescentes em conflito com a lei”, na qual participamos, em encontros semanais, adolescentes que cumpriam medida socioeducativa de privação total de liberdade em um Centro de Socioeducação – CENSE da região metropolitana de Curitiba. No trabalho, colocamos em relevância o cinema como medialidade capaz de possibilitar a emergência de dizeres e de sentidos que, em situação de encarceramento juvenil, encontram-se regidos, administrados e geridos pelo Aparelho Repressivo de Estado – ARE. Apontamos, no processo, a recepção de materiais fílmicos pelos participantes da pesquisa e o modo como o encontro do sujeito com a materialidade fílmica, deixa derivas à interpretação.

Palavras-Chave: Interpretação; encarceramento juvenil; análise de discurso.

Introdução

No breve percurso, a ser recorrido aqui, apontamos os desdobramentos do encontro de sujeitos em situação de *encarceramento juvenil*, ou seja, adolescentes privados de liberdade, com materiais fílmicos. Partindo de pesquisa *de campo* demonstramos, brevemente, de que modo as condições de produção que marcam a situação de encarceramento de adolescentes se fazem presentes em gestos de interpretações produzidos pelos sujeitos à *socioeducação* (adolescentes encarcerados).

Trata-se de lançar um olhar sobre o percurso de pesquisa e seus instrumentos de coleta de *atos de linguagem*, sobretudo, a realização de encontros sobre cinema – *instrumento metodológico da coleta de dados* - como viabilidade de dizeres e de sentidos que ultrapassam o puro jogo imaginário que constitui as relações de interlocução no interior de instituições socioeducativa (RAGIEVICZ, 2019). Instituição esta que corresponde ao CENSE, no Estado do Paraná, e que foi palco de nosso trabalho de investigação no ano de 2018.

Inscritos na Análise de Discurso, portanto, questionamos o limite entre teoria e *atos de linguagem* no processo de constituição do arquivo, ao passo que demarcamos a confluência direta da *praxis* e do *saber* teórico no própria constituição dos gestos de interpretação que perfizeram os encontros de cinema. Portanto, damos *consequência* ao *recorte discursivo* descortinando fronteiras, limites, silêncios e vozes.

A pesquisa, que constituiu a dissertação de mestrado, teve por objetivo compreender as condições de emergência e materialização de *subjetividades*

¹ Trabalho de dissertação finalizado, Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

² Doutorando pelo PPGL/UFPR e professor substituto da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Realeza, matheusfrancar@gmail.com.



encarceradas. Aqui, por sua vez, nossas preocupações concernem em *revisitar* o percurso que possibilitou o mapeamento de sentidos, dizeres e grafias dessa subjetividade.

Metodologia

Para o trabalho, selecionou-se o planejamento da pesquisa e diálogos transcritos dos encontros sobre cinema. O movimento reflexivo é atravessado pela junção das condições de produção (privação de liberdade) e da depuração do objeto de investigação, que enlaçados pelo cinema possibilitam a produção do dizer. Com isso, nos acercamos da dimensão do *encarceramento juvenil* pelos gestos de interpretação produzidos pelos adolescentes. Trata-se de um exercício reflexivo que envolve metodologia, teoria e objetivos de pesquisa.

Resultados e discussão

Com o gesto analítico situamos o cinema como *possibilidade de dizer* que, ao tocar o sujeito participante, dispersa-se em sentidos, equívocos, não entendimentos, ranhuras. Destacamos que o cinema atua como *deriva* da interpretação, ofertando lugares e posições para os sujeitos encarcerados *poderem dizer* ou *evitarem o dizer*.

Considerações Finais

Indicamos o cinema como potencializador e catalizador de experiências subjetivas que não são registráveis em situações de interlocução *puramente* imaginárias.

Referências Bibliográficas

LAGAZZI, S. Quando os espaços se fecham para o equívoco. In: **Revista Rua** (edição especial – 20 anos/2014), Campinas, 2014. p. 155-167.

ORLANDI, E. **Interpretação** - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

RAGIEVICZ, M. **Vozes que sangram, paredes que falam**: da falha e do impossível no discurso. 2019. 225p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná – UFPR. 2019.



2º COLÓQUIO
INTERNACIONAL
MUSEUS, ARQUIVOS:
LUGARES DE MEMÓRIA
NO/DO ESPAÇO URBANO

II Jornada de Estudos do Discurso no
Paraná: Língua, História e Memória

09 a 11 de Abril 2019

EDUCAÇÃO, DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO DO SER: ANÁLISE DO FILME “O SUBSTITUTO”

ROSA, Micheli¹
ROSA; Marieli²
TULLIO; Claudia Maris³

Resumo

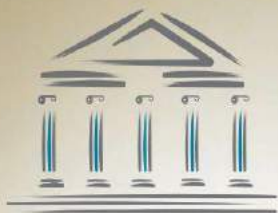
O Projeto de Extensão *CineForum* busca por meio da exibição de filmes provocar reflexões acerca das Representações Sociais, da Identidade e questões sobre ensino-aprendizagem. Dentre as exposições propostas tomamos como objeto de estudo o filme “O Substituto” dirigido por Tony Kaye em 2011. O filme analisado apresenta o conflito existencial de um professor, sendo assim pretende-se analisar a representação do profissional da educação no espaço escolar, especialmente, a formação de si e do outro no processo interacional o qual ocorre no ensino-aprendizagem. Para respaldar a análise utilizamos os estudos de Hall (2000), Guareschi (1996), entre outros. Compreende-se que o filme apresenta várias representações de docentes, por exemplo, o personagem Henry não é a figura heróica, mas está frustrado, angustiado e evita o contato com os alunos. Nesse sentido, o filme retrata um espaço o qual propicia repensar a prática docente, o fracasso escolar e o ofício do professor.

Palavras-Chave: representação, professor, contemporaneidade

1 Aluna do Curso de Graduação em Letras - UNICENTRO, e-mail michelly.hist@gmail.com.

2 Aluna do Curso de Graduação em Letras - UNICENTRO e-mail marielly_rosa@yahoo.com.

3 Professor Orientador, docente do departamento de Letras da UNICENTRO, e-mail claudiatullio31@yahoo.com.br



MUSEU VISCONDE DE GUARAPUAVA: SUJEITOS E FILIAÇÕES

OLIVEIRA, Rodrigo da Silva¹
VENTURINI; Maria Cleci²

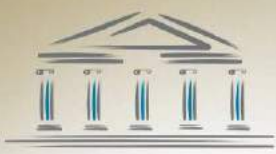
Palavras-Chave: Espaço; Memória; História

Resumo

O objetivo desta pesquisa é diferenciar, pensar o sujeito e as suas filiações na construção das narrativas museológicas que envolvem o museu, trazendo conceitos relevantes para a Análise de discurso e, demandados pelo recorte realizado em nosso corpus de pesquisa, nossa questão, em torno do museu é perguntar pelo seu funcionamento como lugar de memória, pelo qual os sujeitos se filiam ao espaço da cidade, devido à filiação dos sujeitos, os museus nunca são lugares puramente artificiais e objetivos; em termos de espaço urbano, o que se tem nesse núcleo, é a Igreja Catedral-a nova e a velha- e o museu. Nos fundos do museu há parte de uma senzala e isso significa que o Visconde possuía escravos, contraditoriamente, é dito e redito, que ele era caridoso e pagava os escravos pelos trabalhos prestados. O fato de pagar os escravos coloca em suspenso essa história é a sua veracidade, considerando que naquele período, provavelmente, a moeda de troca não era dinheiro. Diante disso, cabe perguntar, a razão desse pormenor que não é tão menor assim, ser colocado como uma informação. Sendo assim, teorizaremos sobre os museus como lugares de memória, tendo em conta o imaginário de constituição dos sujeitos que cuidam, narram o museu e, por ele o espaço urbano, bem como retomar a análise de discurso, como teoria, revendo os seus pressupostos, com vistas a analisar o museu como lugar de memória. Discutiremos a noção de sujeito ligada à ideologia e também à memória, funcionando junto ao espaço urbano, retomaremos a história de Guarapuava e a formação dos sujeitos e construir um corpus e marcar o lugar de filiação. Neste projeto, a metodologia se constitui a partir do museu e dos sujeitos aos quais se dirige o discurso museológico e também em relação aqueles que formulam as narrativas de constituição do museu. Vale sublinhar a necessidade de retomar as pesquisas realizadas pela orientadora em torno de museus e espaço urbano, especialmente, o documentário “Museu, arquivo: lugares de memória no/do espaço urbano” e o livro que resultou do projeto do mesmo nome, que contou com a participação daqueles que se filiam aos grupos de pesquisa que tem se centrado nas questões museológicas. Vale destacar que pensar o sujeito e a cidade vai demandar que se retorne um pouco da história de Guarapuava e dentro dessa história a construção da catedral, como vistas a mostrar que o funcionamento da memória social da cidade contribui para que se crie esse “visconde” bondoso, valoroso, corajoso e, sobretudo justo. Os teóricos principais a serem visitados durante essa pesquisa são Pêcheux (1997), Orlandi (1999, 2004), Catroga (1998, 2001, 2009), Venturini (2009, 2017), entre outros.

¹ Aluno do Curso de Graduação em Letras, voluntário IC - UNICENTRO,
rodrigossilvaoliveira8@gmail.com

² Professor Orientador, Doutor em Estudos da Linguagem, Curso de Letras Português, email:
mariacleciventurini@gmail.com



AS PRODUÇÕES DE SENTIDOS NO/DO CORPO-DISCURSO DE TALLES DE OLIVEIRA: UM GESTO DE LEITURA SOB O OLHAR DA ANÁLISE DE DISCURSO

Adilson Carlos Batista¹

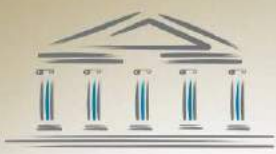
Em tempos de grandes lutas ideológicas, surgem corpos-discursos que textualizam e marcam a história, construindo memórias no social, desafiando aqueles que servem como aparelho ideológico de estado. Esse é o objetivo deste texto, não neutralizar o discurso, mas se fazer construir o simbólico que não silenciou o estudante Talles de Oliveira ao participar da cerimônia de formatura de sua graduação – Engenharia da Computação, em um dos mais conceituados institutos Brasileiros, o ITA – Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos – São Paulo. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2OJI_ux3nI>. Acesso em 01 abr. 2019.

No dia 21 de dezembro 2016, esse corpo-discurso Talles quebrou protocolos e se constituiu como um acontecimento discursivo a partir do que Pêcheux (2012) referenciou como o encontro de uma memória e de uma atualidade, a memória - o que vem a ser uma formatura e toda sua formalidade, a atualidade – quebrar esse protocolo e inserir algo novo, instaurando o que Achard (1999) refere como uma “nova rede de sentidos”, uma nova série. Para esse autor, “a memória suposta pelo discurso é sempre reconstituída na enunciação” (2012, p.17), dessa forma, todo discurso, uma vez produzido, é objeto de retomada, e a enunciação é assumida como operações que vão regulamentar a circulação do discurso.

Pêcheux (1999, p. 50), ao escrever sobre a memória, afirma que “a memória seria aquilo que, face a um texto, surge como acontecimento a ler”, porque ela vai “restabelecer os implícitos (quer dizer, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”.

Todos os elementos de uma colação de grau acadêmica são retomados, a formalidade da beca, do capelo, o juramento, a mesa com autoridades, entre outros elementos, enfim, a memória funcionando. Ela representa para o estudante uma grande conquista, é um dos mais belos momentos da jornada e compartilhado com alegria com

¹ Doutorando em Letras – Linguística pela Universidade Federal do Paraná - UFPR



os entes mais queridos, pais, amigos, parentes. É o reconhecimento para aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a vitória do estudante.

Para a instituição, é uma solenidade de grande magnitude, em que dirigentes, professores, funcionários externam seus sentimentos para mostrar que a missão da instituição de ensinar foi cumprida e que todo esforço valeu a pena.

Contudo, ao ser chamado para receber seu diploma, o sujeito Talles de Oliveira Faria sai da ordem do discurso, da memória instituída, do formal construído para esse evento de colação de grau, adentrando ao espaço com uma beca roxa, cabelos pintados de loiro, maquiagem e lábios vermelhos, salto alto, contrariando não só a formalidade instituída, como quebrando as regras com o uso dos elementos essenciais para a formatura, inclusive, as cores preta, branca e azul da faixa que fazem parte do ritual instituído para aqueles que se formam em engenharia. Esse gesto sinaliza para as diferenças que necessitam estar em evidência nas instituições, mostrando que, mesmo nos lugares mais improváveis, como uma escola militar, um curso de engenharia, o “diferente”, o “anormal”, “o gay”, “o homossexual”, se faz presente. Ressoa também que o sujeito homossexual pode estudar, sobreviver aos ataques contrários à sua orientação sexual e fazer parte daquele lugar, daquele sistema, e transformá-lo em um espaço de luta, não só de classe, mas também luta pela sobrevivência, pela vida, pelos desejos e sonhos, ressignificando sua existência e dizendo: este sujeito existe na sociedade, faz/fez e fará parte das relações sócio-históricas e culturais na formação social. Da memória, ele resiste ao tempo, da cultura do homoerotismo que o Cristianianismo apagou, do Sodomita pecador que o discurso da medicina ajudou a negligenciar, do homossexualismo, sujeito anormal e doente, que o discurso do direito despatologizou, transformando-o em sujeito de direito homoafetivo, indicando poder estar nesta ordem discursiva, não da mesma forma que os outros sujeitos, porém rompendo com os sentidos produzidos pela memória presente, instaurando a repetição, novas regularizações e deslocamentos, instituindo uma tensão no contexto histórico-social e cultural entre os sujeitos envolvidos.

Talles, sujeito filiado à formação discursiva LGBTI, desfila pelo espaço, passando por todos, joga sua beca roxa ao chão, ficando somente com um vestido



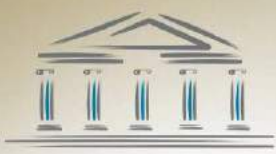
Imagem retirada do site: < <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2016/12/protesto-contr-homofobia-no-ita-gera-discussao-entre-estudantes.html>>. Acesso em 01 abr.

vermelho, composto por diversos enunciados. Neste momento, conforme destaca Orlandi (2012), “há um investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras” que o transforma em corpo-discurso, enunciando e reverberando sua filiação ideológica.

Em letras grandes em seu vestido, escritas com tintas douradas, a designação “ITA Aeronáutica”. Uso aqui o termo designação para diferenciar da nomeação, conforme Guimarães (2002), o destaque para a historicidade da instituição enquanto lugar de memória das relações tomadas na história desde 1950, quando foi fundada, em São José dos Campos, até a atualidade com passagens de muitos sujeitos que foram formados por essa instituição de ensino.

Logo abaixo da designação institucional, o sujeito corpo-discurso apresenta outros enunciados “suas tradições”: “homofobia”, “racismo”, “violência”, entre outras, não visíveis na cena fílmica do vídeo analisado e noticiado. Essas palavras ressoam o real presente na história deste lugar - Instituto Tecnológico da Aeronáutica, e mais, sinaliza para todos os presentes – pais, parentes, docentes e demais autoridades: “este corpo sofreu todas essas formas de violência porque elas estão lá, produzindo o simbólico e os efeitos na vida de todos os estudantes, sujeitos homossexuais, sujeitos LGBTI”, como ele.

Esses enunciados negativos são reforçados por outros, mostrados quando o sujeito se vira de costas para a plateia, convidados e familiares que se fazem presentes, novamente, retomando a Instituição pela palavra “Excelência”, um pré-construído utilizado, normalmente, nas propagandas veiculadas nos canais de rádio e TV no *slogan* “ITA – Excelência em Educação”, porém, em vez de educação, são parafrasticamente retomados outros discursos e dizeres - “Excelência em: Machismo, elitismo e falsa meritocracia”. A palavra educação é tomada por outras, constituídas metaforicamente.



Neste jogo entre o dito e o não dito que os sentidos deslizam-se e ressignificam, colocando em suspenso o confronto do simbólico e do político, para se materializar na língua, conforme bem expôs Michel Pêcheux (2009).

Pelo discurso de machismo, ressoa que os sujeitos que fazem parte desta instituição são levados por meio de opiniões, atitudes, comportamentos e práticas desenvolvidas neste lugar, a recusa de igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, enaltecendo sempre o sexo masculino e a heteronormatividade, como se o macho fosse superior, o líder nas relações e práticas sociais. Todos aqueles que escapam a esses pensamentos e práticas ideológicas sofrem o preconceito.

Por meio do enunciado “elitismo” ressoa a posição da instituição a favor de um único grupo, a elite, sinalizando que o ITA favorece esse grupo justamente porque são seletos, ditam os bons costumes, condutas, padrões que podem ou não se fazer presentes neste espaço. Essa ideia é reforçada pelo enunciado seguinte “falsa meritocracia”, no qual o adjetivo falsa ressoa a farsa construída pelo Instituto de que somente os melhores entram e somente os melhores saem por uma questão hierárquica de merecimento, mérito. Isso sinaliza para uma prática existente neste lugar, os que passam e se formam são os merecedores pelo trajeto construído, são os vencedores. Contudo, a presença de Talles, enquanto corpo-discurso na formatura, evidencia a contradição dos pensamentos e costumes, praticados pela instituição, pois esse sujeito conseguiu passar nas disciplinas, vencer os obstáculos impostos pelo preconceito praticado lá dentro e está ali, enunciando e se mostrando para a sociedade neste ato simbólico.

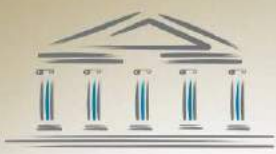
Para efeito de fechamento

O imaginário de sujeito estudante e da Instituição - ITA foram alterados neste ato simbólico de protesto, porque os gestos do sujeito Talles, suas palavras e discursos produziram sentidos e ressignificaram o modo de ver o Instituto da Aeronáutica. Como bem escreveu Pêcheux (2009), “não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia”.

Talles se colocou na ordem do dizer e enunciou no ato simbólico da formatura e logo após a cerimônia com um novo enunciado:

“A minha orientação sexual não me impediu de me formar na melhor instituição do país, ela não me faz diferente de ninguém. Eu saio daqui fortalecido por tudo que eu passei. Sei que fiz o que deveria ter feito e não me omiti da injustiça social”.

Esse enunciado que ressoa e comprova que, mesmo a Instituição sendo Machista, Elitista, apresentar uma falsa meritocracia e cultivar algumas “tradições”, como “homofobia”,



“racismo” e “violência”, o sujeito Talles, homossexual, filiado à formação discursiva LGBTI, sobreviveu e venceu neste espaço que se tornou o lugar de luta. Além disso, ressoa também que “se eu consegui, outros também podem conseguir”.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et al. (1983). **Papel da Memória**. Campinas (SP): Pontes, 1999.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Portugal: Lisboa: Editora Presença, 1974.
- COURTINE, Jean-Jacques. Chapéu de Clementis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação dos do discurso político. Trad. De Freda Indursky. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 1999.
- DIAS, Maria Berenice. **Homoafetividade e os Direitos LGBTI**. 6ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2014.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento – um estudo enunciativo da designação**. 2º Ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 2005.
- NAPHY, Willian. **Born to Be Gay – História da Homossexualidade**. Tradução de Jaime Araújo. Lisboa – Portugal: Edições 70: 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento – as formas do discurso**. 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Documentário: acontecimento discursivo, memória e interpretação. In: **Leituras do político**. ZANDWAIS, Ana; ROMÃO, Lucília Souza (Orgs). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões e deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.19, p.7-24, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e outros. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso – Estrutura ou Acontecimento**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- SPENCER, Colin. **Homossexualidade, uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

REFLEXÕES ACERCA DO TRILINGUISMO EM ESTUDOS ACADÊMICOS¹

²Adriana Socoloski

³Milan Puh

RESUMO: O presente estudo comparativo apresenta algumas reflexões sobre o tema de trilinguismo em duas comunidades de imigrantes de origem germânica no Estado do Paraná, abordando as obras “O trilinguismo no Colégio Fritz Kliewer de Witmarsum” de Elvine Siemens Dück e “Políticas, crenças e atitudes linguísticas em contexto Multilíngue” de Adriana Dalla Vecchia. Ambas tratam o trilinguismo no ambiente escolar, analisando o uso e a alternância das línguas, demonstrando como ocorrem as políticas linguísticas adotadas pelas respectivas colônias, levando em consideração as crenças dos falantes e as diferentes línguas que perpetuam o ambiente.

Palavras-chave: Witmarsum; Entre Rios; trilinguismo.

Introdução

O escrito de Elvine Siemens Dück, objetiva analisar o uso e a alternância das línguas dos discentes do colégio Fritz Kliewer, na colônia de Witmarsum, localizada no município de Palmeira-PR. Comunidades formadas predominantemente por descendentes de um grupo de imigrantes de origem alemã, conhecidos como Menonitas pelas suas crenças e práticas religiosas, migraram para o Brasil por volta do ano de 1930, trazendo consigo uma nova cultura. De outro lado, Adriana Dalla Vecchia adentra a colônia de Entre Rios, distrito do município de Guarapuava- PR. Objetivando demonstrar como ocorrem as políticas linguísticas adotadas pela colônia, levando em consideração as crenças dos falantes e as diferentes línguas presentes no ambiente.

Consoante às palavras de Siemens Duck (2010, p.155), a Colônia Witmarsum está ligada a um movimento de reemigração de alemães, que vieram da Rússia, após uma passagem pela Alemanha desembarcaram nos portos brasileiros em 1930, desse modo, formase a Colônia Witmarsum em 1951, na ex-fazenda Canela, na área do município de Palmeira-PR, por famílias menonitas da antiga colônia e atual município de Witmarsum- SC,

Os suábios do Danúbio são um povo de etnia germânica. Originados da "Suábia", ancestral região Europeia, Germânica, que na atualidade corresponde ao Estado alemão de Baden-Württemberg (Sudoeste da Alemanha). Durante o Império Austro-Húngaro, a partir de 1729, os suábios participaram de um projeto de colonização de regiões do Sudeste da Europa (Hungria, Sérvia e Romênia) que haviam sido recuperadas dos turcos. Desta maneira, deixaram sua região de origem e pelo rio Danúbio, até aquelas terras, que instalando-se principalmente em territórios que viriam a constituir a já extinta Iugoslávia. Assim ficando conhecidos como suábios do Danúbio, incorporando características das culturas, em grande

¹ Trabalho de Dissertação em Andamento, Programa de Pós-Graduação em Educação.

² Aluna do Curso de Mestrado em Educação da UNICENTRO, adrisocoloskii21@gmail.com

³ Professor Co-orientador, Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, milan.puh1@gmail.com

parte eslavas, onde passa-ram aproximadamente 200 anos. Esse fato aproxima as duas comunidades em questão, pois am-bas tiveram a experiência de (re) migração, saindo de

terras germânicas, passando pelas eslavas e instalando-se no Brasil como parte do projeto de “imigração dirigida” do estado paranaense, con-forma explicação de Ramos (2016, p.18),

Os processos de formação das colônias representaram a adoção de um novo formato com características como o planejamento e a organização na chegada desses imigrantes, garantindo melhores condições de acesso e permanência na terra, com programas de fi-nanciamentos e orientação técnica.

Os imigrantes receberam fortes incentivos do governo paranaense, e alemão, tais órgãos governamentais ofereceram todos os incentivos possíveis para garantir o êxito neste processo . Além de terras, o credito também era facilitado, por meio de financiamentos com juros inferiores ao corrente. O Brasil precisava de mão de obra experiente e rentabilidade, os imigrantes busca-vam moradia, oportunidade de trabalho crescimento, foi juntando as duas partes que a excelência aportou.

O presente estudo objetiva traçar um paralelo entre os escritos de Dalla Vichia e de Sie-mens Dück, de modo a refletir sobre o trilinguismo presente no ambiente escolar de instituições com um forte legado imigratório.

Resultados e Discussões

As representações sociais solidificam-se por meio dos discursos, das narrativas, das falas e dos significados e do que os indivíduos edificam perante suas interações sociais. Estas represen-tações podem desarticular-se, dissimular-se e ampliar determinados fatos. Nessa realidade, a lin-guagem contrai importância, sendo por meio dela que as narrações, falas e discursos objetivam-se, colocando em prática os conhecimentos comuns em uma mesma cultura.

Percebemos indícios de um projeto político-pedagógico na escolha das línguas a serem usa-das e aprendidas na Colônia Entre Rios, o alemão tem sua materialidade legitimada, diferente da escrita na variedade de língua usada na região que, apesar de manifestar-se na modalidade escri-ta, não tem a mesma legitimidade que a língua alemã, não sendo reconhecida como língua pelos institutos organizadores de testes de proficiência na língua alemã. Nesse sentido, o sistema de escrita da variedade de língua é desvalorizado perante outra língua que angaria reconhecimento internacional como tal, sendo, portanto, o que Bourdieu (2008) chama de língua legitimada. Se-gundo o autor,

A relação de forças linguísticas nunca é definida apenas pela relação exclusiva entre as competências linguísticas oponentes. E o peso dos diferentes agentes depende de seu capital simbólico, isto é, do reconhecimento, institucionalizado ou não, que recebem de um grupo: a imposição simbólica, esta espécie de eficácia mágica que a ordem ou a pa-lavra de ordem, mas também o discurso ritual ou a simples injunção, até mesmo a ame-aça e o insulto, pretendem exercer, só pode funcionar enquanto tal quando estiverem reunidas condições sociais inteiramente externas à lógica propriamente linguística do discurso (BORDIEU, 2008, p. 59-60).

A variedade de língua alemã utilizada na colônia Entre Rios, o Suábio – conforme é de-nominado pelos colonos – não tem status de língua como apresentado acima, mas é aprendida como língua materna por parte dos descendentes e usado regularmente para situações variadas de interação. Por muito tempo, esteve presente na escola para a interação do dia-a-dia, ao mesmo tempo em que os alunos, falantes de Suábio e/ou de português, aprendiam o alemão padrão como língua materna.

Com os dados coletados por Duck (2008, p.6) pode-se constatar que desde a fundação do colégio o processo de trilinguismo passou por contingentes mudanças. Dentro do quadro atual, Duck aponta que a língua portuguesa está a cada dia mais presente no ambiente. O Hochdeutsch, é a primeira língua, dentre o grupo de discentes bilíngues, é considerada importante e que vem a somar ao crescimento profissional. O Plautdietsch, por sua vez é considerado como uma língua familiar, utilizada em conversas informais, trata-se de um dialeto recoberto de memórias e valo-res.

Com a pesquisa de Dalla Vecchia, consta-se que os professores preocupam-se em manter as aulas de língua alemã atraentes. Como a exigências em relação a esse aprendizado são gran-des, a escola propôs a formar indivíduos que falem fluentemente o hochdeutsch, o schwowisch, por tratar-se de um dialeto detém-se às situações informais. A língua portuguesa, por ser o idio-ma local, e imposto a esse povo, é ministrada na escola, possui status e grande valia.

Metodologia:

A presente pesquisa de caráter bibliográfico disposta em um teor analítico na perspectiva so-ciolinguística, centrou-se nos textos “O trilinguismo no Colégio Fritz Kliewer de Witmarsum” de autoria de Elvine Siemens Dück e “Políticas, crenças e atitudes linguísticas em contexto Multi- língua” de Adriana Dalla Vecchia bem como fundamentou-se nos estudos de Elfes (1971), Duck (2008), Jodelet (2005) e Hall (2000), onde retratou a viabilidade do uso de diferentes línguas dentro do ambiente escolar, bem como sua imposição por parte da equipe docente e demais membros da comunidade escolar.

Considerações Finais:

A partir desta discussão constata-se que o grupo linguístico de origem alemã instalado na região de Guarapuava e palmeira- PR em prol da consolidação das colônias e de uma identidade étnica fortalecida institui políticas de uso das línguas em contato no mesmo ambiente, tais políti-cas regulam e determinam o trabalho com línguas nas instituições escolares.

As escolhas linguísticas, partindo dessa constatação, feitas pela comunidade reorganizam a sociedade local e a direcionam para um fim específico, contato com a Alemanha devido à identi-ficação estabelecida por esse grupo com o povo do outro país.

Além disso, elas mostram que os usos da linguagem não são neutros em referência às relações de poder na sociedade, são, por outro lado, determinados por tais relações.

Referências Bibliográficas:

- BORDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. 2 ed. São Paulo: EdUSP, 2008.
- DUCK, Elvine Siemens. O trilingüismo no Colégio Fritz Kliewer de Witmarsum (Paraná). Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2008.
- ELFES, A. Suábios no Paraná. Curitiba, PR: [s/n], 1971.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- JODELET, Denise. Loucuras e Representações Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- RAMOS, Wagner Rene. As colônias de Castrolanda, Witmarsum, Entre Rios e a Agroindustrialização do campo no Paraná. Revista NEP. Curitiba, v.2, n.3, p. 208-228, 2016.
- VECCHIA, Adriana Dalla. Políticas, crenças e atitudes linguísticas em contexto. Multilíngue. Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, 2013.



OS FATORES DE MANUTENÇÃO E DE SUBSTITUIÇÃO DA LÍNGUA POLONESA NA COLÔNIA DOM PEDRO II (PR)

Trabalho de Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Paraná

FERREIRA, Alicja G.

Aluna de Curso de Mestrado em Letras da UFPR

alicja.ferreira@ufpr.br

MENON, Odete P. S.

Professora Orientadora, Doutora em Estudos Linguísticos, UFPR

odete@ufpr.br

Resumo

A língua polonesa é uma das línguas de imigração presentes na rica paisagem linguística do Brasil. O objetivo deste artigo é apresentar os contextos e os fatores de manutenção e de substituição linguística observados durante a pesquisa sociolinguística realizada em uma comunidade de polono-descendentes no Paraná, a Colônia Dom Pedro II. Visto que a língua polonesa na Colônia não é mais transmitida para os filhos pelos pais abaixo de 35 anos, constatamos que o idioma em questão se encontra em um estágio avançado de substituição linguística. No entanto, esse processo parece ter iniciado somente a partir de quarta geração nascida no Brasil, o que prova a manutenção da língua dos ancestrais na Colônia por quase cem anos.

Palavras-Chave: língua polonesa no Brasil; manutenção e substituição linguística; línguas de imigração.

Introdução

A língua polonesa é uma das línguas de imigração presentes hoje no Brasil as quais chegaram a esse país como resultado da grande onda de imigrações europeias, que ocorreu principalmente a partir da metade do século XIX até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Embora os poloneses constituíssem somente 3% do número total de imigrantes vindos para o Brasil nesse período (IBGE, 2000), formaram eles o maior contingente dos imigrantes no Paraná, onde quase metade (48%) dos que escolheram o nosso estado para o seu novo lar era de origem polonesa (MARTINS, 1941, p. 52-53 *apud* IANNI, 1987, p. 172).

A língua trazida pelos poloneses do outro lado do oceano, que podia ser ouvida, no começo do século passado, nas ruas e nas praças de Curitiba, onde os colonos vendiam seus produtos nos dias de feira, hoje se silencia cada vez mais. Os seus redutos se limitam a algumas comunidades rurais no Paraná e no Rio Grande do Sul, entre elas à Colônia Dom Pedro II em Campo Largo, uma das primeiras colônias polonesas estabelecidas no Paraná. Foi fundada no ano 1876 como parte do plano da autoria de Adolpho Lamenha Lins de criação de um “cinturão verde” em volta de Curitiba, composto por vários núcleos coloniais que forneceriam verduras e grãos aos moradores da capital paranaense. Por décadas relativamente isolada da sociedade de acolhimento, tanto pela dificuldade de acesso físico a outras comunidades como pela desconfiança de ambos os grupos, os poloneses e os brasileiros, para com os “estranhos”, hoje em dia a Colônia goza de um acesso muito mais fácil às infraestruturas urbanas de Curitiba e de Campo Largo.

O nosso primeiro contato com a comunidade trouxe um deslumbre com a manutenção da língua polonesa na fala de alguns dos seus moradores, porém, essa sensação foi acompanhada por uma percepção do possível abandono dessa língua pelas gerações mais novas. Ambas essas reflexões motivaram o tema da Dissertação de Mestrado que tratava da presença da língua polonesa na comunidade. Vale ressaltar que esse assunto é ainda pouco explorado na literatura acadêmica tanto na Polônia como no Brasil, o que já foi sinalizado por Kulczyński (1986) em relação às línguas eslavas no Brasil 30 anos atrás:

[...] pouco se faz para um estudo mais amplo da descrição da situação linguística do grupo étnico eslavo. Há uma grande urgência destas pesquisas [...]. As colônias dos descendentes de poloneses tendem a desaparecer [...]. (KULCZYŃSKI, 1986, p. 102).

O presente texto discute apenas um dos aspectos da presença da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II, a saber, os contextos e os fatores da manutenção e da substituição linguística na comunidade.

A situação linguística na Colônia é, obviamente, uma situação de contato linguístico, na qual principalmente a língua polonesa é submetida a fortes influências da língua dominante – o português brasileiro (doravante PB). Um dos possíveis resultados de contato linguístico é a substituição linguística (*language shift*), entendida como um abandono, dentro de uma comunidade, de uma língua a favor de outra (FASOLD, 1984). O outro extremo da situação de contato linguístico é a manutenção linguística (*language maintenance*), quando uma comunidade decide coletivamente continuar usando a(s) língua(s) que tem usado tradicionalmente (FASOLD, 1984). O fator de “decisão” coletiva, que aparece na aceção de Fasold (1984), é refutado por vários teóricos, tais como Brenzinger (1998) e Couto (2009), para os quais as pressões sociais, econômicas e ideológicas fazem com que um abandono de uma língua, por exemplo, não seja uma ação voluntária, mas uma marcada fortemente pela coerção.

Na literatura referente ao fenômeno de manutenção/substituição linguística, encontramos uma miríade de fatores que podem impulsionar a preservação ou o abandono de uma língua. Em seguida listaremos alguns deles, mencionados por Weinreich (1974), Fasold (1984), Thomason (2001), Couto (2009), Matras (2011), Fishman (2012), entre outros. Por motivo de espaço disponível no presente texto, não será possível uma discussão pormenorizada dos itens listados:

1. *fatores referentes ao grupo dos falantes da língua*: tamanho do grupo; sua posição dentro da hierarquia socioeconômica; tempo de permanência no território; tipo de comunidade (urbana/rural); intensidade do contato com outros grupos; religião (diferente ou igual à do grupo dominante); tendência à exogamia; a presença da língua minoritária nas práticas religiosas; homogeneidade étnica da comunidade; o modelo de vida casa-família-comunidade (intergeracional e concentrado geograficamente);
2. *fatores referentes às atitudes dos falantes*: resistência à assimilação cultural e lealdade étnica; língua como o símbolo de etnicidade e de identidade do grupo; lealdade linguística;
3. *fatores referentes ao entorno da comunidade e ao contexto maior*: urbanização e industrialização; acesso às novas tecnologias de comunicação; status social do grupo minoritário; prestígio linguístico da língua minoritária; a presença da língua minoritária no ensino formal; apoio institucional para a língua minoritária.

A substituição linguística pode ocorrer somente em comunidades bi- ou multilíngues. No entanto, é importante frisar que o bilinguismo não condena uma língua ao abandono, pois a manutenção linguística pode ser uma característica de comunidades bi- ou multilíngues diglósicas (FISHMAN, 1967; FASOLD, 1984). Um dos primeiros indícios de uma possível substituição linguística é o “vazamento” da diglossia – uma invasão por uma língua em áreas até então dominadas por outra (MATRAS, 2011). Outros sinais de um processo de abandono de uma língua incluem a falta de transmissão da língua pelos pais aos filhos e a suas consequências: a falta de domínio da língua entre as crianças e a sua manutenção somente entre os membros mais idosos da comunidade (FISHMAN, 2012). Dito isso, é necessário ressaltar a dificuldade da previsão da substituição de uma língua e a possibilidade de sua revitalização, até nas situações da inexistência de falantes nativos (FISHMAN, 2012).

Com base no arcabouço teórico apresentado sucintamente acima, esse trabalho teve como objetivos:

1. avaliar o processo e os contextos de manutenção ou substituição da língua polonesa na comunidade;
2. identificar os principais fatores de manutenção e substituição linguística na Colônia.

Metodologia

A principal ferramenta metodológica da pesquisa foi a entrevista sociolinguística semiestruturada realizada com os moradores da Colônia de ascendência polonesa. A entrevista foi aplicada na língua polonesa ou na portuguesa em uma amostra de 48 informantes (24 mulheres e 24 homens), divididos em três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e acima de 55 anos), cada uma com 16 informantes. Os pesquisados constituem aproximadamente 10% da população dos moradores da Colônia de origem polonesa. O questionário semiestruturado consistia em 25 perguntas no total, as quais abordavam, entre outras, as questões do uso da língua polonesa na comunidade, da sua transmissão, das eventuais causas da falta da transmissão, como também os assuntos relacionados com a vida da comunidade em geral. Após a transcrição das entrevistas, os dados obtidos foram submetidos à análise quantitativa e qualitativa.

Resultados e discussão

Os resultados da pesquisa indicam a existência na comunidade pesquisada de um processo de substituição da língua polonesa pelo PB em um estágio avançado. Apesar de relativamente altos índices de competência linguística no idioma polonês entre os informantes (56% falam e entendem bem ou muito bem), constatamos a falta da transmissão da língua dos ancestrais para os filhos entre os pais abaixo de 35 anos de idade. Embora a análise do histórico linguístico da Colônia tenha demonstrado a existência da diglossia na comunidade até meados do século XX, não constatamos mais a presença desse fenômeno hoje em dia, pois todos os domínios, inclusive o da igreja e o da casa, estão ocupados predominantemente pela língua portuguesa. Entre os principais motivos do abandono da língua polonesa, os informantes mencionaram a inutilidade dessa língua tanto fora como dentro da comunidade, os crescentes índices de exogamia e de heterogeneidade étnica da Colônia, falta de uma postura “mais firme” dos pais, o crescente índice dos moradores que atuam profissionalmente fora da comunidade, assim como a vergonha da origem polonesa.



Constatamos também a importância das transformações civilizatórias no entorno da Dom Pedro II no começo dos anos 1970. A urbanização e a industrialização da região podem ser consideradas uns dos principais motivos da repentina perda da língua polonesa a partir da quarta geração dos moradores nascidos no Brasil. Em consequência desses processos externos, a comunidade foi, de certo modo, obrigada a abrir mão do seu isolamento, o qual garantia, durante quase cem anos, a manutenção da língua polonesa na comunidade. Essa abertura propiciou maiores oportunidades de desenvolvimento profissional dos moradores fora da Colônia e, com elas, uma maior assimilação à sociedade brasileira.

Considerações Finais

A língua polonesa, embora presente na fala de alguns moradores da comunidade pesquisada, encontra-se em um estágio avançado de substituição linguística. O idioma foi mantido na Colônia por quase cem anos, principalmente por causa do isolamento geográfico e social da comunidade. Hoje em dia, a língua dos ancestrais não é mais transmitida para as crianças. Segundo os informantes, o principal motivo da falta da transmissão é a inutilidade da língua polonesa dentro e fora da Colônia. A urbanização e a industrialização da região tiveram um papel crucial na abertura da comunidade para a sociedade brasileira e no processo de substituição da língua polonesa pelo PB.

Referências Bibliográficas

- BRENZINGER, Matthias. Language Contact and Language Displacement. In: COULMAS, F. (Org). **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 1998. p. 185-193.
- COUTO, Hildo H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- FASOLD, Ralph. **The Sociolinguistics of Society**. Introduction to Sociolinguistics. Vol.1. Oxford/New York: Basil Blackwell, 1984.
- FISHMAN, Joshua. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**. Vol. XXIII, n. 2, p. 29-38, 1967.
- _____. Language Maintenance, Language Shift, and Reversing Language Shift. In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Org.). **The Handbook of Bilingualism and Multilingualism**. Wiley-Blackwell, 2012. p. 466-494.
- IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de povoamento. p.225. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-total-periodos-anuais>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- KULCZYNSKYJ, Wolodymyr. Bilinguismo e os falantes de línguas eslavas no Brasil. In: **IV Encontro de Variação Linguística e do Bilinguismo na Região Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1986, p. 100-104.
- MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos**. Curitiba: Paranaense, 1941.
- MATRAS, Yaron. **Language Contact**. Cambridge: University Press, 2011.
- THOMASON, Sarah G., **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.
- WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact. Findings and Problems**. London-The Hague-Paris: Mouton & Co, 1974 [1953].

REMEMORAÇÃO, INFÂNCIA E EXPERIÊNCIA: UMA LEITURA DO CONTO “DENTIÇÕES, DE MIGUEL SANCHES NETO”¹

CHRISTO, Alzira Fabiana de. (Unicentro)²

Resumo

O presente trabalho é um recorte de um projeto maior intitulado “Rememoração, infância e experiência: uma leitura de *Um camponês na capital* e *De pai para filho*, de Miguel Sanches Neto”, desenvolvido pela autora desse texto entre 2015 e 2016. Aqui, a análise literária ocorrerá a partir do conto “Dentições” evidenciando a maneira que Miguel Sanches Neto discute sobre memória, infância e formação. Em relação ao aporte teórico que embasa o estudo, trata-se de W. Benjamin (1994; 2009; 2011) e Aleida Assmann (2011; 2013).

Palavras-chave: Memória; Infância; Experiência.

Introdução

No projeto de pesquisa intitulado “Rememoração, infância e experiência: uma leitura de *Um camponês na capital* e *De pai para filho*, de Miguel Sanches Neto” buscou-se analisar a representação da infância nas obras *Um camponês na capital* (2009) e *De pai para filho* (2010), de Miguel Sanches Neto. Para isso, partiu-se da fundamentação teórica que entende a experiência da infância como possibilidade para a mudança da sociedade e os rumos da própria História, que tem Walter Benjamin como seu principal expoente. Diante da vasta produção de pesquisa sobre a infância – quase sempre ligada a aspectos cronológicos e históricos – e sua relação com a arte e a literatura, nos pareceu importante investigar um campo que ainda vem ganhando espaço nos estudos literários: a leitura da obra de arte que toma como ponto de partida a Filosofia. Em suas obras, Miguel Sanches Neto rompe com a visão predominante na sociedade: a de que a infância é o primeiro degrau da vida humana e que ela deve ser superada. Nos textos presentes em *Um camponês na capital* (2009) e *De pai para filho* (2010), o escritor nega esta visão evolucionista e adultocêntrica da infância e ao abordá-la como experiência abre a possibilidade de transformar a experiência com a infância. Por meio de acontecimentos da infância: sensações, sabores, brincadeiras, linguagem, o escritor faz toda uma reflexão sobre a sociedade atual e os valores vigentes. Deste modo, a experiência da infância desperta um novo olhar sobre as crianças e a infância e, mais que isso, ao provocar a reflexão, convida o leitor para olhar o entorno com olhos de criança, com olhos de primeira vez, sem os ditames convencionais. Neste trabalho, a análise literária será a partir da crônica “Dentições”, extraída da obra *De pai para filho*, publicada em 2010.

Metodologia

Em um mundo que tenta se livrar de sua memória de todas as maneiras, o escritor aqui estudado faz da sua arte, conforme o termo cunhado por Aleida Assmann (2011), a *mídia* principal para expressá-la. Seguindo a tendência da arte em geral que se direcionou para o tema da memória principalmente a partir de 1970 a produção de Miguel Sanches Neto mostra como essa fascinação pela memória ainda não se esgotou, pelo contrário, continua a se desenvolver. Conforme o livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), de Aleida Assmann, a memória é algo recorrente nas produções artísticas atuais, dentre outros motivos, “devido ao potencial autodestrutivo das sociedades modernas” (ASSMANN, 2011, p. 385), ou seja, devido à capacidade que a atual sociedade deposita apenas no futuro, sem se dar conta que o passado existe no presente e que permanecerá nos dias

¹ Projeto de pesquisa (PqI) desenvolvido pela professora Alzira Fabiana de Cristo entre novembro de 2015 a novembro de 2016, na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro).

² Doutora em Letras – Estudos Literários e professora do Departamento de Letras, da Unicentro.

que se seguirão. A visão fragmentada tão em voga nos dias atuais faz com que não se consiga vislumbrar uma relação entre passado, presente e futuro e se queira descartar e desvalorizar o ato da rememoração assim como tudo o que não faz parte das necessidades imediatas e do mundo prático de hoje. Deste modo, o passado e a memória, assim como os objetos que são depositados no lixo, não parecem ter utilidade, contudo, tanto o lixo quanto os restos e os retalhos do passado guardam vestígios – são memórias – preciosos sobre o homem e tudo o que o circunscreve.

É nessa perspectiva que memória e infância são evocadas também nas crônicas de *Um camponês na capital* (2009) e *De pai para filho* (2010). A infância nas narrativas curtas do escritor aparece como força de evocação do passado, fonte de sabedoria e experiência. Ao se valer de personagens que se recordam da infância, essas lembranças são redimensionadas e não fazem um apelo somente individual e subjetivo, mas se tornam, por meio de imagens do inconsciente, coletivas. Em sua obra Miguel Sanches Neto reconhece que o passado não é algo tão distante, isto é, o passado não passou, é possível, ainda, encontrá-lo no presente.

Seus personagens recorrem constantemente aos restos e retalhos – fragmentos – da infância a fim de compreenderem o momento em que se encontram. Nessa perspectiva, a infância é compreendida como um período que nunca passa para o ser humano, ela, por ser uma fase inicial de percepções e descobertas é marcante ao longo da vida; é como se para a infância não existisse um tempo determinado porque ela permanece, ela é atemporal, é como se a infância fosse uma existência paralela ao longo da vida dos sujeitos. Nesse sentido, a escrita que tem o olhar voltado para a infância evidencia elementos constantes presentes na vida dos seres humanos: as angústias existenciais, a relação do homem com a natureza e suas dimensões, as dúvidas em momentos que exigem posicionamentos, a saudade de um determinado tempo e a complexa convivência entre os seres humanos. Esses restos, retalhos e vestígios da memória resgatados por meio das personagens que se recordam de episódios vividos na infância faz com que esse período da vida se torne um caminho que conduz não para idealizações do passado, mas para uma crítica à vida adulta atual. A rememoração da infância é a possibilidade de pensar sobre o presente, sobre o que aprisiona e conseqüentemente construir um futuro diferente e uma nova História. Ao resgatar essas experiências da infância, as narrativas de Miguel Sanches Neto insistem numa dinâmica de mudanças e na necessidade do despertar e da ação para um mundo que vem – o futuro. Enquanto leitores, somos conduzidos a interrogar o presente e nossa própria contemporaneidade.

Resultados e discussão

Na obra de Miguel Sanches Neto, a infância aparece como uma viagem interior às lembranças – às nossas lembranças – em que as sensações de um tempo que se foi e não volta mais são colocadas em destaque. Ao mesmo tempo, a infância aparece também como um momento de contemplação daquilo que ficou adormecido, ausente e perdido nos labirintos da memória. Em muitas crônicas de *Um camponês na capital* (2009) e *De pai para filho* (2010), diferentemente do adulto, que ao longo do tempo, devido à influência da rotina, foi perdendo a capacidade de olhar o mundo com sensibilidade, a criança está inebriada e envolvida com tudo o que os adultos não querem ver. Por isso, ela tem sutileza e competência suficiente para ensinar aos adultos, para fazê-los pensar sobre uma outra possibilidade de olhar o mundo e reconduzir a própria existência.

Em *De pai para filho* (2010), por exemplo, a infância e a criança aparecem como meios de aprendizagem na contemporaneidade. A infância não é apenas um período em que a criança nasce para o mundo, mas por meio das suas faculdades ainda não viciadas

pela rotina do mundo administrado tem muito a nos ensinar enquanto sociedade marcada pela individualidade, excesso de bens de consumo, rapidez, etc. Nas narrativas de “Dentições”, “Brinquedo quebrado”, “O mesmo nome” e “Fotos de família”, analisam-se como o escritor, sob a ótica da infância, mostra valores que se perderam em nossa sociedade.

Em “Dentições”, o narrador, pai de uma adolescente, conta sobre a difícil tarefa de organizar o quarto da filha. Ao vivenciar essa experiência com a filha, o narrador revolve acontecimentos de sua própria infância, dentre eles a reunião da cooperativa que seu padrasto participou. Nesta reunião o representante da cooperativa alertou que “eles deviam se desfazer das coisas antigas, que uma fazenda não podia ser um depósito de ferro-velho, e todo o resto” (*DPPF*, p. 63). A partir desse episódio, o padrasto pediu desligamento da cooperativa, uma vez que se negava a se desfazer da sua caixa de engraxate, guardada por um longo período uma vez que havia sido seu primeiro instrumento de trabalho. A partir dessa recordação da infância, o pai passa a refletir sobre essa ânsia de se desfazer dos objetos da filha, pois só ela sabe a importância de cada um de seus pertences. Para piorar a situação do pai, ou melhor, para convencê-lo de que a retirada das coisas da filha sem a autorização dela não era uma boa alternativa, ele encontra um pequeno saquinho com os dentes de leite da menina, após se recordar do motivo pelo qual a incentivaram a guardar os dentinhos de leite, o narrado conclui: “Ainda há tempo de, neste hoje que logo será passado, evitar tais consequências. Fecho o estojo e o deito no mesmo lugar. Resolvo não mexer mais no quarto de minha filha, pois cada coisa que ela guardou é a dentição de leite de um momento que foi substituído por outro” (*DPPF*, p. 64). Dentre outras leituras possíveis, pode-se dizer que a narrativa do conto conduz a uma reflexão sobre o valor sentimental dos objetos e pertences no mundo atual. Enquanto o adulto está ansioso para se desfazer dos objetos – pensando apenas no controle dos espaços, na ordem do quarto –, sem pensar no valor sentimental que cada um exerce – inclusive sobre a vida do outro – a criança – neste caso uma menina que está se iniciando na adolescência – se opõe. Ela não consegue ver a retirada dos objetos do seu quarto, tanto que sai de casa para não acompanhar o descarte: “Não tenho estrutura para ver isso – ela disse, e arranhou um programa com uma amiga. Iriam ao cinema” (*DPPF*, p. 62).

Em “Dentições” há de forma clara uma das características mais marcantes da literatura de Miguel Sanches Neto: os restos, retalhos e pequenos acontecimentos da infância. Essa forma de narrar a experiência nos coloca em consonância justamente com a experiência da infância, não porque o autor fala da sua própria infância, mas porque nos coloca diante dos resíduos, interesse principal das crianças, do lixo da história, conforme afirma Benjamin, e deste modo, vai dando significado a questões que ninguém vê, mas que estão lá, do lado de dentro – dos leitores também. Conforme Garcia (2010), a infância é para o adulto o que dela restou. De acordo com as palavras de Garcia: “Mas a infância é resto não só porque nos chega por meio de fragmentos de nossa história, do passado, nosso e dos outros [...] mas igualmente porque ela resta indomada e indomável, no adulto: resto da operação de civilização” (GARCIA, 2010, p. 71).

Ao mesmo tempo, a infância é resto, conforme Benjamin (2002), devido à relação que a criança estabelece com o que a sociedade relega como sobra e lixo, o que também fica bastante evidente quando a menina não quer se desfazer de seus objetos, vistos pela família, principalmente pelo pai, como lixo que precisa ser descartado. De acordo com o filósofo, a criança se interessa justamente por aquilo que é lixo na sociedade: por sobras e detritos de construções, pelo trabalho no jardim, na marcenaria e pela atividade do alfaiate: “Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas” (BENJAMIN, 2002, p. 57-

58). Por meio dessas sobras e objetos, a criança cria um mundo próprio, imagina e faz história com o que não interessa a ninguém: uma fita de pano, uma bobina de papel, um resto de madeira, tudo isso é transformado em brinquedo, em diálogos, em histórias que transgridem o espaço: “Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande” (BENJAMIN, 2002, p. 58). Por meio da analogia elaborada por Benjamin, é possível compreender como a infância, de certa forma, continua nos gerando não só no passado de nossa história, mas também no presente. Assim como a criança que faz história com os restos e detritos, o retorno à infância, aos retalhos – nossos e dos outros – nos ajuda na compreensão do presente. Nessa perspectiva, Sanches Neto faz história do lixo da história, ou seja, constrói suas narrativas a partir de pequenos acontecimentos da infância, aos quais muitas vezes, no mundo administrado, não se dá importância. Nessa perspectiva, a infância em sua obra revela o quanto importante é sermos como as crianças: valorizar os resíduos, restos e retalhos e saber fazer história – ou História – a partir deles.

Considerações finais

A experiência que aparece em “Dentições” é uma experiência que está muito mais ligada ao espírito (Benjamin, 2011) e não à idade cronológica, o que é possível de ser observado porque é a infância que recupera toda uma outra forma de ver e sentir o mundo.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história* : destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.
- GARCIA, Érica de Lima Melo. *A experiência da infância em Graciliano Ramos*. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2010.
- NETO, Miguel Sanches. *De pai para filho*. Campinas: Scipione, 2010.
- SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. *Infância, experiência e trabalho docente*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Marília, 2007.
- TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. *Imagens da infância na obra de Clarice Lispector*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2010.

**AMAR: A EXPERIÊNCIA DA INFÂNCIA EM *ONDE FICA A CASA DO MEU
AMIGO?* (1987), DE ABBAS KIAROSTAMI¹**

CHRISTO, Alzira Fabiana de. (Unicentro)²
TULLIO, Claudia Maris. (Unicentro)³

Resumo

O presente artigo é resultado de uma das oficinas realizadas ao longo do Curso de Extensão CineFórum. Por meio da análise do filme *Onde fica a casa do meu amigo?* E das belas metáforas que o compõem, fazemos uma reflexão em relação ao que podemos apreender com as crianças com base na fundamentação teórica que entende a experiência da infância como possibilidade para a mudança da sociedade e os rumos da própria História. O aporte teórico utilizado para análise diz respeito às obras de Benjamin (2002; 2009), Larrosa (2002), Agambem (2005), Pagni (2010; 2012) e Silva (2007).

Palavras-chave: Cinema; Infância; Experiência.

Introdução

Onde fica a casa de meu amigo (1987), filme do premiado cineasta iraniano Abbas Kiarostami, traz uma discussão bastante interessante para pensarmos sobre a infância. Amad, o protagonista da narrativa, como seu próprio nome releva, é alguém que transborda amor, extremamente generoso, se mostra aberto ao outro e ao mundo e nos toca/afeta com suas ações, ou seja, não é possível assistir a esse filme e sair sem ser modificado por ele. As metáforas construídas ao longo da obra mostram o quanto o menino/criança/infância pode ensinar aos demais. Suas ações revelam um modo diferente de ensinar: mais aberto ao mundo e a novas possibilidades, sem ser pautado em uma estrutura linear e ligada às necessidades imediatas. A análise do filme, neste artigo, parte de uma leitura que toma como base a Filosofia. Por meio do protagonista da narrativa cinematográfica, é possível afirmar que Abbas Kiarostami, diretor do filme, rompe com a visão predominante na sociedade: a de que a infância é o primeiro degrau da vida humana e que ela deve ser superada. Diferentemente do adulto, que ao longo do tempo, devido à influência da rotina, foi perdendo a capacidade de olhar o mundo com sensibilidade, a criança está inebriada e envolvida com tudo o que os adultos não querem ver, por isso ela tem sutileza e competência suficientes para ensinar aos adultos, para fazê-los pensar sobre uma outra possibilidade de olhar o mundo e reconduzir a própria existência.

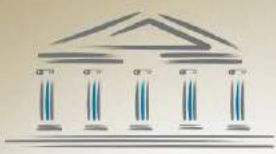
Metodologia

Em texto intitulado “Experiência”, de *Reflexões sobre a criança, o brincar e a educação* (2002) Walter Benjamin afirma que a experiência seria uma máscara usada pelo adulto. Conforme as palavras do teórico: “Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre a mesma” (BENJAMIN, 2002, p. 21). Nesse texto escrito em 1913 quando Benjamin estava com vinte e um anos, o filósofo tece uma série de críticas à experiência enquanto conhecimento absoluto; ele busca levantar essa máscara por meio de questionamentos sobre o adulto e o quanto a sua experiência pode significar uma máscara de derrota, conformidade, pobreza de ideias e falta de sentido da vida devido aos sonhos não

¹ Estudo vinculado ao Projeto de Extensão CineFórum, coordenado por Alzira Fabiana de Christo e Cláudia Maris Tullio, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unicentro.

² Doutora em Letras – Estudos Literários (UEL) e professora do Departamento de Letras, Unicentro.

³ Doutora em Letras – Estudos da Linguagem (UEL) e professora do Departamento de Letras, Unicentro.



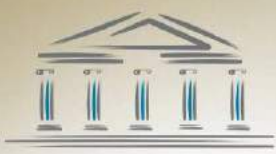
realizados. Segundo Silva (2007), para Benjamin, a experiência do adulto aparece encobrendo uma submissão fatalista e de consenso entre seus pares, o que é possível vislumbrar nas frases frequentemente utilizadas por aqueles que se dizem experientes: “eu já vi isto”, “as coisas são assim mesmo”, “sempre foi assim e assim será”. Contrário a essa ótica da experiência adulta, Benjamin ressalta que cada experiência nossa é única e que cada uma delas possui efetivamente conteúdo. Um conteúdo que somente é possível de ser alcançado por meio de nosso espírito. Como exemplo, podemos citar o sabor daquela fruta que comíamos quando criança, com tanto prazer, e hoje ao ter contato com a mesma fruta ser despertado e levado às lembranças de todo um tempo, espaço, relações, prazeres, tristezas, dentre outras sensações.

Para Benjamin, a experiência é rememoração uma vez que por meio do resgate do passado é possível construir um modo novo de olhar a história e assim produzir uma nova narrativa do presente. Ao longo de sua obra o filósofo aponta para o empobrecimento da experiência na modernidade, ou seja, para a ausência de espaço oferecido à experiência e a perda da capacidade de narrar e de contar a própria história, também, nos dias atuais. Para Benjamin, que gostava muito dos assuntos da infância e acreditava que tínhamos muito a apreender com as crianças, a experiência é algo que depende do espírito e não do número de acontecimentos vivenciados. Segundo ele: “O jovem vivenciará o espírito, e quanto mais difícil lhe for a conquista de coisas grandiosas, tanto mais encontrará o espírito por toda parte em sua caminhada e em todos os homens” (BENJAMIN, 2002, p. 25). Para ele, essa forma de experiência que se encontra muito mais no espírito que nas experiências vividas, tornará o jovem mais generoso quando homem adulto e não intolerante. A experiência do espírito, para Benjamin, independe da idade, basta estar aberto e se entregar de forma ilimitada ao outro, como as crianças fazem. Para Benjamin, a infância é experiência porque ela nos faz ver além do nosso entorno, do cotidiano, do que estamos acostumados. A criança, na sua pureza, se interessa até mesmo pelos detritos, por aquilo que não é importante para ninguém, ela brinca com o lixo, com o resto, com a sobra.

A partir da compreensão filosófica em relação à infância, é possível dizer que a presença da infância em *Onde fica a casa do meu amigo?* tem outro significado além de atrair a atenção em relação a um extrato social.

Resultados e discussão

Nas cenas iniciais de *Onde fica a casa do meu amigo?* temos um professor preocupado em verificar a facção da tarefa de casa. Ele solicita que todos abram os cadernos na atividade para que ele possa checar a conduta em relação aos estudos de casa. Ao longo dessa cena, vemos um educador não muito compreensivo com as falhas dos alunos, incompreensivo em relação aos atrasos, que desconfia dos seus alunos diante das justificativas deles e que é nada impiedoso com Mohammad Nematzhde, colega que senta ao lado de Ahmad. Nesta cena, o menino Mohammad chora copiosamente diante da exigência e insistência do professor para que justifique o fato de não ter feito a tarefa pela segunda vez. Diante do sofrimento do amigo, temos a expressão de Ahmad, extremamente comovido pelo sofrimento do colega, contudo, devido ao papel de autoridade ocupado ao professor, não é possível se manifestar contrário a tudo o que está acontecendo. Depois que saem da escola, os meninos brincam e correm. Mohammad cai, fere o joelho e, mais uma vez, Ahmad se mostra preocupado com o amigo e disposto a ajudá-lo. Limpa o ferimento com água e só se despedem a partir Ahmad estar assegurado de que Mohammad pode andar com tranquilidade. No início desta cena, os meninos estão portando o caderno escolar, mas depois não há clareza do que aconteceu com o objeto.



Só vamos saber que Ahmad estava com o caderno do colega quando a mãe do protagonista ordena que ele faça as tarefas. Nesta cena, Ahmad percebe que havia ficado com o caderno de Mohammad e que este será castigado pelo professor caso retorne à escola sem a atividade concluída. A partir desse momento, inicia-se toda a viagem à qual somos conduzidos por meio das ações de Ahmad em busca da casa de Mohammad, com o intuito de devolver o caderno do amigo.

Ahmad se mostra, desde o início do filme, sensível ao sofrimento de Mohammad, contudo, ao longo da viagem a que se dispõe fazer, o protagonista se mostra extremamente generoso. Ainda que sinta medo e remorso em muitos momentos – ele não avisou à mãe que iria em busca da casa do amigo e nem comprou pães na padaria. O menino se coloca à disposição, aberto e à caminho e nesse percurso apreende e ensina aos seus telespectadores. Ahmad, em muitos momentos do filme, se mostra preocupado com o outro. Ele tem um cuidado muito especial com o próximo e ainda que se mostre angustiado, ele não magoa, fere ou machuca as pessoas com as quais se relaciona ao longo do filme. Isso é nítido nas cenas em que ele insiste com a mãe para que ela o ajude a devolver o caderno do amigo. A mãe, assim como o professor, nesse primeiro momento, se mostra insensível às necessidades e à angústia sentida pela criança. Isso fica claro nas cenas em que ele a ajuda a cuidar e a fazer a mamadeira do irmão, em que ela está preocupada com os afazeres domésticos e não percebe o sofrimento do menino.

O sofrimento dele é irrelevante para todos os adultos do filme, com exceção do velho artesão de portas. Contudo, em nenhum momento Ahmad desaponta ou afronta as pessoas. Percebemos essa mesma situação na cena em que o menino retorna da primeira viagem à Poshte, em que encontra um grupo de homens, dentre os quais está seu avô. Ao ser ordenado a buscar os cigarros do avô, o menino diz que está em uma missão, se mostra preocupado e angustiado, mas nenhum adulto pergunta o motivo. A conversa se estende entre os mais velhos e estes ignoram completamente a presença da criança, só a percebem quando o vendedor de portas precisa de uma folha do caderno que Ahmad estava portando. O vendedor de portas usa a folha do caderno, mas ignora completamente as perguntas do menino.

Ao longo da negociação de compra e venda de portas entre os homens que ali estavam, percebe-se a degradação das relações. O vendedor de portas de ferro tenta convencer a todos a comprarem seu produto, ele é insistente e desagradável. Nesta cena, Abbas Kiarostami, por meio da ação de seus personagens, consegue nos deixar constrangidos diante da representação do homem de negócios. Ahmad por sua vez representa a oposição ao homem danificado e arruinado pelo sistema econômico no qual está inserido. Já o vendedor de portas de ferro é alguém que não ignora apenas a criança, mas também o animal. Ele se vale de um pequeno cavalo para subir o morro que separa as comunidades vizinhas. O menino o faz correndo. O homem é a representação de alguém acomodado e indiferente ao outro. Diante dessa personagem, nos vem à mente a imagem do autômato -- metáfora central nas análises de Benjamin. Para ele, na industrialização moderna ocorre a degradação do homem devido ao condicionamento imposto pela máquina, o que o torna alheio a qualquer experiência, é como se o homem tivesse perdido a capacidade de transmitir palavras para ser capaz de produzir mercadorias. Segundo Benjamin, esse homem está impedido tanto de construir memória quanto experiência – conhecimento transmissível. Trata-se de um homem fragmentado que, assim como o soldado que retorna da guerra sem compreender os motivos reais do seu desfecho e a severa violência dos contra-ataques, é expropriado da relação significativa do homem com as coisas e, portanto, com a experiência.

Outra questão interessante de ser destacada é a história que o avô conta a partir da chegada de Ahmad ao grupo de homens. O avô fala com seu interlocutor imediato sobre

as mudanças na educação na atualidade. Ao solicitar a Ahmad que busque alguns cigarros, revela ao interlocutor próximo, que possui cigarros consigo, mas que ordenou ao menino para que ele apreenda a cumprir e acatar ordens. O avô, assim como a maior parte dos adultos da narrativa, representa o indivíduo estável, autônomo e soberano, postura tão propagada em nossa sociedade.

Ahmad, ao contrário, representa uma revolução na maneira habitual de pensar. Ahmad é vitalidade. Diante dessa postura do menino, pode-se afirmar que suas atitudes são inerentes à condição da criança, com a qual os adultos tem muito a apreender. Conforme Jódar e Gomes (2002, p. 42), a criança é vitalidade. Nas palavras do teórico: “Onde existe uma criança corre um fluxo em que logo se formará uma turbulência”. Os teóricos ressaltam ainda que a maneira de ser da criança é participar de um movimento que desafia a pulsão geométrica do poder, é resistir à mesmice *tecnocrática* e ao mortífero poder que não inventa e apenas *destrói*. Em outras palavras, desde seu nascimento a criança é vitalidade e, portanto, traz vida a este mundo. De acordo com os autores (2002), o saber da criança pertence sempre à esfera do desejo e da alegria. E a alegria é sempre boa, “é vida que resiste à morte”, conforme demonstra a atitude do menino de *Onde fica a casa do meu amigo?*.

A vitalidade da criança, a pulsão pelo viver, a sua potência e força pela vida desde seu nascimento é que fazem com que a criança seja a representação do rompimento com a velha ordem das coisas. Conforme os pesquisadores: “A criança: capacidade de regressar eternamente à vida, alegria que afirma a vida no real. Seu dizer *sim* à vida, em sua modesta potência, é impugnação da tristeza e da servidão” (JODAR E GOMES, 2002, p. 42). Ou seja, aquilo que é concedido uma ou outra vez ao homem, é dado logo de primeira à criança: a capacidade de manter transações com a liberdade e a alegria, a felicidade, o gozo, a percepção. A infância é, nesse sentido, a aposta da arte para mostrar resistência a um mundo que se apresenta alheio a mudanças. Ao mesmo tempo, a arte é o meio pelo qual se responde à vitalidade do recém nascido e o acolhe, reconhece a criança como novos seres humanos que chegam ao velho mundo dos adultos.

Considerações finais

A reflexão que buscamos por meio da análise de *Onde fica a casa do meu amigo?* diz respeito a um outro caminho possível no enfrentamento dos enormes desafios diários: provocar a pensar o impensável, questionar os espaços validados, acelerar, pausar, assim como faz o pensamento, assim como faz a criança. Ou seja, que possamos possibilitar a formação de um olhar mais aberto em relação à vida.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. I)

JÓDAR, Francisco; GÓMEZ, Lúcia. “Devir-criança: experimentar e explorar outra educação”. *Educação e realidade*. 27 (2): jul./dez., 2002, p. 31-45.

KIAROSTAMI. Abbas. *Onde fica a casa do meu amigo?* Irã, 1987.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. *Infância, experiência e trabalho docente*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Marília, 2007.

OS DISCURSOS SOBRE O SUJEITO CAIÇARA NO AMBIENTE ESCOLAR¹

SILVA, Ana Maria da²

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar os modos como se constitui a identidade caiçara a partir de discursivizações acerca dela no ambiente escolar. Desse modo, a reflexão que emana por meio das análises traz a tentativa de compreensão do funcionamento da resistência da cultura caiçara no litoral paranaense. Para isso, realiza-se uma fundamentação teórica e metodológica na Análise do Discurso (Ad), de linha francesa, de Michel Pêcheux. Durante a leitura, é possível se deparar com as condições históricas de formação dos povos caiçaras, como ponto de partida. Nesse sentido, é possível observar os espaços de contradição em que o discurso sobre os sujeitos se manifesta e, sobretudo, como a escola corrobora, numa perspectiva de leitura dessa cultura, para a negação dessa identidade.

Palavras-Chave Análise do Discurso, sujeito caiçara, identidade.

Introdução

Este estudo, fundamentado na Análise de Discurso (Ad) de vertente francesa, preconizada por Michel Pêcheux, analisa os modos como se constitui a identidade caiçara a partir de discursivizações acerca dela no ambiente escolar. As diferentes representações sobre esses sujeitos pelo discurso escolar relacionam-se aos modos como é concebida/projetada a cultura caiçara, marcada principalmente pelo cultivo do que advém do mar. Esses sujeitos praticam pesca de caráter artesanal, principalmente, sob a injunção das relações capitalistas e suas contradições.

Segundo rastreamento que Adams (2000) faz, a palavra, originada no tupiguarani (caá-içara²), era empregada para “denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe”. Na sequência, passa a designar as palhoças que abrigam canoas e apetrechos de pescadores na praia, posteriormente, os moradores de Cananéia (SP) e, finalmente, todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

Do elemento inanimado, que protege humanos, peixes e instrumentos de trabalho, transmuta-se para o próprio ser humano que tem na pesca a fonte de trabalho, renda e alimentação. Além dessa peculiaridade, a autora reporta ao mutirão, prática que era bastante corriqueira na comunidade, porém, em processo de extinção, uma forma de camaradagem, pois se constituía na troca de serviços por ocasião da colheita, construção e reparo de habitações, momentos estes em que participavam homens, mulheres e crianças. Importante dizer que não raro o pagamento de trabalhos era feito na forma do fandango, festa típica dos sujeitos caiçaras. Contudo, as transformações nos modos de

1

Trabalho de Tese em Andamento, Programa de Pós-Graduação em Letras UFPR

2

Aluno do Curso de Doutorado em Letras da UFPR, e-mail
sabino.ana@hotmail.com.

produção têm afetado profundamente as relações econômicas, de trabalho e, por conseguinte, os laços identitários da comunidade caiçara.

Costumamos dizer, no campo da AD, que o discurso é lugar de materialização da ideologia, e que o texto é lugar de materialização de discursos. Mas o que é o discurso? Conforme Orlandi (2007, p. 15),

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Estamos falando do jogo de projeções imaginárias que participa da tessitura na conformação identitária da condição caiçara num tempo histórico de entremeio. A noção de formações imaginárias é cunhada por Pêcheux (1993) para referir-se ao fato de que os sujeitos projetam lugares para si e para o outro, a partir de injunções próprias aos campos ideológicos nos quais encontram-se inscritos. Esta noção está intrinsecamente relacionada a outra, que é a de sujeito, a qual a AD tem a peculiaridade de tomá-la simultaneamente em sua dimensão linguageira e histórica. O sujeito o é porque está inserido em práticas concretas que se transformam, o transformam e são por ele transformadas. Etambém porque, dialeticamente, ele diz e se diz a partir dessas práticas.

Metodologia

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas orais com os sujeitos, que foram gravadas e transcritas. Acrescentamos que o discurso é não somente prática de linguagem, mas, sobretudo, prática histórico-social, porque diz respeito à relação que a linguagem estabelece com as condições materiais dos sujeitos em suas condições concretas de existência. Movimento entre a ordem do já dito, entre as projeções jogadas sobre os sujeitos, entre a ordem do desejo que emana de parte desses sujeitos e entre a os limites com os quais esse desejo se depara ante as contingências históricas. Estamos falando do jogo de projeções imaginárias que participa da tessitura na conformação identitária da condição caiçara num tempo histórico de entremeio. Assim, analisamos as sequências coletadas em decorrência das entrevistas.

Resultados e discussão

As análises tiveram como base respostas dadas pelos estudantes ao questionamento: “Como você descreveria o trabalho de seus pais, nas salgas e no mar?”, na busca de se compreender como sujeito e sentidos se constituem mutuamente. Os enunciados-respostas aqui apresentados fazem parte de um todo cuja seleção partiu do recorte que contempla questões atinentes às formações imaginárias, aos modos como os sujeitos se representam e se veem representados. O enunciado é a unidade constitutiva do discurso, que nunca se repete da mesma maneira, uma vez que cada ocorrência é estabelecida por condições de produção diferentes (FERREIRA, 2005). Nessa perspectiva, por meio da

enunciação é perceptível as diferentes posições assumidas pelos sujeitos no discurso: E1: “...é muito cansativo, chega em casa cansada, fedida, com as mãos machucadas e unhas quebradas [sobre o trabalho da mãe da salga, descascando camarão]. Para mim, é ruim, pelo menos nunca passa fome”. Um dos efeitos de sentido produzidos a partir da resposta é que, para este filho, o trabalho da mãe é visto como negativo em vários sentidos, uma vez que o cansaço, normal a qualquer ofício, é intensificado pelo advérbio “muito” e traz o agravante do mau odor e da dor, representado pelas unhas e mãos machucadas. A exceção dos aspectos negativos se apresenta pela ressalva da sobrevivência “nunca passa fome”. Mesmo que seja um pré-construído que circula, acerca da relação trabalhosobrevivência, nesse cenário discursivo, funciona, pelos interstícios, o silenciado que ousa dizer: o trabalho não permite nada além de manter-se alimentado. Silenciam-se, portanto, os sentidos de que a vida dos sujeitos vão ou podem ir muito além da esfera do trabalho, pois implicam também lazer, cultura, conhecimento, entre outros aspectos, emblematizados no enunciado “nem só de pão o homem viverá”, que vem do campo religioso, mas atravessa também em outras instâncias. E2: “Meu pai e minha mãe trabalham na salga. É muito cansativo e por isso que eu estou estudando. Eu acho muito humilde da parte deles (...) são muito trabalhadores, guerreiros”. Ao dizer sobre a relação do aluno com os estudos e sobre a relação dos pais com o mundo do trabalho, E2 emite um juízo de valor acerca do trabalho dos pais é de admiração e de reconhecimento dessa dificuldade, marcado pelo adjetivo que os qualificam positivamente: guerreiros e pelo intensificador no outro adjetivo: muito trabalhadores. Contudo, esse eixo de positividade é antecipadamente negativizado, pela valoração atribuída à atitude dos pais ante sua atividade: “eu acho muito humilde da parte deles”, entendendo humilde, aqui, como resignação ou incapacidade mesmo de alteração do status quo.

Considerações Finais

No caso específico deste estudo, trata-se, de um lado, do desejo dos sujeitos alunos caiçaras de não repetirem o caminho dos pais, ao mesmo tempo em que “se traem” na armadilha da rede que os fisga e de onde insistem em escapar, pelos desvãos dos furos. O jogo de forças se estabelece pela diminuição da importância do trabalho caiçara. Dignidade parece ser a palavra e o sentido de conflito.

Referências Bibliográficas

ADAMS, Cristina. “As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar”. In: Rev. Antropologia.vol.43n.1São Paulo2000.Disponível

em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012000000100005

FERREIRA Maria Cristina Leandro. Glossário de Termos do Discurso. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras. 2005.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2007.

MARIELLE, PRESENTE: O GRAFITE PRODUZIDO POR MULHERES COMO FORMA DE RESISTÊNCIA¹

BORTOLIN, Andriele de Chaves²
GARCIA, Dantielli Assumpção³

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender como os grafites produzidos em homenagem à Marielle Franco, no museu a céu aberto, NAMI, na comunidade Tavares Bastos, Rio de Janeiro, discursivizam a representatividade da mulher negra para o movimento de mulheres. Uma mulher assassinada, que fez com que discursos ecoassem por meio das questões: “Quem matou Marielle Franco?”, “Quem mandou matar Marielle Franco?”. É nessa perspectiva que analisaremos dois grafites de autoria feminina pautando as discussões nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso pecheutiana, desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil, e nos conceitos de formulação verbal e não-verbal trabalhados por Suzy Lagazzi (2009).

Palavras-Chave: Análise de Discurso; grafite; resistência; mulher negra.

Introdução

As barbáries que têm acontecido com mulheres nos últimos anos têm convocado vários movimentos, tanto nas redes sociais como nas ruas, em prol da manutenção e luta pelos seus direitos, resistência perante aos discursos machistas e aos crimes, muitas vezes, silenciados. Não foi diferente com a vereadora Marielle Franco que, no dia 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros, juntamente do seu motorista, Anderson Gomes, no Rio de Janeiro. Em detrimento desse acontecimento, muitos movimentos de mulheres e da população em geral foram às ruas do Brasil e do mundo com o intuito de questionar “Quem matou Marielle Franco?” e, um ano depois, “Quem mandou matar Marielle Franco?”. A vereadora carregava consigo vários significantes, pois era mulher, negra, feminista, defensora dos direitos humanos, mãe e mantinha um relacionamento homoafetivo por alguns anos. Era representatividade para o feminismo brasileiro, especialmente, para o feminismo negro. No Brasil, o feminismo teve início no final do século XIX e início do século XX com as lutas pelo direito ao voto e por maior participação das mulheres nos espaços públicos, porém, tratava-se de um feminismo branco, pois as mulheres negras continuavam à mercê, em suas casas, “trabalhando para existir”, conforme aponta a filósofa Djamila Ribeiro em entrevista ao projeto *Afreaka*. Ela salienta a importância da

¹ Trabalho de Tese em Andamento, Programa de Pós-Graduação em Letras, UNIOESTE.

² Aluna do curso de Doutorado em Letras, UNIOESTE, andrieledechaves@gmail.com

³ Professora Orientadora, Pós-Doutora, docente no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, dantielligarcia@gmail.com



diferenciação entre o feminismo branco e o negro, uma vez que foi necessário romper com a hegemonia do feminismo branco e dedicar-se às pautas defendidas pelas mulheres negras, pois, de certo modo, são diferentes já que ainda há muito preconceito e exclusão racial. Ser feminista, de acordo com Alves e Pitanguy (1985, p. 8), “é praticar a solidariedade e auto-organização das mulheres em suas várias frentes e pequenos grupos, expressando suas particularidades e fortalecendo-se”. Marielle Franco dedicava-se à militância e ao feminismo negro, e sua face está estampada pelas ruas de várias cidades do Brasil. O museu NAMI, que existe na sua forma eletrônica, no espaço digital, mas que também é um museu a céu aberto na rua Tavares Bastos, em uma comunidade do Rio de Janeiro, recebe obras artísticas de mulheres e simboliza a memória e a luta de mulheres negras, que reproduzem grandes nomes do movimento feminista negro no Brasil e no mundo. É no espaço urbano que esse movimento acontece e que, de acordo com Orlandi (2004, p.32), é um espaço que funciona como um “sítio de significação”, reclama por gestos de interpretação e trabalha na/pela história. Ele é, portanto, um espaço de produção de sentidos, que somente podem ser determinados a partir das suas condições de produção. É nesse espaço também, e que é de relevância a este trabalho, que circularam discursos que irrompem de grafites, entendidos aqui como materialidades significantes (LAGAZZY, 2009), pois funcionam pelo imbricamento entre a linguagem verbal e não-verbal. O objetivo deste trabalho é verificar como a arte da grafiteagem significa na rua e produz efeitos de sentidos na/sobre ela em relação às causas ou movimentos que defende. Como a imagem da mulher negra, Marielle Franco, “grita” nesse museu em movimento, que é atualizado com frequência.

Metodologia

O trabalho será pautado nos pressupostos teóricos-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, criada pelo filósofo Michel Pêcheux na década de 1960, na França, e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi. As materialidades significantes foram recortadas do museu eletrônico NAMI, mas que também circularam em jornais eletrônicos como *O Globo* e a *Folha de São Paulo*, juntamente com reportagens sobre as criadoras desses grafites e a importância do “caso” Marielle Franco para a sociedade brasileira. Conforme Lagazzi (2009), o gesto analítico de uma materialidade significativa deverá ser feito no “jogo” existente entre texto e imagem, “[...] os sentidos têm que ser buscados na composição entre as imagens e as palavras”. (LAGAZZI, 2009, p. 76) e cabe ao analista de discurso buscar os efeitos de sentido que esse entrelaçamento produz e no qual concorrem, juntas, a inconclusão e a incompletude. É nesse batimento entre verbal e não-verbal que é possível observar os discursos que irrompem desse tipo de materialidade, significando um sujeito-mulher-negra e que, historicamente, faz com que ressoem discursos sobre a luta dessa mulher como um ato político.

Resultados e discussão

Nota-se que o museu a céu aberto NAMI e os grafites produzidos nele, reproduzidos tanto na internet como na rua, são um ato político, pois as mulheres artistas usam a grafiteagem para elucidarem a importância do movimento feminista negro e o espaço que essas mulheres estão ocupando socialmente, por meio de projetos e atividades antes desenvolvidas somente por homens, pois, por muito tempo, no imaginário coletivo, tatuar e grafitar eram atividades desenvolvidas por homens. Os dois grafites analisados simbolizam por meio da linguagem



verbal e não-verbal o discurso de resistência e o “grito” que ecoa e clama justiça pelo assassinato da vereadora Marielle Franco. As formulações verbais “Lute como Marielle Franco”, parafraseiam o enunciado que, atualmente, se faz presente nos discursos feministas, estampados em camisetas e nas redes sociais “Lute como uma garota”. No primeiro grafite, em relação à imagem de Marielle Franco ele produz o efeito de sentido de que mais do que lutar como uma garota, é importante lutar como uma mulher negra que enfrenta vários preconceitos raciais, por estar ocupando um cargo que, historicamente, não lhe “pertence”, que luta pelos direitos humanos e que isso, no fio do discurso, traz uma memória discursiva da força que a mulher negra precisa demonstrar para que seja ouvida. Já, no segundo grafite, existe uma série de formulações verbais que significam os discursos que circundam a relevância de Marielle Franco na luta pelos direitos das mulheres negras, mas também de outras mulheres que fizeram história nesse percurso de revolução e as formulações “#Mulheresnegrasdecidem” e “Memória guerreira não se apaga” reiteram a importância de um museu a céu aberto, passível de acesso por todos os sujeitos que circulam por esse espaço e que podem rememorar discursos que resistem com o passar do tempo. Por fim, a Análise de Discurso permite refletir sobre esses espaços da rua que são ocupados por movimentos, atos políticos, que guardam memórias de luta e resistência e pedem justiça.

Considerações Finais

Compreende-se que o movimento NAMI significou a morte da vereadora Marielle Franco por meio da luta e resistência frente às violências contra as mulheres, aos interesses políticos que estão por trás disso e à importância de uma mulher negra na luta pelos direitos humanos. Trata-se de um movimento que elucida a importância da arte/grafiteagem feita pelas mãos de mulheres, em uma comunidade do Rio de Janeiro, que traz à rua, sob a forma de museu em movimento, vários discursos que produzem efeitos de sentidos no batimento entre as linguagens verbais e não-verbais, e que resistem perante ao sistema e à memória discursiva que se tem sobre o lugar da mulher na sociedade, especialmente, da mulher negra, e o que suas lutas passaram a representar com o passar no tempo. O grafite, nessas condições de produção, é tido como um ato político.

Agradecimentos

À UNICENTRO, representada pelo PPGL-LETRAS, pela criação, desenvolvimento e manutenção de um evento que reúne vários pesquisadores da área da Análise de Discurso e que permite que discussões acerca do assunto sejam feitas.

Referências Bibliográficas

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1991.

GRAFITE 1: Disponível em: <https://www.redenami.com/single-post/2018/11/08/FundoNAMI-Marielle-Franco-2018-Oficina-de-Stencil--Mem%C3%B3ria-Guerreira-N%C3%A3o-Se-Apaga>. Acesso em 30 de março de 2019

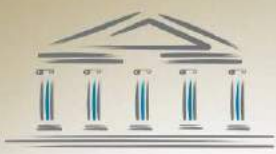
GRAFITE 2. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/rosto-de-marielle-franco-grafitado-na-comunidade-tavares-bastos-no-catete-23257802>. Acesso em 30 de março de 2019.



LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, Freda. Et al (orgs). **O Discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. P. 67-78.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Editora Pontes, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O feminismo negro no Brasil**: um papo com Djamila Ribeiro. Afreaka. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/> Acesso em: 28 de março de 2019.



ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DA SENTENÇA DE UMA AÇÃO DE IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA

Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento de Letras, pertencente ao Grupo
de Pesquisa em Linguística Forense

TULLIO, Cláudia Maris¹

Resumo: Esta pesquisa, baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (Fairclough 2001, 2003), investiga as estruturas do discurso jurídico no gênero textual sentença (Bronckart 2003) prolatada em 11 de agosto de 2017, pela juíza da 5ª Vara da Fazenda Pública da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba acerca de uma Ação de Improbidade Administrativa no tocante à responsabilidade dos fatos acontecidos em 29 de abril de 2015 nos arredores da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. Cabe ressaltar que nessa data houve confrontos entre manifestantes e a Polícia Militar, devido à aprovação de Projeto de Lei que promove mudanças custeio do Regime Próprio da Previdência Social dos servidores estaduais – a ParanaPrevidência -, deixando mais de 200 feridos. A análise se propõe a observar as estratégias típicas de construção simbólica ao buscar na superfície linguístico-textual os modos de operação da ideologia propostos por Thompson (1995). Acredita-se que as interfaces realizadas entre as correntes teóricas tornaram possível analisar o gênero textual jurídico sentença e conferir que suas atualizações linguístico discursivas, em especial a seleção lexical, refletem as relações de poder existentes no domínio discursivo jurídico.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica, ideologia, gênero textual sentença, construção simbólica, direito

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como disse Marcel Proust, “Uma verdadeira viagem de descoberta não é a de pesquisar novas terras, mas de ter um novo olhar”. Assim, neste trabalho, não temos a pretensão de inaugurar teorias, mas de lançar um novo olhar, o nosso, a um objeto discursivo mediante uma abordagem teórico-metodológica já existente, a fim de que possamos fazer descobertas, verificando os efeitos de sentido que emergem do discurso ora analisado.

Desse modo, os objetivos deste capítulo são analisar o gênero textual jurídica sentença, a fim de compreender sua arquitetura linguística discursiva, determinar a estrutura e o funcionamento do gênero textual jurídico sentença e observar os elementos modalizadores e os operadores argumentativos predominantes no gênero. Para tanto, elencamos como cópula a sentença prolatada em 11 de agosto de 2017, pela juíza da 5ª Vara da Fazenda Pública da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba acerca de uma

¹ Doutora em Estudos da Linguagem, docente do DELET Guarapuava, claudiatullio31@yahoo.com.br

Ação de Improbidade Administrativa em relação aos acontecimentos de 29 de abril de 2015 em Curitiba, Paraná, durante o protesto dos professores da rede estadual de ensino.

Quanto à metodologia, a abordagem do problema caracteriza-se como de caráter interpretativista (GRESSLER, 2003; TRIVIÑOS, 1987), buscando analisar os dados contextualmente, atribuindo-lhes significação (GRESSLER, 2003).

Além disso, de acordo com os procedimentos técnicos utilizados, trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica: a primeira porque o trabalho tem como fonte documento, no caso a sentença do processo sobre o dia 29 de abril de 2015, cujo conteúdo não teve o tratamento analítico aqui empreendido e ainda é matéria-prima de investigação e análise (SEVERINO, 2007); a segunda porque o estudo de pesquisas anteriores foi empregado como técnica auxiliar na análise do material adotado e na compreensão dos fenômenos observados.

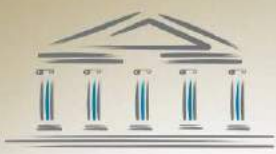
Para atingir os objetivos inicialmente propostos, fundamentamo-nos no Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2003), na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001) e na Linguística Textual (MARCUSCHI, 2003).

GÊNERO TEXTUAL JURÍDICO SENTENÇA

A priori, cabe salientar que a “interação não se dá intermediada pelos advogados que foram os textualizadores da Petição e da Contestação, mas pelas informações proferidas pelos expositores...” (SILVA, 2002, p.143).

Os elementos motivadores de toda e qualquer decisão proferida pelo juiz devem estar efetivamente fundamentados (em textos legais, na jurisprudência e em declarações de peritos e testemunhas), pois eles induzem o magistrado em sua decisão. Este é o enunciador/textualizados do gênero e os coenunciadores são as partes (requerente e requerido), representadas por seus advogados.

No que tange à sentença em tela: o autor é o Ministério Público do Estado do Paraná; os réus são a) Fernando Francischini, então Secretário de Segurança, protagonista da gestão política e operacional de todos os aspectos da ação policial, b) Nerino Mariano de Brito, na ocasião Subcomandante-Geral da Polícia Militar, principal protagonista da gestão operacional da ação policial, c) Cesar Vinicius Kogut, então Comandante-Geral da Polícia Militar, apoiador institucional da gestão operacional da ação policial, d) Arildo Luis Dias, Comandante da Operação ‘Centro Cívico’, executor da ação policial, em seu desfecho final, tendo parcial autonomia em relação a seus desdobramentos, e) Hudson Leôncio Teixeira, Comandante do BOPE, executor da ação policial, tendo parcial



autonomia em relação a seus desdobramentos e f) Carlos Alberto Richa, Governador do Estado do Paraná, que conferiu, ainda que por omissão, respaldo político e administrativo à ação policial.

Para o Thompsom (1995, p.76) “... estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Para atingir seu objetivo desenvolve os procedimentos que adotaremos para identificar os modos de operação da ideologia na superfície do texto.

Nos excertos abaixo, identificamos alguns modos de operação da ideologia. Vejamos

“É o necessário a relatar. Passo a decidir.” A expressão “É o necessário a relatar” nomeia a parte da peça jurídica sob análise e sinaliza a **narrativização**, pois o relatório apresenta exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam a decisão.

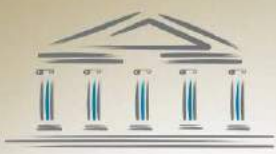
Além, utiliza a **legitimação** como forma de marcar ideologicamente sua argumentação ao buscar a jurisprudência e a lei para embasar seu ponto de vista, utilizando uma cadeia de raciocínio ao procurar justificar um conjunto de relações lógicas, é a **racionalização**.

Além do que utiliza a DISSIMULAÇÃO onde as relações de dominação são ocultas, negadas ou obscurecidas por meio da EUFEMIZAÇÃO -valorização positiva de instituições, ações ou relações das tropas de choque, do aparato militar em detrimento das ações dos funcionários públicos.

Aliás, durante toda a NARRATIVIZAÇÃO da Sentença, os fatos relativos ao ParanaPrevidência, à precarização do funcionalismo público são minimizados. Indica, portanto, a FRAGMENTAÇÃO, isto é, a Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante, por meio do EXPURGO DO OUTRO - construção simbólica de um inimigo – o Funcionário Público, caracterizado pelo APP.

Considerações finais

A discussão e os resultados foram sendo apresentados ao longo da análise. A sentença é um gênero textual prototípico, institucionalizado, permeado de marcas/ pistas textuais que evidenciam os modos de operação da ideologia. Predomina a legitimação que assegura que as relações de dominação sejam representadas como legítimas; a estratégia mais evidente é a racionalização construída a partir da inserção de operadores argumentativos e partículas textuais próprias dos silogismos. A racionalização se apresenta numa cadeia de raciocínios para justificar um conjunto de relações estabelecidas pela argumentação.



Porém, ficou evidente a operação ideológica da dissimulação. No tocante à modalização, prevalece a Deôntica com a articulação das modalizações pragmática (do querer) e lógica (da condição de verdade), afinal a primeira é própria dos textos jurídicos, enquanto o querer e os fatos são avaliados juridicamente.

REFERÊNCIAS

- BRONCKART, J-P. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 2003.
- GRESSLER, L. A. Introdução à pesquisa: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: UNB, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Maria Auxiliadora Bezerra. (Orgs) Gêneros textuais & ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MARINONI, L. G.; ARENHART, S. C.; MITIDIERO, D. Novo Código de processo civil comentado. 2. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2016.
- SILVA, E. M. C. da. A estrutura e o funcionamento de gêneros de texto do processo civil: petição inicial, contestação e sentença. 2002. Tese em Estudos Linguísticos - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TRIVINOS, A. W. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO DOCUMENTÁRIO *SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO*¹

KRÜMMEL, Elivélton Assis²

Resumo

O presente trabalho, intitulado “Entre a história e a memória: uma análise discursiva do documentário *Sobreviventes do Holocausto*”, tem como objetivo realizar uma análise discursiva de um documentário que apresenta testemunhos de sobreviventes do Holocausto, de forma que seja possível trabalhar com a noção de memória e seus diferentes funcionamentos, explicitando o espaço do testemunho, para refletir em como o sujeito discursiviza e simboliza o acontecimento. Em vista disso, consideram-se inúmeros recortes, entendidos enquanto unidades discursivas (ORLANDI, 1984), selecionados do documentário produzido por Steven Spielberg, em 1993, eleito como objeto de análise.

Palavras-Chave: história; memória; documentário.

Introdução

Primordialmente, nossa busca, enquanto analistas de discurso é por “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2009). Em outras palavras, a língua que, por meio do sujeito, faz história. Trabalhamos, pois, com o passado, ou melhor, com as possibilidades de olhar para o passado, de significá-lo. Dessa forma, o funcionamento que buscamos observar por meio dos testemunhos do velho/idoso, enquanto sujeito – sujeitos na condição de sobrevivente do Holocausto – permite-nos mobilizar a noção de memória e os seus diferentes funcionamentos de forma que, no interior do documentário que tomamos como objeto, seja possível também explicitar o espaço do testemunho, sem esquecer que “[...] esse extermínio não deveria deixar nenhum rastro” (ROBIN, 2016, p. 218). Tudo o que investigamos constitui pequenos fragmentos dos rastros da história e da memória, as quais foram destinadas, intencionalmente, ao esquecimento.

É por meio do desenvolvimento dessas questões que estabelecemos, também, reflexões sobre as “tensões” do “contraditório narrar da história”, via testemunho e testemunha, de modo que possamos assinalar seus lugares de importância no documentário e também na história, sempre considerado o ponto de vista discursivo. Sobretudo, é nesta parte que nos debruçamos sobre as noções de memória, lembrança, recordação e reme-

1 Trabalho de Dissertação Concluído, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – RS.

2 Aluno do Curso de Mestrado em Letras da UFSM, bolsista CAPES, e-mail: eliveltonkr@gmail.com.

moração, explicitando os funcionamentos e importâncias que adquirem em nossa pesquisa, para que possamos cumprir nossos principais objetivos: refletir sobre a(s) memória(s) do Holocausto a partir do testemunho do sujeito velho/idoso – e sua importância no interior do documentário –, atentando para o funcionamento do simbólico que está em pleno funcionamento.

Metodologia

Os recortes discursivos selecionados (divididos em nove blocos de análises), os enunciados apresentados e, portanto, esse conjunto de discursividades contempla, conforme pensa Orlandi (2012, p. 49) “as condições de existência dos objetos em uma conjuntura histórica e lembrar que os objetos a saber se constroem em processos discursivos” que, por sua vez, permitem-nos a interpretação, a mobilidade dos sentidos ou, ainda, a produção de sentidos. Assim, cada objeto simbólico possui sua especificidade e, a partir das maneiras como significa, através de sua própria materialidade, está em constante constituição perante o que é político, social, histórico e ideológico e isso funciona em intersecção, com desdobramentos que pendem para um lado ou para o outro. Além disso, são fundamentados e relacionados ao nosso gesto de leitura, que parte da estruturação possível da passagem do tempo e que permite observar como as diferentes temporalidades funcionam pelo fio do discurso testemunhal, cuja condição incumbe ao sujeito velho/idoso projetar-se ao tempo passado, para que possa, no presente, mobilizar a sua narrativa a partir da memória de um passado que não passa (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Resultados e discussão

Nosso trabalho aponta para o fato de que o documentário também funciona como um lugar de memória, pois o que é da ordem do vivido, quando não preservado e assegurado de determinada estabilidade, pode desaparecer, assim como as inúmeras testemunhas, cuja voz não pode ser ouvida. É o que argumenta Venturini (2017, p. 67) ao destacar que “A possibilidade de a memória – da ordem do vivido – poder se extinguir juntamente com as comunidades que as mantêm” o que impõe a necessidade de que o lugar de memória fosse também um lugar de arquivo para que assim a memória pudesse, pela con-

tinuidade e pela estabilidade, ser institucionalizada. Assim, pela forma de representação simbólica com a qual o sujeito velho/idoso se relaciona com o seu passado, cria-se, no documentário, um lugar de memória. Um lugar de procura. Um lugar de interpretação. Um lugar de errância de sentidos, notados no próprio testemunho desses sujeitos.

A partir das reflexões de Courtine (2006), sobre os lugares de memória, Venturini (2009, p. 66) afirma que “[...] o lugar de memória ocorre pela inscrição do lugar na ordem do simbólico e faz retornar enunciados já-ditos, significados, mas esquecidos”. Em decorrência disso, considerando o que foi postulado por Nora (1993), a autora ainda completa: “Não fosse assim, os lugares seriam apenas lugares de história [...] e funcionariam como arquivo, que guarda documentos”, pois a memória guardada enquanto um arquivo, perde seu status de recordação, “[...] que mantém um elo vivo de continuidade e de pertença do sujeito”. Essa discussão eleva nossa própria potencialidade em pesarmos no objeto de pesquisa, não somente em relação aos recortes que servem para as análises, mas também da importância em compreender como o documentário funciona, considerada a Análise de Discurso (AD).

O potencial dessa memória é, nesse sentido, exemplar, porque é preciso dar espaço, reconhecer, para impedir o retorno. Desse modo, podemos atestar que a memória do sujeito velho/idoso revela, através de seu testemunho, o seu caráter exemplar. Recorrendo, mais uma vez, às palavras de Venturini (2009, p. 124) percebemos que “o real [...] é o impossível de ser dito, de ser representado; só ocorre pela ilusão do sujeito de poder dizer tudo”. Ao testemunhar ou, ao colocar-se na posição-sujeito de testemunha do Holocausto, narra o inenarrável e o seu testemunho só existe, de certo modo, “sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67).

Considerações Finais

Concluimos que é próprio do analista de discurso estabelecer valores e, assumindo esse lugar, ser ético nas suas escolhas, porque o objeto simbólico, seja na sua singularidade ou na sua coletividade, em sua estrutura simbólica apresenta um “furo” que possibilita a subjetividade, a interpretação. Nosso olhar sobre o objeto é dado ao nível imaginário, simbólico e real e, ao isolarmos determinadas sequência de recortes, ao descompormos esse conjunto significante que é o documentário, podemos entender como ele funci-

ona e como produz determinados efeitos de sentido. O olhar, diante da materialidade, produz efeitos de sentido. Assim, podemos afirmar que o testemunho do sujeito velho/idoso, no documentário, está intimamente ligado com o fato de o documentário ser um lugar de memória. Cada testemunho, assim, cria uma rede significativa que ecoa sentidos a partir de uma memória que é coletiva e que comporta aquilo que é lembrado em relação ao vivido. O que é, sobretudo, traumático.

Agradecimentos

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES –, pelo auxílio concedido.

Referências Bibliográficas

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** *Projeto História*. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo, SP: 1993, p. 7-28.

ORLANDI, Eni P. Segmentar ou recortar? **Série Estudos**. Nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (Linguística: Questões e Controvérsias), p. 9-26, 1984.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 8ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia.** Campinas, SP: Pontes, 2012.

ROBIN, Régine. **A memória saturada.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora UNICAMP. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. V. 20, n. 1, p. 65-82. Rio de Janeiro, RJ. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2019.

VENTURINI, Maria C. **Imagário urbano: espaço de rememoração/comemoração.** Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009.

_____. (Org.). **Museus, Arquivos e Produção do Conhecimento em (Dis)Curso.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

DEZESCREVENDO O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

BORTOLOTTI, Fernanda Seidel²
KRAUSE-LEMKE, Cibele³
PUH, Milan⁴

Resumo

A presente produção tem como objetivo discutir o ensino de Inglês na Educação Infantil (EI) por meio de dois artigos da área de Linguística Aplicada e seus recortes sobre o cenário brasileiro. O método de *dezescreita* (BARZOTTO, 2014) será adotado para análise crítica, ampla e profunda do material. Muito além de comparar os dois trabalhos, busca-se situar o leitor a respeito do que permeia e atravessa os escritos, apresentando como resultados aspectos contidos nas entrelinhas. Ainda, espera-se que as conclusões despertem para a necessidade de adoção de análises deste gênero no cotidiano das pesquisas e na própria rotina de sala de aula.

Palavras-Chave: ensino de inglês; educação infantil; análise do discurso.

Introdução

Qualquer discussão acerca da importância do domínio de uma segunda língua – aqui nomeadamente o inglês – seria redundante. O governo por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), tornou o ensino de Inglês obrigatório desde então, contudo apenas no segundo ciclo do Ensino Fundamental (EF). A responsabilidade da Educação Infantil (EI) recai sobre o município, que de acordo com lei é quem deve tomar iniciativa. Deste modo, as escolas públicas que ofertam Inglês na EI ainda acabam sendo exceções, enquanto que nas particulares tal prática vem se tornando cada vez mais comum. A proposta de inclusão curricular da disciplina no setor público, quando adotada pelo município, frequentemente passa despercebida. Assim sendo, as publicações sobre são praticamente tão raras como a ocorrência.

O atual cenário brasileiro de educação revela eventuais lacunas, sobretudo no que se refere à formação e subsídios para atuação de profissionais que trabalham com o ensino do idioma para crianças desta idade. Algumas práticas até vem ocorrendo, mas de modo isolado, pouquíssimo divulgado no meio acadêmico. Evidencia-se a necessidade de repensar e desenvolver estratégias didáticas, metodológicas e curriculares, sendo a pesquisa e subsequente publicação de resultados grandes aliados para suprir esse déficit.

Conforme mencionado, as pesquisas acerca do tema caminham justamente na contramão da demanda. Por meio do embasamento teórico adotado, este será um dos primeiros pontos ao qual o presente trabalho procura discorrer: a razão pela qual pouco se escreve a respeito do ensino de Inglês na Educação Infantil. Outras indagações serão propostas, como a possibilidade do escasso material científico encontrado estar refletindo poucas práticas sendo efetivadas, o menosprezo à faixa etária e/ou à disciplina. O que tem sido escrito e como está posto também será analisado através de uma amostra das pesquisas, ou seja, da análise de duas fontes principais sem a pretensão de esgotar o assunto – até mesmo porque qualquer tentativa de falar pelo todo seria prepotente.

¹Este trabalho compõe o escopo teórico de dissertação de mestrado em andamento desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – Unicentro.

²Aluna do PPGE - Unicentro, fernanda.borto@hotmail.com.

³Prof. Orientadora Cibele Krause-Lemke, Doutora em Educação, Professora do PPGE e PPGL da Unicentro, cibelegl@gmail.com.

⁴Prof. Coorientador Milan Puh, Doutor em Educação, Aluno de Pós-Doutorado do PPGE - Unicentro, milan.puh1@gmail.com.



Metodologia

Para o presente trabalho utilizou-se como estratégia de identificação e seleção dos estudos a busca de publicações indexadas nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e no portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). As buscas se deram em outubro de 2018 sob os descritores “crianças e Inglês”, “crianças e bilíngue”, “Educação Infantil e Inglês” e “Educação Infantil e bilíngue”. Dentre os artigos encontrados, foram selecionados dois que se adequavam à proposta de trabalho. Os demais trabalhos foram descartados por discrepância com o tema proposto e, principalmente, estarem relacionados a outras faixas etárias, línguas maternas ou estrangeiras.

Os artigos foram analisados com base na Análise do Discurso (AD), que segundo Ferreira (2003) preocupa-se em deslocar a relação direta com a linguagem, estabelecendo ligação com a linguística de forma crítica. Assim, a AD cria discussões inerentes à própria linguística, que até então negligenciava questões dos conceitos de língua, historicidade e sujeito. Outro referencial foi o Movimento de *Dezescrita*, que procura reinventar a leitura e a escrita marcadas pelo já dito, questionando a interpretação contida nos textos dos quais o escritor se apropria para compor seu próprio trabalho (RIOLFI; BARZOTTO, 2014).

Resultados e discussão

Conforme exposto anteriormente, não se pretende limitar o presente trabalho a comparação de Carvalho (2009) a David (2016), mas é imprescindível o fazer também. Segundo informações extraídas dos próprios artigos, a primeira pesquisadora realizou recorte da sua dissertação de mestrado defendida em Santa Catarina (SC) para escrever o material analisado, trabalhando atualmente no ensino superior do Paraná, mesmo estado em que cursou a graduação. O segundo autor, frequentando doutorado na Espanha na época em que fez a publicação (mestrado realizado na mesma localidade), era também professor da EI e do EF I e II (local não identificado), tendo cursado graduação no Rio de Janeiro.

Com as informações obtidas sobre a trajetória profissional dos autores nota-se prevalência da discussão do tema em foco nas regiões sul e sudeste do Brasil, além de em território estrangeiro. Em buscas informais pela internet a respeito do paradeiro dos autores descobriu-se que atualmente David está envolvido com seu doutorado na Flórida (EUA). Carvalho também continuou seus estudos, tendo concluindo em 2018 o doutorado (na mesma instituição do mestrado, em SC).

Quanto às revistas em que os artigos foram publicados, a *Trabalhos em Linguística Aplicada* lançou o artigo de Carvalho (2009) em seu volume quadrimestral. Desde 1983 o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) organiza publicações. Por sua vez, a *Revista Tabuleiro de Letras de David* (2016) é de fundação mais recente (2008) e trata-se de uma publicação semestral do Programa em Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Neste periódico constam publicações de Linguística e Literatura, enquanto naquele apenas de Linguística Aplicada.

Ainda que uma das revistas seja de São Paulo e some para a representatividade do sul e sudeste, a outra é da Bahia. No entanto, é curioso refletir que a revista que representa as duas regiões aqui em destaque (sul e sudeste) apresente publicações do respectivo território, e a bahiana publique um trabalho de outro local. Levanta-se assim a discussão a respeito da visibilidade do tema ensino de Inglês na EI em diferentes estados do Brasil, ademais se questiona também a produção de conhecimento científico geral nestes espaços diversos.

Deixando de lado o olhar confrontador necessário para o início da análise, dá-se continuidade a partir de investigação singular, prezando pelas características de cada artigo

individualmente. A proposta de Carvalho (2009) é uma pesquisa etnográfica a respeito da interação entre uma professora e seus alunos da EI, desempenhando gravações em vídeo e notas de campo (da professora/autora e de uma observadora). O objetivo delineado foi a contribuição para a prática dos professores, designadamente a respeito do incremento da comunicação com as crianças, facilitando a compreensão delas. As palavras-chave elencadas foram interação; professor/aluno; e inglês-LE.

Vale ressaltar que a professora da sala de aula em questão é a autora de Carvalho (2009), que utiliza estratégias ao longo da escrita do artigo para tentar adotar postura crítica e imparcial. De acordo com ela, a pesquisa-ação é relatada em terceira pessoa para promover afastamento, tática que coloco em debate. Apesar de serem buscados meios para evitar interpretações tendenciosas, Franco (2005) corrobora com essa suspeita do rompimento da neutralidade nesta categoria de pesquisa, trazendo alguns pressupostos epistemológicos fundamentais que na verdade podem acabar prejudicados. Dentre as características listadas, a pesquisa-ação exige que se cruze a fronteira da descrição, trazendo explicações para os fenômenos observados, contudo parece difícil apontar explicações sem inferências.

No outro artigo, em contrapartida, David (2016) apresenta um trabalho com as palavras-chave ensino; bilinguismo; alfabetização; e benefícios – as quais dão pistas sobre o que ele vislumbra. Seu objetivo é relacionar a educação bilíngue e o desenvolvimento infantil, adotando uma pesquisa bibliográfica que culmina com a relação positiva entre os dois. A conclusão revela que não apenas o bilinguismo seria positivo, mas as atividades ligadas ao aprendizado de uma segunda língua o quanto antes.

O artigo de Carvalho (2009) não entra no mérito de discutir idade para início da imersão no inglês, porém pensa as diferentes estratégias de acordo com a faixa etária. Sugere algumas características do público que devem ser respeitadas: “crianças são ativas e têm muita energia; são barulhentas; são rápidas; gostam de usar seus sentidos; têm imaginação; são divertidas e entusiasmadas; crianças são crianças” (ROTH, 1998, p.7 *apud* CARVALHO, 2009).

É louvável o respeito que Carvalho (2009) tem com as crianças, tratando-as como tal. Muitas vezes vistas como mini adultos e submetidas a estratégias de ensino que são uma réplica da prática com o público mais velho (só que “de um jeitinho mais fácil”) as crianças tornam-se vítimas e são fadadas ao fracasso escolar. O uso de fantoches e marionetes pela autora materializa as diretrizes da BNCC, principalmente no que diz respeito a instigar o lúdico, além de facilitar a aproximação dela com as crianças.

A essência de Carvalho (2009) é a interação professor-aluno: a) a forma como os pequenos se dirigem à professora logo no primeiro contato e se há alteração de padrão após oito semanas; b) se há uso da língua materna (LM) e em que momentos; e c) se o uso da LM favorece as interações. A autora e também professora das aulas, procura distanciar-se de sua prática para poder voltar seus olhos a ela com criticidade. Contrária ao trabalho desempenhado em sala de aula por ela própria, entende que o uso da LM é importante desde o início – salvo em momentos específicos - acreditando que deveria ter usado mais a LE.

Para Ellis (1997 *apud* CARVALHO, 2009) a alteração que o adulto faz nos seus dizeres para falar com uma criança na LM de ambos é também presente quando um falante nativo se comunica com um aprendiz. Entretanto, Carvalho utiliza-se desta citação como argumento para justificar o uso da LM. Entende-se que em uma turma de crianças tão pequenas com conhecimento de Inglês próximo a nulo seja desafiador usar LE desde o início. Contudo, acredita-se que a ênfase empregada não tenha sido oportuna. A ideia aqui parece mais relacionada ao nível de complexidade das frases em LE, que deve ser diminuído, do que ao fato de usar mais a LM e deixar a nova língua de lado. Por exemplo, a própria autora parafraseia Charrington e Covill (2001 *apud* CARVALHO, 2009) explicitando como a exposição ao novo idioma oportuniza o reconhecimento da LE para então (re)produzir e

praticar. Por isso a importância de utilizá-lo substancialmente desde as primeiras aulas, fazendo progressões em termos de quantidade e grau de dificuldade.

Considerações Finais

É preciso considerar uma tendência geral que há dos autores em serem um tanto pretenciosos ao realizarem suas pesquisas e escreverem sobre. Apesar de umas das autoras utilizadas nesta análise haver exposto críticas para consigo, raramente encontra-se tal postura. A ciência também pede justiça. Um professor-pesquisador não tende a falar de pontos negativos, embora seja adequado caso sejam descobertos. Assim, é interessante refletirmos sobre e humildemente deixarmos transparecer também o que deu errado e/ou resultados não tão agradáveis de nossas pesquisas. Atitudes assim podem facilitar o avanço do conhecimento científico, evitando que os mesmos erros tornem a acontecer.

Em suma, minha colaboração diz respeito, entre outros aspectos, às possibilidades de aplicação da AD no cotidiano não só das pesquisas, mas também em sala de aula (crítica do referencial bibliográfico, ao material didático). Fundamentalmente, para prezar a integridade da disciplina de AD, deve-se apropriar da mesma com cautela, respeito e exatidão.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10/03/2019.

CARVALHO, Raquel Cristina Mendes de. A Educação Infantil descobrindo a língua inglesa: interação professor/aluno. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v.48, n.2, p.317-332, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132009000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15/03/2019.

DAVID, Ricardo Santos. Professor quanto mais cedo é melhor? O papel diferencial da educação bilíngue. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 10, n. 2, dez. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/3183>>. Acesso em: 01/04/2019.

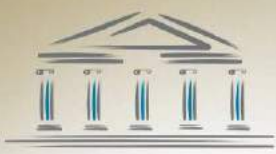
FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Quadro atual da análise do discurso no Brasil**. Letras (UFMS), v. 01, 2003, p. 39-46. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896>>. Acesso em 01/04/2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.31, n.3, p.483-502, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29/03/2019.

Revista Tabuleiro de Letras, Bahia. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras>>. Acesso em: 10/03/2019.

Revista Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla>>. Acesso em: 10/03/2019.

RIOLFI, Claudia Rosa; BARZOTTO, Valdir Heitor. (org). **Dezescrita**. São Paulo: Paulistana, 2014, p.101-114.



A RETORICIDADE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM UM CAMPUS NO INTERIOR

Guilherme Beraldo de ANDRADE¹
Orientadora: Maria Cleci VENTURINI²

Resumo: Buscamos analisar nesta pesquisa o processo retoricista de uma Universidade Pública em seu *campus* no interior, em específico, o *campus* da Universidade do Estado de Minas Gerais na cidade de Passos/MG, distante 370 km da capital Belo Horizonte/MG. Suportado nos dispositivos teórico-analíticos da Retórica (Aristóteles e Amossy), buscamos identificar como o mencionado espaço produz sentidos no espaço urbano, sobretudo na peculiaridade de sua instalação interiorana, notadamente como um objeto discursivo digno de diferentes modos de olhar, um espaço de significação de e sobre sujeitos-cidadãos. De igual forma, a legitimação e aceitabilidade de seu discurso implica na análise retórica de sua constituição, num enfrentamento do argumento proposto e o convencimento do auditório, incitando a análise sob a ótica do ato persuasivo. Realidade de inúmeras Universidades do país, concretizada em políticas públicas, a significação da interiorização do ensino ainda nos traz mais questionamentos do que certezas absolutas, amparando e incitando horizontes maiores para sua completa análise.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade; UEMG; Espaço Urbano; Retórica.

1. INTRODUÇÃO

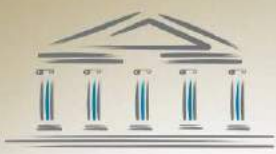
Buscamos maiores reflexões, consoante os pressupostos da retórica a constituição e construção de sentidos da Universidade Pública em seu campus no interior, notadamente da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – na cidade de Passos/MG, bem como a

Ao pensarmos no espaço universidade pública, pensamos na tríade sujeito, história e memória (Orlandi, 2002, p.11), bem como sua legitimação e decorrente produção de sentidos. Assim, na peculiaridade de instalação de um campus da Universidade do Estado de Minas Gerais em decorrência da absorção de antiga Fundação de Ensino Superior³, na

¹ Pós-doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: guilhermeberaldo@hotmail.com.

² Professora Associada, do Departamento de Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Docente do Corpo Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: mariacleciventurini@gmail.com.

³ A qual exigia mensalidades pagas por alunos universitários.



cidade de Passos, distante 340 km da capital Belo Horizonte, buscamos, a partir dos ensinamentos de Orlandi, analisar sua significação, bem como, por meio dos ensinamentos retóricos de Aristóteles, a legitimação de seu discurso em sua relação com a comunidade.

Ora, espaço simbólico que é, a UEMG é uma parte de um todo que merece compreensão, produzindo sentidos no espaço urbano, sobretudo na peculiaridade de sua instalação interiorana. Suportado pelo estudo de Venturini (2017), entendemos que o campus da Universidade na cidade de Passos é um objeto discursivo merecedor de diferentes modos de olhar e, por ser, assim, um espaço de significação de e sobre sujeitos-cidadãos.

De igual forma, a legitimação e aceitabilidade de seu discurso implica na análise retórica de sua constituição, num enfrentamento do discurso proposto e o convencimento do auditório. Sua instalação traz estratégias discursivas que, atreladas ao acentuado interesse coletivo, incitam a análise sob a ótica do ato persuasivo.

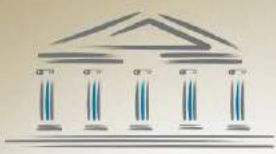
Enfim, busca-se analisar a produção de sentidos decorrente da instalação do campus na cidade, que significa e faz significar sujeitos, discursos e memórias, bem como, em vertente complementar, sua legitimação retórica.

2. REFERENCIAL E BREVE ANÁLISE

A despeito da amplitude da pesquisa, neste primeiro momento, buscamos analisar a retoricidade da existência do campus na cidade de Passos/MG (interior), isto é, uma universidade pública fora da territorialidade da capital.

Para tanto, amparamos a análise na linha da retórica e argumentação, considerando-se, por oportuno, ser a argumentação composta pelo estudo da lógica (arte de pensar corretamente), da retórica (arte de bem falar) e a dialética (arte de bem dialogar). Neste enleio, o filósofo grego Aristóteles desenvolveu uma concepção própria da retórica, a diferenciando da lógica (a retórica se ocupa da comunicação ordinária e não necessariamente amparada em valores verídicos) e da dialética (a retórica não busca o diálogo somente do orador).

Mais ainda, Aristóteles aduz que, no ato do discurso, caberia ao orador a seleção dos argumentos passíveis de serem utilizados e mais bem aceitos pelo auditório. Deste modo, o filósofo grego define tais argumentos em três tipos como instrumentos de



persuasão, quais sejam: *ethos*, *pathos* e *logos*. Os dois primeiros de ordem afetiva, sendo o último de ordem racional.

Ethos é o argumento vinculado ao caráter do orador, isto é, como ele deve se apresentar para gerar confiança no auditório. O caráter com o qual ele deve se adaptar (do auditório). *Pathos* é o conjunto de emoções e sentimentos que o orador deve buscar suscitar no auditório com seu discurso. *Logos* é argumentação propriamente dita do discurso, consolidando-se como o aspecto dialético da retórica.

Os três elementos amparam a ação persuasiva, devendo ser apresentados complementarmente – e não concorrentemente. A bem da verdade, um argumento não tem eficácia sem o outro, de forma que suas relações mútuas fundamentam a estrutura argumentativa. Ocupar-nos-emos do argumento *ethos*. Como já mencionado, o *ethos* é a construção do orador de sua própria imagem e caráter durante o discurso e a prática argumentativa propriamente dita, produzindo a confiança no auditório.

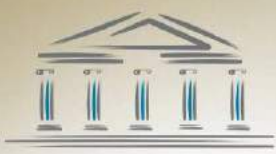
Conforme Andrade (2019), na projeção do *ethos* por parte do orador, tal pressuposto dirige-se fundamentalmente ao auditório como um todo, isto é, este último mostra-se fulcral para o processo argumentativo, relevando-se suas crenças e verdades. Numa de suas vertentes, corrobora-se um parecer prévio já existente do orador, isto é, características – positivas ou negativas - anteriormente já marcadas pelo auditório; um conhecimento do mesmo já existente. Tal característica foi definida por Maingueneau (2013) como *ethos pré-discursivo*.

Através do *ethos* pré-discursivo⁴, visualizamos um movimento unilateral do discurso produzido, restando ao auditório uma posição passiva/receptiva/confirmativa. Bourdieu (1982, p. 104) atesta que nem sempre a competência de se formar frases suscetíveis de compreensão é suficiente para se formar frases suscetíveis de serem *escutadas* em determinadas situações, o que aumenta a importância do *ethos* pré-discursivo na produção de condições de aceitabilidade e receptividade do discurso.

Ainda, segundo Amossy (2013, p. 136), o *ethos* pré-discursivo é exteriorizado em uma “posição institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere, contribuindo para suscitar uma imagem prévia”.

Tais representações alimentam a posição institucional do ensino público gratuito e preparado, partícipes de um *ethos* anterior da universidade estadual já formado; um

⁴ Consoante Grácio (2009), o *ethos* pré-discursivo refere-se à imagem que o auditório constrói do enunciador, antes mesmo que este pronuncie ou expresse algo.



ethos pré-discursivo. Este manto representativo lhe atribui uma imagem prévia num pano de fundo capaz de legitimar suas posições, fazendo que o *ethos* pré-discursivo fundamente o discurso com o poder da persuasão.

As primeiras análises, fulcradas no aspecto retórico, da existência, decorrente de um processo de encampação de uma anterior fundação de ensino superior, partícipe de uma universidade pública no interior do Estado de Minas Gerais, corrobora a existência de um *ethos* pré-discursivo favorável, o que agrega argumento e poder de persuasão em sua simbologia perante a sociedade, ainda mais considerando que suas antecessoras, isto é, as demais universidades públicas estaduais, se furtaram/furtavam a qualquer expansão fora da região da capital mineira, o que dignifica e faz ganhar relevância o discurso da UEMG, traduzindo e fortalecendo a acordo prévio com o auditório.

Sob o prisma aristotélico, a percepção do *ethos* da universidade pública por seu auditório interiorano, em função da localidade de seu campus, denota uma positivação de/no processo de construção de sua imagem, inclusive na modalidade pré-discursiva, tendo em vista sua legitimação de natureza não privada e gratuita, traduzindo um fato relevante no processo de troca argumentativa a amparar e fortalecer a persuasão.

3. REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ANDRADE, G. B. **O Multiethos do Papa Francisco**: argumento e direito. Campinas: Pontes, 2019

ARISTÓTELES, **Retórica**. Revisão Levi Condinho, 2. ed. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2005.

MEYER, M. **A problematologia**. Tradução Sandra Fitas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

_____. **A retórica**. Revisão técnica Lineide Salvador Mosca; Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Questões de retórica**: linguagem, razão e sedução. Revisão Alberto Gomes e Ruy Oliveira. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1998.

VENTURINI, M. C. (org.) **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. Campinas: Pontes Editores, 2017.



UMA ENTREVISTA SOBRE ORGULHO HETEROSSEXUAL E HETEROFOBIA: EFEITO DE SILENCIAMENTO DAS CONQUISTAS DA COMUNIDADE LGBT¹

LAU, Héilton Diego²
RASIA, Gesualda de Lourdes dos Santos³

Resumo

Os estudos de gênero e sexualidade inscritos em uma perspectiva discursiva buscam a história das (a)sexualidades e identidades de gênero, deslocando sentidos já consolidados historicamente e socialmente (ZOPPI FONTANA & FERRARI, 2017). O *corpus* deste estudo é uma entrevista veiculada na revista *Veja* de 2011, em que o entrevistado é o vereador Carlos Apolinário, do Partido Democrático Trabalhista, de São Paulo em que fala a respeito do seu projeto de lei sobre o Dia do Orgulho Heterossexual, a ser comemorado no terceiro domingo de dezembro na cidade de São Paulo. Ao trazer as sequências discursivas é possível notar o silenciamento que o vereador (re)produz a respeito da luta da comunidade LGBT.

Palavras-Chave: discurso; entrevista; mídia; orgulho; sexualidade.

Introdução

Neste trabalho, analisamos discursivamente uma entrevista feita por André Eler, repórter da revista *Veja* em 10 de agosto de 2011. A matéria intitulada *Conversa com Carlos Apolinário*⁴ é uma entrevista feita com o vereador do Partido Democrático Trabalhista de São Paulo, Carlos Apolinário (PDT-SP). Nela são discutidas questões a respeito do projeto de lei (PL) que ele criou para o município: o PL 294/2005 “Institui, no Município de São Paulo, o Dia do Orgulho Heterossexual, e dá outras providências”, já analisado (LAU, 2018). Ficou instituído o terceiro domingo de dezembro de cada ano a ser comemorado esta data em São Paulo.

Para fazer trabalhar a questão proposta, tomamos como base a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, mais propriamente filiada aos domínios teóricos inaugurados por Michel Pêcheux, na França, continuada e rediscutida por diversas autoras também no Brasil, como Orlandi (1993, 2013) e Zoppi Fontana e Ferrari (2017).

Tomando como ponto de partida o discurso do “senso comum”: “se existe o Dia do Orgulho LGBT, deve existir o Dia do Orgulho Heterossexual para ser ‘igualdade’”; neste sentido, buscamos analisar o funcionamento do “orgulho” referente à comunidade heterossexual imaginada pelo vereador Carlos Apolinário; e como o “orgulho” da comunidade LGBT opera na/para a sociedade e notar o silenciamento (ORLANDI, 1993) que o discurso do vereador produz para/sobre a comunidade LGBT quando fala sobre um possível “orgulho heterossexual”.

Metodologia

O nosso terreno teórico e metodológico será a AD de linha francesa, como já mencionado anteriormente, tendo como base seu fundador, Michel Pêcheux. Filiamo-nos à AD por compreender que, pelo seu caráter de disciplina de entremeio (ORLANDI, 2013) e sua constituição na interface entre Linguística, Marxismo e Psicanálise (PÊCHEUX & FUCHS, 2014

¹ Trabalho de tese em andamento. Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos Linguísticos, seguindo a linha de pesquisa Linguagens e Práticas Sociais pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Pertence ao Grupo de Pesquisa Estudos do Texto e do Discurso: Entrelaçamentos Teóricos e Analíticos (UNICENTRO-UFPR).

² Discente do curso de doutorado em Letras da UFPR, bolsista CAPES. E-mail: heliton.diego@hotmail.com

³ Professora orientadora, doutora em Letras, PPGL. E-mail: gesa.rasia@gmail.com

⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/2WpvxNz>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

[1975]), essa teoria permite depreender o funcionamento de determinados processos de semantização, tendo o discurso como relação necessária entre língua e ideologia.

Definimos discurso como “efeitos de sentidos (e não transmissão de informação) entre os interlocutores” (PÊCHEUX, 2014a [1969], p. 82), porque, para nós, analistas de discurso, o sentido não reside em nenhuma instância da língua, mas se dá no momento mesmo da tomada da palavra pelo sujeito, quando a ideologia intervém na ordem da língua, produzindo-se, assim, um determinado efeito de sentido, o qual, de acordo com Orlandi (2013), pode ser sempre outro.

Mobilizamos, aqui, e consoante a esse postulado teórico-metodológico, uma noção de sujeito atravessada pelo inconsciente, que se constitui paralelamente ao sentido, sempre inscrito em uma trama discursiva, e submetido à ordem da língua e à ideologia. Para Pêcheux (2014b [1975], p. 149), “o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos [...] se realiza através do complexo de formações ideológicas [...] e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’”. Para o autor, trata-se de recuperar as “formas travestidas e ‘fantasmagóricas’ inerentes’ à subjetividade” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 150) iniciadas por Lacan e, posteriormente, por Althusser, cada um a seu modo, e com diferentes noções de subjetividade.

Para Pêcheux (2014b [1975], p. 150, ênfase do autor): “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma de sujeito*. A ‘forma-sujeito’, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”. Ou seja, a identificação do sujeito ao Sujeito (universal da Ideologia) é vista materialmente na língua, pois é a ideologia que mostra “pistas” que fazem um enunciado querer dizer o que realmente diz mascarado pela “transparência da linguagem”, o que Pêcheux (2014b [1975], p. 146, ênfase do autor) chama de “*o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados”.

Nesse sentido, podemos observar que alguns enunciados são produzidos de um determinado modo e não de outro. Para a AD, segundo Orlandi (1993), é a política do silêncio ou o silenciamento. Este subdivide-se em dois: o constitutivo, ou seja, é “o mecanismo que põe em funcionamento o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer” (ORLANDI, 1993, p. 76); e o silêncio local, o que é proibido de dizer. “Trata-se da produção do silêncio sob a forma fraca, isto é, é uma estratégia política circunscrita em relação à política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido” (ORLANDI, 1993, p. 76-77).

Houve uma censura – dada no/pelo discurso da medicina atrelado ao discurso religioso – da sociedade quanto aos relacionamentos da comunidade LGBT. Tentou-se provar que a homossexualidade era uma doença passível de cura com terapias psicológicas, sendo inclusive chamada de “homossexualismo”, palavra inventada pelo húngaro Karoly Maria Benkert no discurso médico ocidentalista “para caracterizar uma forma de comportamento ‘desviante’ e ‘perversa’ entre pessoas do mesmo sexo; portanto, o sujeito homossexual passa a existir, na história humana, apenas a partir do século XIX” (FURLANI, 2009, p. 153), já como um doente, pois a partir deste século que a palavra sexualidade ganhou outros sentidos (FOUCAULT, 2011).

É a partir dessa formulação teórico-metodológica, portanto, que nos embasamos para discutir os processos de produção de sentido sobre a questão do “orgulho” da comunidade heterossexual e da LGBT.

Resultados e discussão

O *corpus* que compõe este trabalho advém dos dizeres sobre o Dia do Orgulho Heterossexual. Em contrapartida, para pensar nos efeitos de sentidos dos discursos que o



vereador (re)produz na entrevista, contrapomos com uma matéria que fala sobre o orgulho da comunidade LGBT.

Apresentamos, a seguir, as sequências discursivas (SD) para a análise:

SD1: Por que criar o Dia do Orgulho Hétero? Há um *excesso de leis criadas para os gays*, como se o maior problema do país fosse a questão do homossexualismo (sic). Criei o Dia do Hétero para levantar o debate sobre os *privilégios dados aos gays* (ELER, 2011, ênfase nossa).

SD2: Os heterossexuais são discriminados? Sim. Se eu disser que o *casamento certo é entre um homem e uma mulher, vão dizer que sou homofóbico. Há uma heterofobia* (ELER, 2011, ênfase nossa).

Na SD1 podemos notar que o objetivo de Apolinário ter criado o PL 294/2005 é uma ideia contrária ao que já existe: “excesso de leis para os gays” que dão “privilégios”. Ao observar a trajetória histórica da comunidade LGBT, especificamente no Brasil, ainda está em decisão se há a possibilidade de criminalizar a homofobia, e as conquistas da comunidade LGBT são, na visão do vereador, “privilégios”, estando além do que é a função da lei, as garantias e proteção do indivíduo. Em seu discurso também nota-se a patologização do sujeito não-heterossexual ao enunciar “homossexualismo” e não “homossexualidade”, em que a primeira palavra carrega na sua história uma patologia passível de cura por meio da religião e da medicina; diferente da segunda, em que busca igualdade entre as sexualidades, como mostra o sufixo de ambas.

Na SD2, Eler questiona Apolinário sobre discriminações contra heterossexuais. Apolinário afirma que há discriminação e usa como justificativa o casamento. Para o vereador, a naturalidade imaginada do casamento, dada como “certa”, é devido ao discurso religioso atrelado ao discurso jurídico. O silenciamento da conquista ao casamento igualitário da comunidade LGBT ocorre ao marcar como “certo” apenas o casamento heterossexual; em que o mesmo é respaldado e protegido pela religião, e a justificativa se dá devido à reprodução e pelo judiciário, que resguarda direitos e garantias ao casal heterossexual.

No Brasil, em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união de pessoas do mesmo gênero. Essa conquista é silenciada pelo vereador, que garante os mesmos direitos pelo discurso jurídico, mas que nos rememora um alerta de que não há nenhuma lei que, de fato, proteja essa conquista, podendo ser colocada em xeque em governos mais conservadores. O STF, desde 2011, concede os mesmos direitos para ambas as comunidades, porém, a comunidade heterossexual não precisou lutar para garantir o direito a se casarem, porque, pelo discurso religioso, o mesmo é garantido.

Quando Apolinário fala que ao enunciar que o casamento “correto” é *apenas* entre homem e mulher, podem acusá-lo de homofobia, o vereador não está errado, pois a homofobia é uma violência física ou simbólica ao sujeito que não se enquadre na heteronormatividade. No entanto, quando há um contradiscurso de que o casamento não é somente sob a ótica heteronormativa, isso não significa que é “heterofobia”, pois o casamento, como já dissemos, não foi uma conquista da comunidade heterossexual.

Considerações Finais

Os discursos (re)produzidos por Apolinário marcam um sujeito não-heterossexual do século XIX como doente, que, ao enunciar “homossexualismo”, buscamos na memória histórico-



discursiva um sujeito doente; por outro lado, resiste e hoje se orgulha com os direitos já conquistados.

Falar de “orgulho LGBT”, significa observar as conquistas e os contradiscursos (re)produzidos sobre a anormalidade que a comunidade luta para mudar e garantir os mesmos direitos que a comunidade heterossexual, o que, para Apolinário, são “privilégios”. O mesmo aplica-se para “homofobia”, realidade da comunidade LGBT que sofre diariamente, seja verbal, psicológica ou fisicamente.

A remissão ao “orgulho heterossexual” no discurso de Apolinário, mostra o silenciamento da luta da comunidade LGBT e não promove “igualdade” entre as comunidades.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por concessão da bolsa e à minha orientadora, Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia, por caminhar comigo entre os discursos e as sexualidades.

Referências

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAU, Héilton Diego. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

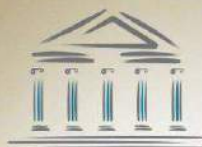
ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 11 ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69) [1969]. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a, p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** [1975]. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas [1975]. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014, p. 159-249.

ZOPPI FONTANA, Mónica G.; FERRARI, Ana Josefina. Apresentação. In: ZOPPI FONTANA, Mónica G.; FERRARI, Ana Josefina (orgs.). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**, v. 1. Campinas, SP: Pontes, 2017, p. 7-19.



ESPAÇO URBANO DE GUARAPUAVA: COLONIZAÇÃO, POVOAÇÃO E URBANIZAÇÃO ¹

CANALLI, Maria Lucimar²

VENTURINI, Maria Cleci³

Resumo

O processo de produção do espaço urbano desde a colonização de Guarapuava ressoa a desigualdade social. Nesse trabalho iremos situar o Museu Visconde de Guarapuava no espaço urbano, pois o mesmo guarda memórias da ordem, da organização e dos sujeitos no espaço urbano. Analisar os atravessamentos culturais e ideológicos na colonização dos Campos do Terceiro Planalto, mostrando como o Visconde de Guarapuava se insere na história, elegendo o mesmo para representar os demais coronéis das terras e escravagistas da região. Pois, foram eles os sujeitos que receberam as grandes sesmarias e que construíram os primeiros casarões no espaço urbano se beneficiando da mão de obra escrava para a construção dos mesmos. Com esse objetivo que o escravo Belmiro Sebastiao de Miranda foi comprado em Maceió e trazido para Guarapuava. Seu trabalho de mestre em edificação era solicitado por outros senhores, porém, enquanto ele vivia em regime de escravidão somente lhe era permitido executar tarefas para outros nas horas de folga e dias santificados.

Palavras-chave: museu; escravo; espaço urbano

Introdução

O escravo Belmiro Sebastião de Miranda representou o político e a política no espaço urbano de Guarapuava em sua época, pois chegou aos Campos do Terceiro Planalto Paranaense comprado em Alagoas para trabalhar em sistema escravocrata como qualquer outro escravo, logo em seguida com dinheiro ganho em trabalho para outros senhores, nas horas de folga comprou a própria alforria e depois se tornou um abolicionista guarapuavano. Partindo desse contexto o museu é o nosso texto que descreve a cidade e que a Análise de Discurso precisa para trabalhar o sentido de acordo com as condições de produção das memórias que caracterizam os sujeitos que significam no texto. Analisamos o sentido enquanto memória dos sujeitos envolvidos no processo de memória/história do Museu Visconde de Guarapuava. Para esse trabalho buscaremos amparo teórico em autores e pesquisadores da Análise de Discurso (AD) e os historiadores que pesquisam sobre a escravidão no Brasil, delimitando até chegar aos escravos guarapuavanos e nas memórias escravocratas que o Museu Visconde de Guarapuava arquiva em seu espaço/lugar. Nossos objetivos são: Efetivar o recorte do nosso objeto de pesquisa a partir da escravidão em Guarapuava.

Trabalho de dissertação em andamento, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras, na Universidade Estadual do Centro Oeste. ¹

² Aluna do Mestrado em Letras da UNICENTRO. Maria Lucimar Canalli. lucimarcandoi@yahoo.com.br

³ Professora Orientadora, Doutora em Estudos Linguísticos. marialeciventurini@gmail.com



2º COLÓQUIO
INTERNACIONAL
MUSEUS, ARQUIVOS:
LUGARES DE MEMÓRIA
NO/DO ESPAÇO URBANO

II Jornada de Estudos do Discurso no
Paraná: Língua, História e Memória

09 a 11 de Abril 2019

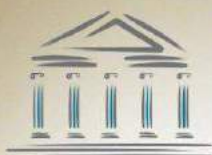
Destacar a memória/história da escravidão guarapuavana até chegar a Belmiro Sebastião de Miranda que nesse contexto representa os demais escravos da região. Reconhecer que o Visconde de Guarapuava e o Belmiro Sebastião de Miranda significaram para o real e imaginário da cidade entre o urbano e o social, porém inscritos em diferentes Formações Discursivas.

Metodologia

Segundo Orlandi, 2003, p. 44. “Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”. É nessa perspectiva que constituímos nossa análise do recorte feito para esse trabalho. O museu nos permite pensar no espaço urbano, na formação da cidade, na colonização e como Belmiro Sebastião de Miranda pode ser representado politicamente no espaço urbano de Guarapuava. A pesquisa é assim construída: Museu Visconde de Guarapuava, o escravo e escravagista, falando do mesmo espaço urbano, porém, representando lugares diferentes porque são sujeitos inscritos em diferentes Formações Discursivas. O aprofundamento teórico será alicerçado nas teorias da Análise de Discurso de Pêcheux, Orlandi, Venturini, dentre outros estudiosos que formam rede de pesquisa. Trazemos historiadores como: Gracita Gruber Marcondes, Alcioly T. Gruber de Abreu, dentre outros.

Resultados e discussão

Os discursos que constituem efeitos de sentido em nosso texto de análise que é o Museu Visconde de Guarapuava inserido no espaço urbano da cidade onde, segundo Orlandi, (2004 p.11) “O corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do outro”. As alterações que ocorreram na formação social dos sujeitos nos traz interesse em estudar a cidade. No período da criação/formação da cidade, os senhores escravagistas se beneficiaram da mão de obra escrava também para as construções dos “palacetes” em volta da igreja matriz. Com objetivo de planejar, administrar e realizar obras de edificação dos primeiros casarões no espaço urbano de Guarapuava e dentre as edificações da época uma delas foi a construção do casarão de Antônio de Sá Camargo o Visconde de Guarapuava também no século XIX. Para cumprir tal papel que o escravo Belmiro Sebastião de Miranda foi comprado em Maceió Alagoas e trazido para Guarapuava. De acordo, com Venturini, (2009, p.60), “Nesse espaço e nesse tempo efetiva-se um ‘contrato’ imaginário realizado entre os sujeitos da formação social e funda-se sobre a experiência humana; nela os sujeitos identificam-se num mundo, designado por Pêcheux (2002) como ‘semanticamente normal’”. Nessa perspectiva o contrato imaginário



2º COLÓQUIO
INTERNACIONAL
MUSEUS, ARQUIVOS:
LUGARES DE MEMÓRIA
NO/DO ESPAÇO URBANO

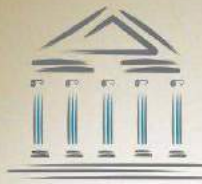
Il Jornada de Estudos do Discurso no
Paraná: Língua, História e Memória

09 a 11 de Abril 2019

entre os senhores e os escravos deu vida ao espaço urbano de Guarapuava que nasceu e cresceu sobre visibilidades e apagamentos. O Museu Visconde de Guarapuava é um lugar que guarda as memórias da cidade. De acordo com Venturini, 2009, p. 69, “As visibilidades e os apagamentos efetivados não são da mesma ordem, visto que cada instituição, apesar de ter o mesmo objeto discursivo, funciona diferentemente”. Belmiro Sebastião de Miranda chegou a Guarapuava não por vontade própria, mas porque sua condição de escravo não lhe permitia ter escolhas. Trabalhou e deixou seu legado de Progresso para a Formação Discursiva (FD) do colonizador, lutou pela liberdade e quando conseguiu tornou-se “o mais célebre abolicionista guarapuavano”. (ABREU, 1991, p. 139). Isso nos mostra que embora inscrito em FD diferente que os senhores, entretanto, o acontecimento gerou efeitos de sentido no passado que ressoa até o presente, ainda são evidenciados os vestígios escravocratas encontrados no próprio museu, tendo em vista que foi uma obra construída por mãos dos escravos que nessa pesquisa são representados por Belmiro. O sujeito que viveu sua condição de escravo por ter sido comprado para suprir a necessidade de mão de obra não encontrada na região naquela época e depois denunciou a escravidão silenciada que houve em Guarapuava, lutou pela abolição, enquanto lutava comprou a alforria da escrava Esydia Ephigênia com quem mais tarde se casou e com a ajuda dela compraram a alforria de mais cinquenta escravos que foram libertos antes da assinatura da Lei Áurea.

Considerações Finais

Orlandi, 2003, p. 42 diz: “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. Tendo em vista essa afirmativa teórica, podemos entender que entre o sujeito escravo representado por Belmiro e sujeito escravocrata representado pelo Visconde de Guarapuava. Em seus discursos garimpados dentre os vestígios do passado que encontramos no museu e nas memórias que trabalham com o que faz sentido na sociedade. Dessa forma que se identifica que os sentidos ressoam de formas diferentes, eles mudam. Ao falar da urbanização da cidade de Guarapuava e das construções dos casarões ressoam sentidos diferentes, de acordo com as formações ideológicas que os sentidos são determinados. Para a Análise de Discurso (AD) disciplina de entremeios o objeto permanece aberto para receber novas interpretações e sentidos. “Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes” (Orlandi, 2003, p. 62). Partido da ideia que o discurso é aberto a interpretação, embora, as memórias subterrâneas da escravidão em Guarapuava viverem meio adormecidas, ou seja, num desejo de apagamento. Entretanto, nessa análise retomaremos o passado com o propósito de buscar as possíveis visibilidades sobre o período escravocrata a fim de deixar em suspense o real e o imaginário da urbanização da cidade e dos sujeitos envolvidos no referido processo.



2º COLÓQUIO
INTERNACIONAL
MUSEUS, ARQUIVOS:
LUGARES DE MEMÓRIA
NO/DO ESPAÇO URBANO

II Jornada de Estudos do Discurso no
Paraná: Língua, História e Memória

09 a 11 de Abril 2019

Agradecimento

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. E a Prof.^a Dr.^a Maria Cleci Venturini, orientadora.

Referências Bibliográficas

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Eni P. Orlandi – Campinas, SP: Pontes, 2004.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano: espaço de
rememoração/comemoração**. 1.^a ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2009.

DO TRONCO AO POSTE: IMAGENS EM MOVIMENTOS – A (DES)NATURALIZAÇÃO DE UMA RELAÇÃO CONSTITUTIVA CIDADE E VIOLÊNCIA¹

LACHOVSKI, Marilda Aparecida²
KRÜMMEL, Elivélton Assis³

Resumo

Na perspectiva da Análise de Discurso postulada por Michel Pêcheux na França, à qual nos filiamos na escrita deste trabalho, os sentidos não estão presos às palavras, antes sim, são sempre produzidos em determinadas condições de produção e não outras, portanto, sempre possíveis de serem outros. Assim, tratamos aqui, como *corpus*, da imagem de capa do jornal *Extra*, veiculada e postada na rede social facebook, em 2015. A ênfase é dada à justaposição de duas imagens que mantêm entre si a recorrência de prisão, punição e castigo nos centros urbanos, no entanto, a primeira – de Debret – é do século XIX, e a segunda, do século corrente. As imagens, no funcionamento de suas textualidades, carregam em suas margens, uma pluralidade de sentidos, de história e memória que, por sua vez, compõem, sob nosso ponto de vista a sua própria constituição e atravessam os gestos de interpretação aos quais estão abertas como indício, como discurso. Imbuído na sua tentativa de compreensão e dizer tudo de e sobre as mesmas, o sujeito assume uma posição, entre outras. A memória nacional brasileira, sob nosso ponto de vista, se faz e se desdobra entre a necessidade e o apagamento do passado escravocrata, por um lado como um trauma a ser superado e por outro como indício de culpa e de responsabilidade por esse mesmo passado, na urgência do retorno, revendo e refletindo sobre as heranças desse processo

Palavras-Chave: língua; sujeito; memória.

Introdução

No título proposto neste trabalho no jogo das palavras, quatro delas nos inquietam e nos instigam: tronco/ poste, violência/ cidade. Num efeito de solidariedade para com o leitor, nos adiantamos: tratamos da capa do jornal *Extra*, veiculada e postada na rede social facebook, em 2015. A ênfase é dada à justaposição de duas imagens que mantêm entre si a recorrência de prisão, punição e castigo nos centros urbanos, no entanto, a primeira – de Debret – é do século XIX, e a segunda, do século corrente. Trabalhamos, neste sentido, não com as imagens isoladas, mas na relação entre elas, num efeito de totalidade,

¹ Parte da tese ainda em andamento. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

² Aluna do curso de Doutorado em Letras da UFSM, email: proffmarilda@hotmail.com;

³ Aluno do curso de Mestrado em Letras da UFSM, bolsista Capes email: eliveltonkr@gmail.com;



no qual a primeira retorna e ressoa na segunda, produzindo sentidos outros, encontro do mesmo e do diferente.

Para nós, no presente trabalho, o objetivo central é entender essa possibilidade de inscrição numa memória nacional, portanto, generalizada, no deslocamento dos significantes tronco e poste, faz ressoar um passado que se deseja esquecer, mas por ser assim mesmo não pode ser esquecido: a escravidão como parte dessa memória que retorna e que exige, que cobra e grita, como uma espécie de reivindicação patrimonial.

Metodologia

No título proposto neste trabalho no jogo das palavras, quatro delas nos inquietam e nos instigam: tronco/ poste, violência/ cidade. Num efeito de solidariedade para com o leitor, nos adiantamos: tratamos da capa do jornal *Extra*, veiculada e postada na rede social facebook, em 2015. A ênfase é dada à justaposição de duas imagens que mantêm entre si a recorrência de prisão, punição e castigo nos centros urbanos, no entanto, a primeira – de Debret – é do século XIX, e a segunda, do século corrente. Por esse viés, situamos a língua como entrada para o discurso e, portanto, elegemos como objeto de discurso *sobre* a violência no espaço urbano sendo que, em princípio, entendemos tais eventos como cenas de violência inscritas na história como fatos ocorridos, e, pelo discursivo, enquanto discursividade, já que funcionam neles as condições de produção, a ideologia, o inconsciente e a memória e por isso nos filiamos ao aporte teórico da Análise de Discurso de base materialista, postulada por Michel Pêcheux, na França e relida, ressignificada no Brasil por Eni P. Orlandi, entre outros autores.

Resultados e discussão

Para nós, nosso trabalho aponta para a memória, como aquela que se produz pela “presentificação” do passado, é sob nosso ponto de vista, uma reconstrução; logo, sinaliza para a falha, para o deslize, para os deslocamentos. Por esse viés, a memória adquire “o estatuto de documento” (CATROGA, 2001, p. 46), apontando também para as noções de memória social como laço de pertencimento. Pertencer, nesse sentido, está ligado à reconstrução efetiva de “passados”, ou seja, na construção e manutenção das memórias de um grupo que apreende e estabiliza (ilusoriamente) o passado como real vivido e per-

tencentente às suas memórias, como se ele estivesse sempre lá, pronto e acabado. Discursivamente, as falhas e vazios da memória são preenchidos pela memória discursiva: aquela que restabelece os implícitos, “a condição do legível em relação ao próprio legível”, preenchendo os furos na linearidade do discurso, pois, segundo Pêcheux (1999, p. 52), esses “implícitos estão ausentes por sua presença”. Movimento de paráfrase⁴ que funciona no entrecruzamento da memória e do movimento dos sentidos no discurso produzido, no deslocamento do que é dado como provável historicamente.

Considerações Finais

A partir do exposto, apontamos para o trabalho da memória como efeito de um saber/poder no qual as cenas de violência são produzidas como naturais, como postas e inerentes à constituição do espaço urbano, destacamos pela Análise de Discurso, a entrada na falha da língua como não completude, não homogênea. Como discursividade, as cenas de violência nesses espaços alcançam maior circulação e por esse movimento, junto aos modos de organização da própria mídia como lugar de observação de sentidos e sujeitos em constante movimento, sempre constituídos na divisão, na retomada, na deriva. No retorno do mesmo no diferente.

Por esse viés, as imagens – cenas de violência nos espaços urbanos, aqui tomadas como cenas discursivas, produzem sentidos na rede como um não todo da textualidade, considerando que pela perspectiva que adotamos, o texto não é objeto empírico, como início, meio e fim, mas objeto simbólico, como postula Orlandi (2001). As imagens, no funcionamento de suas textualidades, carregam em suas margens, uma pluralidade de sentidos, de história e memória que, por sua vez, compõem, sob nosso ponto de vista a sua própria constituição e atravessam os gestos de interpretação aos quais estão abertas como indício, como discurso. Imbuído na sua tentativa de compreensão e dizer tudo de e sobre as mesmas, o sujeito assume uma posição, entre outras. E atulha, enche, satura os espaços, na sua ilusão de autonomia. E diz. Dizendo, produzindo sentidos, significa a si, ao outro e ao mundo; porém, falha. Falta, e por essa falta, segue na busca incessante por

⁴ Para Achard (1999, p. 16), a paráfrase designa as “derivações de possíveis em relação ao dado, que a regularização estrutura a ocorrência e seus segmentos, situando-os dentro de séries”.



tudo poder dizer, ao preço de por esse gesto, apagar sentidos, apagar a história e o desejo de resistir.

Referências Bibliográficas

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHIARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Trad. e introd. de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 11-47.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas/ Unicamp/São Paulo, 2001.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHIARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Trad. e introd. de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SABE DE NADA, INOCENTE: EFEITOS DE SENTIDO NA/EM REDE SOBRE A MULHER

OLIVEIRA, Rafael Ricardo de¹
FERNANDES, Célia Bassuma²

Resumo

Neste trabalho investigamos o funcionamento da memória no espaço digital a partir da formulação-origem *Sabe de nada, inocente*, que irrompe em *Rádio Compadre* e que de tanto se repetir, adquire o estatuto de meme e, após viralizar, retorna no discurso publicitário. Assim, nosso corpus analítico é composto pelo meme *Não é feio está grávida aos 16 anos*; a música *Melô do Tchan*; e a publicidade, *Essa é danada, mas não é ordinária*, que significaram/significam essa formulação-origem, produzindo efeitos de sentidos sobre a mulher. A metodologia será a Análise de Discurso, proposta por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, e pelos pesquisadores que com ela vêm promovendo importantes deslocamentos teóricos.

Palavras-Chave: Discurso; Memória; Publicidade e Propaganda

Introdução

O filme publicitário, *Rádio Compadre* (2014), amplamente veiculado em mídia convencional e digital, é estrelado pelo cantor de Axé Compadre Washington, conhecido nacionalmente por sua participação no grupo É o Tchan, no papel de um rádio, uma criação da agência NBS (nobullshit) para a empresa de classificados grátis, Bom Negócio. Mas não um aparelho comum, um rádio com a personalidade de Compadre, um rosto à imagem do discurso almejado pelo anunciante e sua agência.

Como parte de um planejamento publicitário bem-sucedido neste anúncio temos a viralização de seu bordão, *Sabe de nada, inocente*, que de tanto se repetir, alcança o estatuto de meme e com isso, consegue mídia espontânea, a partir de sua repetibilidade que para Indursky (2011), “permite observar que os saberes pré-existem ao discurso do sujeito: quando este toma a palavra e formula seu discurso, o faz sob a ilusão de que ele é a fonte de seu dizer”. No entanto, para Bortolin (2018) “não há como negar que o sujeito, ao curtir/compartilhar ou ressignificar esses discursos, ‘devolvendo-os’ à/em rede, inscreve o dizer em uma ou mais formações discursivas”, e isso porque como nos explica Orlandi (2015) “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”, o que significa que a repetição se dá por meio dos processos parafrásticos e polissêmicos, conforme Orlandi (2015) e pelo avizinhamo entre memória discursiva, memória metálica e memória digital (DIAS, 2018).

Porquanto, o meme *Não é feio está grávida aos 16 anos*, que apresenta uma relação de oposição entre o discurso de uma de uma mulher grávida e o discurso do personagem interpretado por Compadre Washington no comercial *Rádio Compadre*; bem como, a publicidade, *Essa é danada, mas não é ordinária*, em anúncio da Cerveja Ordinária Pilsen, um produto licenciado por Compadre Washington à cervejaria paulista Hoffen

¹ Mestrando em Letras na UNICENTRO, bolsista CAPES, e-mail: rafaelriol@hotmail.com.

² Professora Orientadora, Pós-Doutora em Estudos da Linguagem, PPGL, e-mail: bacelfer@hotmail.com.

Bier, significaram/significam essa formulação-origem, produzindo efeitos de sentidos sobre a mulher ao reafirmar “já-ditos” na música *Melô do Tchan*, também conhecida como *Pau que nasce torto nunca se endireita*, pois como nos explica Pêcheux (1983) “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

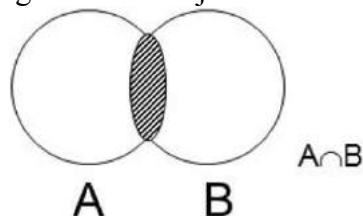
Nosso objetivo geral será compreender quais são os efeitos de sentido na/em rede a partir da formulação-origem *Sabe de nada, inocente* acerca do meme *Não é feio está grávida aos 16 anos* e da publicidade *Essa é danada, mas não é ordinária*. Enquanto, os objetivos específicos visam: 1) investigar o funcionamento dos memes no espaço digital, considerando a relação existente entre discurso e repetibilidade própria das práticas discursivas; 2) identificar através da revisão de literatura os conceitos de publicidade, propaganda, gene, meme, memória discursiva; memória metálica e memória digital; 3) demonstrar por meio da teoria dos conjuntos quais são as semelhanças e diferenças existentes entre conceitos similares como é o caso de publicidade/propaganda, gene/meme e memória discursiva/memória metálica; 3) e, a partir da análise de discurso, proposta por Michel Pêcheux, na França e reincorporada por Eni Orlandi, no Brasil, verificar os efeitos de sentidos produzidos pelas referidas propagandas que irromperam a partir da formulação-origem *Sabe de nada, inocente*.

Metodologia

Os métodos selecionados foram: Pesquisa Bibliográfica, Teoria dos Conjuntos e Análise do Discurso. E os mesmos fundamentam-se: a) a Pesquisa Bibliográfica, porque é um levantamento do que existe sobre um assunto e do grau de conhecimento dos autores que tratam desse assunto; b) a Teoria dos Conjuntos, pois é capaz de sistematizar dados provenientes da aplicação do método anterior de modo a revelar no que dois conceitos concordam e divergem; e, c) a Análise de Discurso que é um estudo da, uma disciplina que não trata da gramática, mas do discurso.

Já quanto à metodologia: a) a partir da Pesquisa Bibliográfica desvendaremos: o que são publicidade, propaganda, meme, gene, memória discursiva, memória metálica e memória digital; b) da Teoria dos Conjuntos da Matemática construiremos dois conjuntos A e B, sendo esse correspondente, por exemplo, a publicidade e aquele a propaganda, para então avaliarmos se existem, elementos ou termos que se repetem em ambos os conceitos e, se esse for o caso, nos utilizaremos da operação entre conjuntos para promovermos a Interseção (\cap) dos conjuntos A — publicidade e B — propaganda, dos quais surgirá um novo conjunto, que será formado pelos elementos que estão em A e B ao mesmo tempo.

Figura 1 — Conjunto $A \cap B$



Fonte: elaborado pelo autor, 2019.

c) e, da Análise de Discurso, proposta por Michel Pêcheux (2014) na França e por Eni Orlandi (2015) no Brasil, e pelos pesquisadores que com ela vêm promovendo importantes deslocamentos teóricos nesse campo de investigação sustentam as nossas reflexões. No que tange à memória discursiva, mobilizaremos os estudos de Pêcheux (1997); Courtine (2009), Orlandi (2015) e Indursky (2011); a memória metálica será tratada pelos postulados de Orlandi (2007) e Dias (2016), que também formula o conceito de memória digital (DIAS, 2018). Compreendemos os memes como textos compostos por diferentes materialidades significantes, conforme propõe Lagazzy (2009; 2011), que se entrelaçam e funcionam juntas no processo de produção de sentidos no espaço digital.

Resultados e discussão

A publicidade é definida por Malanga (1979, 11) como um “conjunto de técnicas e ação coletiva utilizadas para promover o lucro de uma atividade comercial, no sentido de aumentar ou manter o número de clientes”. Embora técnica, a publicidade usa das artes, literatura e criatividade para criar discursos de fácil absorção para as pessoas, persuadindo-as. Rocha (1995) explica que na publicidade os produtos “ganham vida” ao se personalizarem numa reelaboração do discurso, pois são objetos imersos em fábulas e imagens, antropomorfizados, o que leva os consumidores aos universos simbólicos a que foram atribuídos. Dessa forma, o anúncio vai além do objetivo de vender um produto, apresenta uma forma de ser e estar na sociedade através do consumo conceitual da marca.

Nesse aspecto, avaliamos que os criadores de *Rádio Compadre* vislumbraram esse consumo conceitual da marca por meio da produção de um senso de identificação entre o discurso apresentado e o consumidor de forma que o filme publicitário por meio da formulação-origem *Sabe de nada, inocente* ultrapassasse sua destinação como anúncio de produto e passasse a ser visto, também, como um produto cultural. O qual, de tanto se repetir, adquire o estatuto de meme e, após viralizar, retorna no discurso publicitário. Destarte, tanto o meme quanto a publicidade que formam o nosso corpus analítico usam de humor e ironia, bem como, de paráfrase (repetível) e polissemia (discurso novo) no processo de produção de sentidos do/nos discursos. Dessa forma, é possível que num ponto o discurso permaneça o mesmo em relação aos “já-ditos”, mas em outro, haja um deslocamento de sentido.

Considerações Finais

Por meio deste trabalho pretendemos compreender o funcionamento da memória no espaço digital (memória discursiva, memória metálica e memória digital) e para isso elegemos a formulação-origem *Sabe de nada, inocente*, que irrompe no filme publicitário *Rádio Compadre* e que de tanto se repetir, adquire o estatuto de meme e, após viralizar, retorna no discurso publicitário em *Essa é danada, mas não é ordinária*. Porquanto, nesse aspecto, tanto os produtos advindos da publicidade e propaganda podem adquirir o estatuto meme quanto esses podem ser objetos de campanhas publicitárias. E, nesse caso, cabe ressaltar que o uso retórico e discursivo de memes em campanhas publicitárias como artifício para mobilização da opinião pública, como é o caso acima, pode fazer valer do papel do humor e do entretenimento tanto para o letramento político quanto para a superficialização da informação ou à desinformação política.

Agradecimentos

À minha esposa Fernanda, à minha orientadora Célia, a Unicentro e a CAPES.

Referências Bibliográficas

- BORTOLIN, A. C. **Bela recatada e do lar**: replicação e ressignificação dos memes no espaço digital. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PPGL, Unicentro, Paraná.
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: Edufscar, 2009.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital**: um campo de questões. *Redisco*. Vitória da Conquista, v. 10, n° 2, p. 8- 20, 2016.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- FLÔRES, O. (Org.); KARNOPP, L.; GEDRAT, D. **Teorias do texto e do discurso**. Canoas: Ed. Ulbra, 2006.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.
- LAGAZZI, S. O recorte significativa da memória. In: INDURSKY, F. et al (orgs). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 67-78.
- LAGAZZI, S. O Recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In RODRIGUES, E. A. et al (orgs). **Análise de discurso no Brasil**: Pensando o impensado sempre uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: Editora RG, 2011. p. 401-410.
- MALANGA, E. **Publicidade**: uma introdução São Paulo: Atlas, 1979.
- ORLANDI, E. P. **História das ideias x história de vida**: entrevista com Eni Orlandi. In: SCHERER, A. (Org.). *fragmentum*, Santa Maria, n. 7. Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, Santa Maria, UFSM, p. 11-51, 2006.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Editora Pontes, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1983.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- Rádio Compadre**. 2014. (30s). Disponível em: https://youtu.be/VFiy_y_o-37s. Acesso em: 02 abr. 2019.
- ROCHA, E. P. **Magia e capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.



O FUNCIONAMENTO DO IMAGINÁRIO SOBRE LÍNGUA E ENSINO DE LÍNGUA NAS FALAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA (LP)¹

Kessler Kist, Rafaela²

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar o(s) imaginário(s) de língua e de ensino de língua que constitui(em) o discurso do sujeito-professor de LP, com vistas ao olhar do professor sobre o ensino de gramática. Ancoramo-nos na perspectiva teórica e analítica da Análise de Discurso de orientação pecheuxtiana (AD), de modo que nosso percurso analítico se dá a partir da materialização de duas sequências discursivas (SD), resultado de entrevistas realizadas com dois professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental II da rede estadual de ensino da cidade de Curitiba - Pr. Em nossos gestos de análise consideramos o funcionamento das modalidades de identificação do sujeito-professor as redes de memória que constituem o ensino de LP das últimas décadas.

Palavras-Chave: Análise de Discurso (AD); Ensino de Língua Portuguesa; Imaginário de Língua.

Introdução

À medida que desenvolvemos um trabalho sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP), ancorado em uma perspectiva discursiva de análise com base nos estudos de Michel Pêcheux, sublinhamos para a possibilidade de, em certos momentos, nos depararmos com uma encruzilhada. Trazer para a discussão temas como língua, ensino de língua e concepções de língua e de gramática, nos levam a refletir acerca do funcionamento discursivo de dizeres que se encontram em um lugar constituído por diferentes redes de memória, os quais se entrecruzam no interdiscurso e constituem o que compreendemos *sobre* o ensino de LP. Na perspectiva a que nos filiamos, não almejamos trilhar um caminho único, e nem buscar por repostas claras e evidentes para nos desvencilharmos dessa encruzilhada, uma vez que a AD não procura fornecer uma resposta definitiva e axiomática sobre determinado tema, mas em compreender como funciona o processo de produção de sentidos. Desse modo, destacamos que em AD “se trabalha com os processos de constituição da linguagem e da ideologia e não com seus conteúdos.” (ORLANDI, 1996, p.30).

Filiadas à perspectiva da Análise de Discurso de orientação pecheuxtiana (AD), objetivamos analisar o(s) imaginário(s) de língua e de ensino de língua que constitui(em) o discurso do professor de Língua Portuguesa (LP), considerando as distintas redes de memória que constituem e atravessam o ensino de LP, efeito das diferentes concepções de língua e de gramática que constituem o ensino de LP das últimas décadas.

1 Trabalho de Dissertação defendido no Programa de Pós- Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal do Paraná, bolsista CAPES, rafaela.kessler@gmail.com.

Metodologia

Na busca por compreender o funcionamento discursivo, em especial, o(s) imaginário(s) de língua e de ensino de língua que constitui(em) o discurso do sujeito-professor de LP, neste estudo, representado pela amostra das discursividades de dois professores, recortamos para nossa apresentação duas sequências discursivas (SD), com vistas ao olhar do professor sobre o ensino de gramática. Tais sequências são resultado de entrevistas semi-estruturadas realizadas com professores de LP do Ensino Fundamental II da rede estadual da cidade de Curitiba. As perguntas giravam em torno da importância e do objetivo do ensino de LP e do ensino de gramática. Para nossas análises mobilizamos algumas categorias teóricas, entre elas, as modalidades de identificação, interdiscurso, intradiscurso e formações imaginárias; como modalidades de análise recorreremos aos processos de paráfrase e ao funcionamento da contradição.

Resultados e discussão

Levando em consideração o proposto por Pêcheux ([1990] 2014) acerca da interpelação do indivíduo em sujeito, via identificação a certo domínio de saber, e os diferentes imaginários de língua e de ensino de LP que constituem esse ensino, propomos refletir sobre os diferentes modos de identificação do sujeito-professor aos domínios de saberes que constituem o ensino de LP.

Nas sequências recortadas para este trabalho, nos deparamos com o efeito da contradição. Segundo Magalhães e Mariani (2010, p.404, grifos nosso), “há um ponto de impossível – marcado na ordem da língua pelo ato falho, pelo chiste e *pelas contradições* – que torna visível o fato de que *não há assujeitamento total*, uma alienação completa do sujeito.” Isto é, as SDs aqui analisadas configuram domínios de saberes que ora se identificam com as atuais tendências de ensino, advindas dos estudos do Círculo de Bakhtin, ora com uma outra prática, a qual chamaremos de prática tradicional de língua. Vale mencionar que estamos considerando como prática tradicional de língua, toda prática que se opõe à perspectiva social e histórica da linguagem.

Em nossa análise, como resultado do efeito da contradição, também nos deparamos com processos parafrásticos. De acordo com Orlandi (2015, p.34), “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. [...] Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização.” Em relação aos processos parafrásticos referimo-nos aqueles dizeres que dizem respeito às redes de memória que constituem a perspectiva tradicional de língua. Esta perspectiva é reproduzida no discurso de alguns professores e, numa tentativa de estabilização de certos sentidos, ao ser colocada ao lado da abordagem social e histórica da linguagem, resulta no efeito da contradição, uma vez que há um embate nos jogos de força entre essas duas perspectivas.

Considerações Finais

Em nosso percurso analítico depreendemos que há diferentes imaginários de língua que se entrecruzam no interdiscurso e emergem no fio do discurso do sujeito-professor. Ou seja, diferentes modos de identificação aos saberes vinculados às atuais tendências de ensino e aos saberes da gramática tradicional. Dessa forma, os recortes ana-

lisados traziam pontos de regularidade em relação ao objeto língua e sobre como esse objeto deve ser ensinado na disciplina de LP.

As SDs analisadas neste trabalho possibilitaram-nos a observação do funcionamento dos jogos de força que constituem os imaginários de língua no entrelaçamento de diferentes redes de memória. Ao tomar a palavra, o sujeito se inscreve em uma ou mais formações discursivas, rede de memória que permite que seus dizeres signifiquem pela história, pelo funcionamento ideológico que o constitui. Essa inscrição do sujeito aponta para o funcionamento dos jogos de força entre os saberes da tradição gramatical e os saberes da atual tendência de ensino, que considera o contexto histórico e social da linguagem. Vale ressaltar que ao mesmo tempo em que os saberes gramaticais são questionados, eles são evidenciados, marcando-se assim a tensão e o espaço de conflito entre a tradição gramatical e a atual tendência de ensino.

O ensino de LP, deste modo, se encontra em um lugar, ao mesmo tempo de estabilidade, como também, um lugar assinalado pela instabilidade. A estabilidade é efeito de uma memória constituída por sentidos da tradição gramatical, uma filiação a redes de memória que constitui essa posição. Ao passo que a instabilidade identifica-se aos sentidos da atual tendência de ensino, outra posição, filiada a uma outra rede de memória. Portanto, os dizeres dos sujeitos-professores estão marcados por filiações à diferentes redes de memória, as quais constituem seus sentidos e os processos contraditórios e parafrásticos.

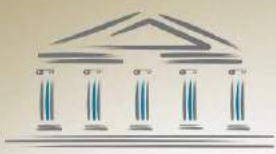
Referências Bibliográficas

MAGALHÃES, B. MARIANI, B. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP : Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, E. P. Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. [1990]. Análise automática do discurso (ADD-69). In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bras. de Eni Orlandi et al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp. 2014.



A Reprodução do Discurso de Ódio como Liberdade de Expressão: Uma perspectiva discursiva sobre o caso Marielle Franco

Resumo: Este trabalho apresenta um olhar discursivo sobre os discursos de ódio que são propagados pelas mídias sociais, em verificação dos efeitos de sentido e da formação discursiva pelo qual perpassam a liberdade de expressão e o discurso de ódio. Em função da complexidade e da abrangência do tema, focaremos principalmente nos discursos de ódio que são propagados às mulheres negras nas redes sociais, tendo como exemplo empírico: Marielle Franco: mulher, negra, vereadora, mestre e feminista que foi assassinada no Rio de Janeiro em março de 2018, que em função de sua morte, tornou aparente uma cultura de racismo no Brasil que anteriormente era concebida como um mito, conforme mostraremos ao longo deste trabalho. A pesquisa fundamenta-se na Análise do Discurso de origem Francesa, deslocando-se para os estudos de Michel Pêcheux sobre a Ideologia do Sujeito, a Formação Discursiva e os efeitos de sentido suscetíveis dos “ditos” discursos de ódio.

Palavras-Chave: Discurso de ódio, Liberdade de Expressão, Formação Discursiva, Marielle Franco.

Introdução: A Reprodução do Discurso de Ódio

A liberdade é fator fundamental da sociedade humana. Por meio dela, a ordem é instaurada e em ameaça de sua retirada, a humanidade anda nos eixos. Sendo assim, a liberdade pode significar a diferença entre reconhecer o que é certo e o que é errado. O ser livre pode decidir ter intenção, pode ser sujeito de uma realização, de um pensamento, de um sentimento. O ser livre é, portanto, competente por suas ações e inteiramente dono delas (FRANKL, 1986, pág. 192). A responsabilidade, destes dizeres, “significa a autoria indiscutível de uma realização. Também implica que o autor tenha plena consciência de suas ações” (RODRIGUES, 2003, pág.192). Esta perspectiva ideológica de liberdade é preponderante em nossa discussão central: quais os limites da liberdade de expressão? Ou seja, quais são as fronteiras delineadoras para que os dizeres sejam formados? Até que ponto valer-se da liberdade de expressão em detrimento de Direitos Humanos é aceitável? In foco, como o objetivo de contextualizar apresentaremos a propagação do Discurso de Ódio, em especial, em casos de racismo que são disseminado nas mídias sociais.

Para compreendermos de forma clara o discurso de ódio sobre o qual se respalda o racismo, num primeiro momento abordaremos a liberdade de expressão, em forma de conceito e de implicação social, que em confronto com o discurso de ódio pode ser passível de penalização numa perspectiva jurídica.

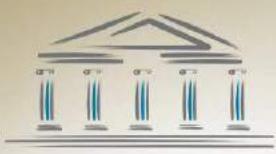
Discutiremos, também, num segundo momento a reprodução desse ódio sob uma perspectiva discursiva, pontuando o que é discurso de ódio, de que forma ele se manifesta em nossos dias, tratando como exemplo empírico os tipos diferentes de ódio que foram empregados no caso Marielle Franco, de modo específico, como as mídias sociais ficaram repletas de racismo. Essa análise será feita pelo viés da Análise do Discurso, de origem francesa, considerando a Formação Ideológica, a Formação Discursiva, a Ideologia, o Sujeito e principalmente, o Discurso e os efeitos de sentido que são causados a partir dele. Essa teoria será utilizada, por que, conforme explica Gregolin (2003), ela “nasceu com o objetivo de explicar os mecanismos discursivos que embasam a produção dos sentidos. Entendendo que há uma relação fundamental entre o linguístico e o histórico, afim que por meio desse campo transdisciplinar”, seja possível “a compreensão de como se dá a interpretação dos textos em um determinado contexto histórico, em uma determinada sociedade.”(GREGOLIN, pág.10, 2003)

O Discurso: Linguagem, memória e sujeito.

Como este trabalho buscar evidenciar, por meio de um viés discursivo, os discursos de ódios, pontuando de que forma o discurso é produzido e bem como, as implicações recorrentes de sua formação, com o intuito de construir uma análise expressiva da direção, do espaço em cujo circula e significa.

Na perspectiva da AD, o momento em qual o discurso é produzido, as circunstâncias e os meios são formadores do sentido. E é nesta formulação que, segundo Orlandi (2001), a linguagem granjeia vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se definem que o sujeito se manifesta (e se esconde). Formular um discurso é dar corpo aos sentidos. O homem, que o produz, por ser um ser simbólico, constitui-se em sujeito pela e na linguagem, isto é, usando-a e sendo passível dela, por meio desta também, se inscreve da história para significar-se. Do mesmo modo, o discurso, que fomenta a linguagem, vice-versa, age no sujeito para que sentidos sejam produzidos. Pois, é no “encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” que o discurso se constrói.

Sabendo disso, pelo viés da Análise do Discurso, o texto é pensado em sua materialidade, isto é, pela sua forma, marcas e vestígios que o formam (materializam); como historicidade significante e significada (passível de análise) e como parte de uma relação mais abstrusa entre memória/discurso/texto (ORLANDI, 1991, pág. 11); O texto se oferece como “um excelente observatório de funcionamento simbólico”. (ORLANDI, 1991, pág., 11).



Não é o texto em sua forma concreta que significa, é ele em sua construção que produz sentido. “Não é um ponto do texto que mostra a ideologia. É a formulação que se coloca como censura do contínuo da discursividade, e, e ao fazê-lo, se compromete como uma versão (interpretação, formação discursiva, ideologia)”. Portanto, o texto é “um objeto linguístico-histórico” (GREGOLIN, 2003, pág. 53), “um processo que se desenvolve de múltiplas formas, em determinadas situações sociais” (GREGOLIN, 2003, pág. 54).

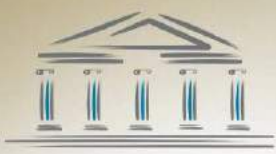
Compreendemos que há uma estreita relação entre texto, sujeito, e linguagem. Essa tríade, juntamente com a memória forma o discurso. Sabendo disso, é possível analisar de que forma os discursos de ódio significam nas suas condições de produção, definido por Orlandi como as “circunstâncias da enunciação” (ORLANDI, 2001), pontuando: Quem? Sujeitos que expõe seu racismo no caso Marielle Franco como discursos de ódio, utilizando da liberdade de expressão. Como? Por meio do livre acesso as redes sociais, e a fácil propagação de ódio. Onde? Nas mídias sociais, in foco: Facebook. Por quê? Para propagar o ódio em detrimento do que se considera como “opinião”.

Formação ideológica e Formação discursiva: Manifestações do Sujeito

Segundo Orlandi, citando Pêcheux, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia : o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (ORLANDI, 2007 apud. PÊCHEUX, 1975, p 17)

Sendo assim, o sujeito é formado ideologicamente, e até mesmo quando assume a neutralidade, o sujeito está sendo ideológico. A própria neutralidade é uma ideologia. Desta forma compreendemos que sujeito e ideologia são entidades indissolúveis. A partir desta concepção discursiva, percebemos que o falante do discurso não é apenas um indivíduo, mas sim, uma posição discursiva, e o seu discurso é o lugar em que o sujeito é interpelado, fígado por uma construção de natural que evidencia certos os sentidos e torna aparentes os dizeres; esta construção, que se dá: sujeito-discurso-sentido chamamos de ideologia.

A ideologia é formada pelo sujeito e o sujeito forma-se na ideologia, é nesta justaposição que a formação discursiva é criada. Pêcheux (1975) refletiu que o sujeito fala de diferentes lugares sociais e que a formação discursiva é diretamente afetada por contrastantes posições do sujeito ‘que constituem modalidades da relação sujeito universal com sujeito de anunciação, do sujeito do enunciado com sujeito de formulação. A formação discursiva é a concretização da ideologia. Essa se



consolida no discurso e o discurso se consolida na língua. A ideologia permite que o efeito de evidência ao sentido.

Portanto, é de fundamental importância compreender os lugares de fala, as ideologias por trás de cada discurso de ódio. Essa materialização que ocorre no discurso é identificadora do sujeito. Pois, se o sujeito é ideológico, a sua formação discursiva evidencia que tipo de sujeito está falando. Ainda citando Orlandi, “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história” (ORLANDI, pág. 100, 2003).

Os acontecimentos que resultaram do evento principal, que foi sua morte, tornaram aparente discursos de ódios e Fake News que formaram ainda mais “opiniões” a cerca dessa mulher que antes era apenas conhecida no Estado do Rio de Janeiro. Sua morte, ainda, fez de um ano de política no Brasil, uma batalha entre esquerda e direita. (COSTA, 2018). Como mencionado por Gregolin, “há sempre batalhas discursivas movendo a construção dos sentidos na sociedade. Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos” (GREGOLIN, pág. 12, 2003).

Referências bibliográficas

- CARVALHO, A.C. Uma história do Racismo no Brasil. São Paulo, 2018.
- DALMOLIN, A. R. A legislação do ódio e os limites à Liberdade de Expressão: Enfoques Contemporâneos na Mídia e no Direito. In: 3 Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade 2015. Santa Maria, RS.
- FERREIRA LEANDRO, Maria Cristina. Glossário de Termos do Discurso-Análise do Discurso. Porto Alegre, 2013.
- GREGOLIN, M. R. Discurso e Mídia a cultura do espetáculo. – São Carlos: Claraluz, 2003. 135p.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.
- _____. Discurso e Leitura. -6ª. ed., São Paulo, Campinas, 2001.
- _____, Eni. Discurso e Texto. São Paulo, Campinas, 2001.
- _____, E. P. Interpretação: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Petrópolis. Vozes, 2004.
- PECHÊUX, Michel. (1975). Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da. UNICAMP, 1997.

O BOLERO'S BAR, NÃO FALEI E CABO DE GUERRA: REELABORAÇÃO DA MEMÓRIA DA DITADURA NO BRASIL NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA¹

ACHRE, Simone Pinheiro²
FIUZA, Adriana Aparecida de Figueiredo³

Resumo

A partir da Comissão Nacional da Verdade no Brasil estabeleceu-se um *boom* das narrativas ficcionais acerca da temática da ditadura *a la* Benjamin (2016) da História. Esse aspecto pode ser verificado em *Bolero's Bar* (2007), *Não Falei* (2004) e *Cabo de Guerra* (2017). O objetivo da pesquisa é compreender como a memória da ditadura de 1964 serve de base para a ficção contemporânea e como esse tema emerge pelo viés da literatura nos enredos dos livros já mencionados. A metodologia consistirá em revisão bibliográfica. Espera-se que os resultados corroborem com o postulado por Seligmann-Silva (2003, p.43) ao afirmar que a literatura não está desligada da vida diária, nem pode ser pensada sem efeito sobre ela, mas que também não é um mero reflexo da história, porém se torna uma forma de resistência à amnésia pelo viés da ficção.

Palavras-Chave: História; Memória; Literatura Brasileira.

Introdução

Os livros *Bolero's bar* (2007), de Wilson Bueno, *Não falei* (2004), de Beatriz Bracher e *Cabo de Guerra* (2017), de Ivone Benedetti formam um importante *corpus* a ser analisado visto que tem-se, no caso do primeiro, sua urdidura durante o regime militar, mas reescrito, publicado em 1986 e que traz textos fragmentados. O segundo teve sua publicação em 2004 e o terceiro em 2017. Três épocas distintas, pós-64 e que trazem narrativas sob outros olhares. Alguns estudiosos empreenderam pesquisas que trazem o mapeamento de escritores que erigiram suas obras tendo como temática ou pano de fundo a ditadura, porém muito ainda há para ser explorado. Uma das autoras mais conhecidas a tratar da temática de livros publicados sobre o regime militar é Flora Süssekind. Ela publica em 1985 o livro *Vida Literária: polêmicas, diários e retratos* (2004), no qual apresenta a análise de vários escritores pós-modernistas que, mesmo enfrentando a censura, buscaram relatar e denunciar o que acontecia no país. Suas obras formam um acervo literário que mescla ficção e realidade e compõem um legado importante para o

1

Trabalho de Tese em Andamento, Programa de Pós-Graduação em Letras do Programa de Doutorado da UNIOESTE.

2

Aluna do Curso de Mestrado em Letras da UNIOESTE, e-mail:
simone_achre@yahoo.com

3

Professora Orientadora, Doutora em Letras PPGL, e-mail:
adrifuza@yahoo.com.br



cenário da literatura nacional. Outra pesquisadora que escreveu acerca das obras literárias brasileiras que tratam da ditadura foi Eurídice Figueiredo, em *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, publicado em 2017, em que ela trata de autores que trouxeram em suas narrativas temáticas relativas à ditadura e o faz, em um primeiro momento, esmiuçando acerca dos conceitos de memória, esquecimento e perdão. Em seguida, parte para a análise da escrita literária acerca do período da História do Brasil e para isso estabelece três períodos, sendo o primeiro de 1964 até 1979, o segundo entre os anos de 1979 até 2000 e o terceiro que segue deste último até o ano de 2016. É inquestionável o grandioso trabalho de pesquisa realizado por Figueiredo (2017), em que os livros *Não falei* (2004), e *Cabo de Guerra* (2017) até são mencionados, mas deixa espaço para uma análise mais aprofundada e não estabelecem comparações entre as duas obras. E ainda, não cita o livro *Bolero's Bar* (2007), o que demonstra que ainda há muito para ser lido com relação à ditadura no Brasil. Assim, os objetivos norteadores da presente pesquisa, que está em desenvolvimento tem por objetivo geral compreender como a memória da ditadura de 1964 serve de base para a ficção contemporânea e como esse tema emerge pelo viés da literatura nos livros de Wilson Bueno, Beatriz Bracher e Ivone Benedetti reelaborando a memória desse período ditatorial brasileiro. Ainda como específicos, observar como a escrita ficcional nutre-se na memória da ditadura, bem como: analisar como a memória da ditadura emerge da leitura dos livros, propiciar uma reflexão acerca de como ocorre à construção ficcional nos três livros, comparar como cada autor cria sua narrativa e como elas se unem pelo eixo da memória, compreender como os espaços são elaborados nas narrativas como lugares de memória, problematizar a importância da literatura como meio de contestação do discurso oficial e reflexionar como a memória é reelaborada pelo viés da literatura.

Metodologia

A pesquisa em andamento visa, por meio de revisão bibliográfica, proporcionar um levantamento da fortuna crítica acerca de Wilson Bueno, de Beatriz Bracher e Ivone Benedetti, bem como dos livros, *Bolero's Bar* (2007), *Não falei* (2004) e *Cabo de Guerra* (2016), elegidos para a análise da memória da ditadura como material para a ficção e que acabam, para usar os termos de Eurídice Figueiredo (2017), como arquivo desse período. Ainda demonstrar que muito ainda tem para ser lido, analisado e debatido acerca dessa temática na literatura brasileira contemporânea. Para que isso aconteça, a presente pesquisa será realizada em três momentos: O primeiro com seleção de material bibliográfico pertinente ao tema. O segundo com a análise do material coletado (livros, artigos e entrevistas) e fichamento dos textos que abrangem a temática, de como se estrutura e se configura a memória no fazer literário, levando em conta à memória como processo de escritura ficcional e o terceiro com a produção e elaboração da tese e posterior defesa.

Resultados e discussão

Ainda não é possível discutir de maneira plena os resultados da pesquisa, visto que o trabalho está, apenas, no início, porém acredita-se que a literatura contemporânea recupera as vozes emudecidas e esquecidas na ditadura do Brasil. São as ruínas, os restos que servem de base para os enredos da ficção. Dessa forma, crê-se que a memória da ditadura é reelaborada e atualizada para contestar os discursos oficiais, para que as



fissuras da História sejam lidas, para que as personagens marginalizadas possam ser protagonistas de uma nova narrativa. Esse papel da Literatura é importante, pois a justiça pode ser feita, uma vez que nem sempre ela acontece na vida real, a exemplo da Anistia. Pensa-se que, ao fazer uma Lei em que se perdoam os crimes cometidos, gera-se o esquecimento e o apagamento da memória, logo, esses crimes poderão vir ocorrer novamente, sob outras formas, como comemorar o Golpe de 64 como um grande feito para o Brasil. Nesse sentido, a Literatura enquanto reelaboração da memória cumpre um papel fundamental de resistência ao sistema opressor, ao velho e ao novo golpe.

Considerações Finais

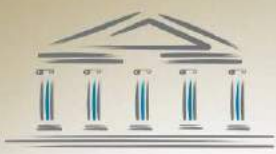
Foucault dá voz, em “A Vida dos Homens Infames” (1992), aos emudecidos da História, aqueles que são esquecidos nos discursos dos que detêm o poder. Da mesma forma, a Literatura cumpre esse papel sob o prisma da ficção. Mais do que isso, permite o colocar-se no lugar do outro, o testemunhar de outras narrativas possíveis. Dessa maneira, acredita-se que a literatura contemporânea reelabora a memória da ditadura ao tecer enredos cujo tema principal ou mesmo, o pano de fundo, é a ditadura brasileira, pois pela linguagem propicia olhares outros para o passado e com isso a História é lida *a la* Walter Benjamin (2016).

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação da UNICENTRO.
Ao Programa de Pós-Graduação da UNIOESTE.
A CAPES.

Referências Bibliográficas

- BENEDETTI, Ivone. *Cabo de guerra*. São Paulo: Boitempo, 2016. Edição do Kindle.
- BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*. Organização e tradução de João Barreto. - 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BRACHER, Beatriz. *Não falei*. São Paulo: Editora 34, 2004. Edição do Kindle.
- BUENO, Wilson. *Bolero's Bar*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2007.
- _____. *Diário Vagau*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2007.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p. 89-128.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François [et al]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: Polêmicas, diários e Retratos*. 2. ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.



INSTITUTO INHOTIM: O ESPAÇO-MUSEU E O DISCURSO MUSEOLÓGICO

Tatiana Barbosa de SOUSA¹
Orientador: Maria Cleci VENTURINI²

Neste trabalho, olhamos para o museu não como definido em seu sentido já cristalizado em nossa sociedade, aquele do dicionário, que o delimita como um lugar reservado para guardar e acumular coisas e histórias e, sim, como um lugar de significação, mostrado por Orlandi (2013, p. 12) como a prática de relações e filiações e, portanto, significação que se dá na leitura de arquivos dados.

Sendo esse – o museu - um lugar de significação, buscamos compreender como a relação do sujeito com a obra/espço produz um acontecimento que é único e, por conseguinte, clama por discurso, e por meio de sua discursivização, já ensinada por Pêcheux, mostra o acontecimento que já está, historicamente, posto e dado pela filiação do sujeito a uma dada filiação discursiva.

O Inhotim, um museu a céu aberto e o maior da América Latina, privilegia sempre a tríade “arte contemporânea, paisagismo e arquitetura”, o que nos permite afirmar que a visita lá realizada produz significações que também rompem com os sentidos cristalizados de história e memória, sendo individualizada pela filiação ideológica de cada visitante, de acordo com os discursos que rompem e dão sentido ao que é vivenciado diante dessa materialidade significativa, uma memória, o museu.

Do ponto da Análise de Discurso de linha francesa, observamos a relação entre os sujeitos e as práticas sociais, pensando no discurso como um movimento, aberto aos efeitos de sentido daquilo que foi dito/mostrado e, também, do que é não-dito/mostrado. O discurso para nós, tal como definido por Pêcheux (1969), é o efeito de sentido entre os locutores e, sendo assim, os sentidos e os significados são produzidos pelos interlocutores em lugares específicos das condições de produção (Pêcheux, 1975/97) e, por isso, podemos

¹ Pós-doutoranda em Letras (CAPES/PNPD) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: tatianabsq@gmail.com.

² Professora Associada, do Departamento de Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Docente do Corpo Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: mariacleciventurini@gmail.com.

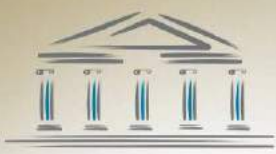
compreender, como explica Orlandi (2001, p. 15), que o homem/sujeito tem a capacidade de significar e significar-se de acordo com suas filiações ideológicas e do que faz sentido a partir do que se repete e constitui memória.

Retomamos Venturini (2017) para afirmar que no entremeio museu, arquivo, história e memória, os museus são apontados, muitas vezes, como capazes de abrandar, falsificar e, para nós, delimitar a história e, a partir daí, teríamos as “memórias planejadas ou memórias reencontradas, apaziguadas, confrontadas” (p. 52).

Sendo assim, elegemos com vistas à realização de um exercício analítico, uma das obras de Adriana Varejão, a “*Celacanto provoca Maremoto*”. Pela pintura em azulejos portugueses ressoa a memória da colonização portuguesa sobre o Brasil e a artista mobiliza o estilo Barroco para dar vida à possibilidade de discussões outras, que não estão ali pintadas/desenhadas, mas que, ao mesmo tempo, gritam pelo que não está dito, não está posto, mas que ressoa pelo memorável e faz emergir no sujeito-visitante uma experiência exclusivamente sua, relacionada à sua capacidade de ler o que não está escrito e nem dito, como pré-construído, segundo Pêcheux (1997, p. 160) o que significa antes em outro lugar.

Os museus, como espaços públicos de significação, são instituições que funcionam no meandro entre a ruptura e a permanência dessas significações, na relação de sujeito e para sujeito, instaurando o discurso. Venturini (2017, p. 53) propõe que se pense em um corpo-memória e, além, um corpo-documento, um corpo pelo qual ressoam memórias que circularam antes e também em lugares outros, como pré-construídos, e estão sujeitos à falta e à falha; um corpo que “pela repetibilidade constitui a memória, significando por e para sujeitos”.

“*Celacanto provoca maremoto*” é o título da obra que significa, aos que estão ali a olhos nus, apenas um conjunto de azulejos brancos craquelados em tons de azul, que representam figuras/rostos (desconhecidos) sem uma sequência lógica, desformes, sem uma intenção aparente. É necessário pensar nos Celacantos como espécie de peixes temida pelos japoneses de outrora pela lenda de que eles (os peixes) seriam os causadores dos maremotos frequentes no país, como uma memória que constitui efeitos na atualidade. Isso ocorre, segundo a lenda, que quando os peixes sentiam a movimentação das placas tectônicas, eles subiam para a superfície na tentativa de fugir da revolta do mar



e, devido a sua aparição, momentos antes do maremoto, os nativos japoneses associavam esse acontecimento memorável aos ataques ferozes do mar, como um anúncio e, pela lenda, a causa de um acontecimento trágico.

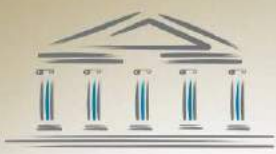
Se pensamos nos museus como lugares de memória, pensamos no aspecto discursivo das significações ali presentes (ou ausentes). Este modo de pensar o que está ausente pelo presente torna-se possível pelo movimento de um corpo que não se distancia do discurso, mas que por ele movimenta-se e transforma-se. Nesse funcionamento, buscamos a relação do corpo-documento com a obra de Varejão como produtora de sentidos outros além dos que encontramos daqueles que ecoam na superfície de sua pintura.

A obra, que mobiliza temas como colonização, história, lendas e ditadura, inscreve-se em uma rede de memórias em que se instauram sentidos conectados ao tempo, a acontecimentos, a memórias que circulam e ressoam por meio de corpos de sujeitos que visitam o museu ou, ainda, constituem esse museu e se submetem a posições sócio-históricas pelas quais se significam e significam o espaço museológico, por meio de efeitos de sentidos que fazem funcionar memórias de uma história que marca o Brasil, desde sua constituição como nação, em dois momentos muito fortes e que o determinam como o povo sujeito-memória que somos hoje, a saber: a colonização e a ditadura.

Porém, é uma memória que se dá pelas falhas no equívoco, definido por Pêcheux e Gadet (2004) pela relação entre a memória e a história e, que perturba o modo como nós – os Brasileiros – queremos/podemos/devemos pensar a colonização imposta ao Brasil. Se, para Orlandi (2012, p. 87), os museus são instituições que permitem a autorreflexão, a autocrítica e o questionamento sobre eles mesmos, podemos entendê-lo como um lugar de produção de arquivos e, também, da relação entre essa produção e os sujeitos em um processo sócio-histórico, inerente a cada formação social, que corrobora por ressaltar a constituição do sujeito em relação a outros sujeitos em uma dada comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o sujeito-vistante inscreve-se em uma posição-sujeito designada por Pêcheux (1997) de mau sujeito, ele distancia-se de tudo aquilo que vê, visita e interpreta e questiona a colonização portuguesa, perguntando o que trouxe de



positivo, de autonomia e auto construção ao Brasileiro (primeiro habitante) e o que ele impôs como aculturação, ditando normas, preceitos, pré-construídos, que contribuíram para discursos que reforçam os benefícios da colonização.

É um discurso recorrente que propaga aos quatro cantos que os índios aceitaram ser seduzidos e submetidos à cultura portuguesa. Os apagamentos ficam por conta da invisibilidade da cultura indígena tanto em relação à estrutura familiar, quanto cultural e/ou religiosa.

É nesse sentido que Varejão dá visibilidade à significação dada pela historicidade que contribui para o apagamento daqueles que foram anulados como sujeitos-voz em seu próprio país, o Brasil, e a uma história que se repete e, também, rompe com essa repetição. Isso se dá a partir de posições-sujeitos que se aceitam as condições de produção impostas pelo discurso colonizador ou por aqueles que instauram equívoco por meio de distanciamentos e de resistências dadas pelo mau sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADET, Françoise, PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da Linguística. Trad. Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas/SP: Pontes Editora, 2004.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da UNICAMP. 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. De Eni Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. 1a.ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e espaços públicos no encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo documento. In VENTURINI, Maria Cleci **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.